



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PATRÍCIA MARIA DE LIMA FREITAS

**PROFESSORES DE CURSOS PRÉ-VESTIBULARES E A ESCOLHA
PROFISSIONAL DE SEUS ALUNOS: UM ESTUDO NA CIDADE DE MARINGÁ-PR**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dulce Helena Penna Soares

Florianópolis
2006

PATRÍCIA MARIA DE LIMA FREITAS

**PROFESSORES DE CURSOS PRÉ-VESTIBULARES E A ESCOLHA
PROFISSIONAL DE SEUS ALUNOS: UM ESTUDO NA CIDADE DE MARINGÁ-PR**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia na linha de pesquisa Práticas Sociais e Constituição do Sujeito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dulce Helena Penna Soares

Florianópolis
2006

**PROFESSORES DE CURSOS PRÉ-VESTIBULARES E A ESCOLHA
PROFISSIONAL DE SEUS ALUNOS: UM ESTUDO NA CIDADE DE
MARINGÁ-PR**

PATRICIA MARIA DE LIMA FREITAS

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de
Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências de
Filosofia e Ciências Humanas em cumprimento
parcial para obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores:

Prof.ª Dr.ª Dulce Helena Penna Soares - UFSC

(Orientadora)

Prof. Dr. Lucídio Bianchetti – UFSC

(Membro)

Prof.ª Dr.ª Maria Chalfin Coutinho – UFSC

(Membro)

Prof.ª Dr.ª Edite Krawulski – UFSC

(Membro)

DEDICATÓRIA

Ofereço este trabalho, com amor, aos meus pais Maria de Lourdes Lima e Antonio de Lisboa Freitas.

Com carinho, dedico

ao meu noivo Waelce Enami, pelo apoio, paciência, dedicação e incentivo durante toda essa trajetória. Muito obrigada pelo amor e companheirismo!!!;

à minha irmã Mariana, pela dedicação e cuidados com a Cindy durante as minhas ausências...;

aos meus irmãos Raphael, Gabriel e Rebeca, que cada vez mais se tornam irmãos;

às minhas amigas Aline e Ana Cláudia, que de alguma forma mesmo de longe me deram incentivo a essa nova conquista.

em especial à amiga Andréa, por me acolher, pelo diálogo que vivemos durante este tempo, pela amizade que fizemos na realização do curso, pelas brincadeiras e discussões, pelo auxílio nos momentos difíceis e pelos momentos de estudo;

aos meus futuros cunhados Lucia e Widmark, por presenciar meus progressos;

à Escola O Bom Pastor, em especial a Ivone, pelo apoio e incentivo;

entre algumas, que são especiais, à Cindy e Hanna, que me deram alegria e força nos momentos de dificuldade.

AGRADECIMENTOS

De forma especial, agradeço à Prof.^a Dr.^a Dulce Helena Penna Soares, a quem devo meu ingresso na área de Orientação Profissional, que me acolheu e orientou. Agradeço pela competência, dedicação, amizade, carinho e simpatia. A você um muito obrigada!!!

Aos componentes do exame de qualificação, pelas preciosas contribuições nos encaminhamentos da dissertação: Prof.^a Dr.^a Andréa Vieira Zanella, Prof. Dr. Lucídio Bianchetti e Prof.^a Dr.^a Marilu Diez Lisboa.

Aos professores entrevistados, pela contribuição e colaboração em participar da pesquisa, pelo aprendizado e espontaneidade.

Aos coordenadores de cursos pré-vestibulares, que possibilitaram meu acesso às entrevistas concedidas.

Aos professores Andréa Vieira Zanella, Kleber Prado Filho, Maria Chalfin Coutinho, Maria Juracy Filgueiras Toneli Siqueira, Bernadete Wrublevski Aued, pelos conhecimentos compartilhados e que, durante o curso de mestrado, estiveram próximos e auxiliaram nesta caminhada.

Ao Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, pessoa a quem sou muito grata, pelo apoio incondicional, talvez um dos mais importantes para que esta dissertação se tornasse realidade. Princípio de tudo!!!

Aos meus pacientes, pela colaboração e paciência pelas vezes que tiveram que entender as minhas ausências...

Aos meus queridos alunos, pelo incentivo na conclusão desta nova etapa.

Aos meus colegas de mestrado com quem dialoguei em vários momentos do curso. Que bom que estivemos juntos. Em especial à Adriana, que, num primeiro momento, me acolheu em sua casa.

Aos funcionários da UFSC, que me auxiliaram neste trabalho, em especial aos da Secretária da Pós-Graduação da Psicologia, Cristiano e Janete.

E, por fim, um agradecimento especial a todos que desempenharam papéis importantes e que, de alguma forma, estiveram envolvidos nesta caminhada.

*Quando os homens viram os olhos do poeta,
Acharam em sua luz a luz do próprio olhar
E no seu sonho o próprio sonho refletido.
No ritmo de seu verso, então, reconheceram
A canção que cantariam, se soubessem cantar*

Helena Kolody (Elogio do Poeta)

RESUMO

O objetivo do presente estudo é investigar a compreensão e participação dos professores de cursos pré-vestibulares sobre a escolha profissional de seus (suas) alunos(as), bem como identificar os fatores determinantes na escolha do aluno na concepção do professor; averiguar a compreensão dos professores em relação à escolha profissional do aluno; verificar a participação dos cursos pré-vestibulares no processo de escolha profissional do aluno e compreender o lugar que o professor ocupa nessa escolha. A relevância da pesquisa retrata a possibilidade de estudar a participação dos professores na escolha profissional de seus alunos, tendo em vista que estes poderão auxiliá-los em seu processo. Atualmente, os professores de ensino médio e cursinhos apresentam uma preocupação maior em cumprir o conteúdo escolar, aspecto que dificulta a criação de um espaço de discussões com os alunos. Foram selecionados como sujeitos da pesquisa cinco professores e uma professora de cursinho da cidade de Maringá e região Noroeste do Paraná, com experiência profissional entre sete e dezesseis anos na área de docência. Os dados foram coletados por intermédio de uma entrevista semidirigida realizada com os professores. De posse desses dados, foram estabelecidas as categorias e subcategorias de análise: histórico pessoal e profissional, a compreensão sobre a escolha profissional do aluno e a função dos cursinhos na escolha do aluno na concepção dos professores. Os resultados obtidos revelam que os professores, ao falarem de si e de sua escolha, “*se dão conta*” de suas influências, conseguindo compreender a escolha do outro, isto é, de seu aluno. De acordo com a análise dos dados, a informação profissional é restrita aos alunos que buscam orientação junto aos professores nos corredores do cursinho, embora muitas vezes os professores não percebam, esta informação é associada ao conteúdo programático desenvolvido durante as aulas. Os professores relacionam a dificuldade de compreensão do processo de escolha profissional de seu aluno com a falta de contato interpessoal. Segundo eles, o aluno de cursinho não tem uma escolha propriamente dita por desconhecer os fatores determinantes que influenciam na escolha e por apresentar uma preocupação apenas com a formação, como tentativa de suprir as necessidades emergentes do mundo do trabalho. Durante a pesquisa, percebeu-se o engajamento dos professores, embora não haja consciência por parte deles e/ou associação de sua preocupação com a prática de Orientação Profissional. A presente pesquisa demonstrou que os cursinhos não participam e não se responsabilizam pela escolha profissional do aluno na concepção dos professores. Com base nestes resultados, tem-se como proposta propiciar a participação dos professores no processo de escolha profissional de seus alunos e fornecer subsídios teóricos e práticos para um futuro trabalho de orientação profissional nos cursinhos.

Palavras-Chave: Escolha profissional. Professores de cursinhos. Cursos pré-vestibulares. Orientação profissional.

ABSTRACT

The objective of the present study is to investigate the understanding and the teachers' of preparatory courses participation on the professional choice of yours students, as well as to identify the decisive factors in the student's choice in the teacher's conception, to discover the teachers' understanding in relation to the student's professional choice, to verify the participation of the courses college entrance exams in the process of the student's professional choice and to understand the place that the teacher occupies in that choice. The relevance of the research discuss the possibility to study the teachers' participation in their students' professional choice, tends in view that these can aid them in that process. Now the teachers of medium teaching and preparatory courses present a largest concern in accomplishing the school content, aspect that hinders the creation of a space of discussions with the students. They were selected as difficult of the research five teachers and a teacher of preparatory course of the city of Maringá and Northwest area of Paraná, with professional experience among 7 and 16 years in the teaching area. The information were collected through an interview with the teachers. Of ownership of those information they were established to the categories of analysis: personal and professional history, the understanding about the student's professional choice and the function of the preparatory courses in the student's choice in the teachers' conception. The obtained results reveal that the teachers to them they speak about itself and of his/her choice "if they give bill" of their influences, getting to understand the choice of the other, that is, of his/her student. In agreement with the analysis of the data the professional information is restricted to the students that look for guidance close to the teachers in the corridors of the preparatory course, although a lot of times the teachers don't notice, this information is associated to the content developed during the classes. The teachers relate the difficulty of understanding of the process of his/her student's professional choice with the need of contact between students. According to them the preparatory course student doesn't have a choice, for ignoring the decisive factors that influence in the choice and for presenting a concern just with the formation, as attempt of supplying the emerging needs of the world of the work. During the research it is noticed the teachers' engagement, although there is not conscience on the part of them and association of his/her concern with the practice of OP. To present research it demonstrated that the preparatory courses don't participate and they don't take the responsibility for the student's professional choice in the teachers' conception. To leave of those results it is had as proposal the teachers' participation in the process of their students' professional choice and to supply theoretical and practical subsidies for a future work of vocational guidance in the preparatory courses.

Key words: Professional choose. Teachers of preparatory courses. Preparatory courses. Vocational guidance.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	13
TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	14
INTRODUÇÃO.....	17
1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA.....	17
2 OBJETIVOS.....	21
2.1 Objetivo geral.....	21
2.2 Objetivos específicos.....	21
REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
1 A ESCOLHA PROFISSIONAL.....	22
1.1 Vocação.....	22
1.2 Orientação profissional e suas características.....	26
1.3 Fatores determinantes na escolha.....	28
1.4 O jovem e as transformações do mundo do trabalho.....	30
2 O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR.....	34
2.1 Contextos históricos do vestibular.....	34
O CAMINHO PERCORRIDO.....	39
1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	39
2 DESCRIÇÃO DOS ATORES.....	40
3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	41
4 CONTEXTO DA ANÁLISE DOS DADOS.....	42
O CENÁRIO.....	45
1 PERFIL DOS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES PESQUISADOS.....	45
2 ANÁLISE DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS.....	49

OS ATORES PRINCIPAIS.....	54
1 OS PERSONAGENS E SUAS HISTÓRIAS.....	54
1.1 Camila: “16, 17, 18 anos é cedo para escolher, as universidades teriam menos bancos vazios e pessoas que desistiriam por insatisfação”.....	55
1.2 David: “Eu fui influenciado pelo cursinho, eu sempre queria exatas, só que eu nunca sabia qual curso”.....	59
1.3 Renato: “eu poderia ter me formado como engenheiro, só que eu seria professor de matemática”.....	62
1.4 Manoel: “eu sou uma ponte de dois universos”.....	65
1.5 Marcelo: “paixão de ser professor, porque eu adoro ser professor, então acabo influenciando os alunos”.....	70
1.6 Álvaro: “o mais importante é saber a história do aluno e ouvir a história das profissões da família dele. Como te disse na minha família é determinante”.....	72
ESPETÁCULO: “A VIDA É UMA ESCOLHA COLADA DE RENÚNCIAS”.....	76
1 HISTÓRICO PESSOAL E PROFISSIONAL.....	76
2 PAPEL DO PROFESSOR NA ESCOLHA PROFISSIONAL DE SEUS ALUNOS.....	78
2.1 Compreensão sobre a escolha profissional do aluno.....	78
2.2 Lugar na escolha profissional.....	81
2.3 Participação do professor na escolha da profissão de seu aluno.....	82
2.4 Fatores que dificultam a escolha profissional.....	84
2.5 Influências do professor na escolha.....	86
2.6 Trajetória da escolha profissional do professor.....	87
2.7 Orientação profissional.....	92
3 A FUNÇÃO DOS CURSINHOS NA ESCOLHA PROFISSIONAL DO ALUNO NA CONCEPÇÃO DO PROFESSOR	94
EPÍLOGO.....	97
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICES.....	108
A ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	108
B PERFIL RESUMIDO DOS CURSINHOS.....	110

C CARTA DE INFORMAÇÕES AOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	111
D TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	112

LISTA DE TABELAS

1	Categorias e Subcategorias Temáticas de Análise.....	44
2	Perfil Resumido dos Cursos Pré-Vestibulares.....	52
3	Caracterização dos Atores.....	55

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A trajetória profissional e pessoal que percorri na orientação profissional iniciou-se em 1998, na graduação em Psicologia, quando cursei a disciplina de "Orientação Vocacional e Profissional" na Universidade Estadual de Maringá. Inicialmente, a disciplina não despertou o meu interesse pela orientação profissional, uma vez que nesta universidade, a concepção de intervenção fundamentava-se na aplicação de bateria de testes. No decorrer da disciplina, entrei em contato com um curso pré-vestibular, na cidade de Maringá-PR, para desenvolver um trabalho como projeto de extensão, supervisionado e orientado por um professor da Universidade, que tinha por objetivo "orientar"¹ os vestibulandos a escolher uma profissão por intermédio da aplicação de testes. Após a divulgação do trabalho no 'cursinho'², cinquenta alunos foram inscritos, e pude perceber, pela demanda, que havia uma grande dificuldade dos jovens na escolha da futura profissão.

O trabalho foi desenvolvido em grupo, com um total de oito encontros, nos quais predominou a aplicação de bateria de testes de interesses e aptidões, conforme aprendido na disciplina de Orientação Vocacional durante a graduação. No decorrer do projeto, pude perceber o quanto estava sendo cansativo o uso desses instrumentos, tanto para os alunos quanto para mim, orientadora, e o quanto era prejudicado o relacionamento interpessoal do grupo, visto que cada aluno preenchia as folhas de respostas e, após serem corrigidas, era marcada uma entrevista devolutiva individual para a informação dos resultados obtidos nos testes. O trabalho tornou-se dispersivo e a metodologia adotada mostrava-se ineficaz e inviável para orientar os alunos na escolha da profissão.

A experiência inquietou-me e iniciei uma nova busca de informações e aprimoramento, em particular em cursos e eventos relacionados à orientação profissional e organizados pela Associação Brasileira de Orientadores Profissionais _ ABOP, bem como os diversos trabalhos desenvolvidos no Laboratório de Informação de Orientação Profissional – LIOP, da Universidade Federal de Santa Catarina. O conhecimento de diferentes formas de atuação em orientação profissional possibilitou o aperfeiçoamento no trabalho,

¹ É utilizado "orientar" entre aspas, pois a Orientação Profissional realizada por testes, segundo Soares (2002, p. 122), "não responde às dúvidas dos jovens, que acabam voltando a procurar outros serviços de orientação profissional, uma vez que ainda desejam e esperam respostas objetivas sobre seu futuro profissional".

² Para referir os cursos preparatórios para o vestibular, utilizam-se os termos cursinhos, pré-vestibular ou preparatórios. No decorrer do projeto de pesquisa, também será utilizada a expressão "cursinhos" que, segundo Bacchetto (2003), consiste em organizações específicas de preparação para os exames de acesso ao Ensino Superior no Brasil.

proporcionando a elaboração de uma proposta diferenciada para atender à realidade dos orientandos da cidade de Maringá e região do Noroeste do Paraná.

O trabalho em orientação profissional, desenvolvido nessa época, foi sendo divulgado em outras escolas de ensino médio e cursinhos, que também demonstraram interesse em oferecê-lo. Aos poucos, a prática foi modificada, eliminando os testes e substituindo-os por técnicas de dinâmicas de grupo, vivências e discussões sobre o mundo do trabalho, as dificuldades em escolher uma profissão, o auto-conhecimento, a necessidade de informação profissional e outras atividades específicas da orientação profissional. Pude perceber que o trabalho tornou-se relevante devido à riqueza da troca de informações, discussões e experiências grupais.

No momento, atuo como psicóloga clínica, atendendo crianças, adolescentes e adultos, bem como realizo trabalhos de orientação profissional nas escolas particulares do ensino médio e cursinhos na cidade de Maringá-PR e região.

As considerações aqui apresentadas decorrem das experiências com o projeto de extensão, os atuais trabalhos de orientação profissional e a prática clínica. A partir disto tive interesse no mestrado em Psicologia na área de Práticas Sociais e Constituição do Sujeito com foco na Orientação Profissional. Devido aos encaminhamentos realizados ao longo do mestrado, optei por desenvolver uma pesquisa com professores de cursos pré-vestibulares, a fim de investigar qual a compreensão e participação que eles têm sobre a escolha profissional de seus alunos, tendo em vista as pesquisas existentes com alunos que apresentam dificuldade em escolher uma profissão.

Considero importante a possibilidade de participação dos professores no processo de escolha profissional de seus alunos, visto que estes poderão auxiliá-los ante a dificuldade de escolha de um curso. Todavia atualmente, os professores de ensino médio e cursos pré-vestibulares alegam falta de tempo devido à preocupação em cumprir o conteúdo escolar conforme o que a instituição preconiza, aspecto que dificulta a criação de um espaço de discussões com os alunos sobre a importância de escolher uma profissão, as possíveis influências na escolha, as transformações do mundo do trabalho, a inserção do jovem no mercado de trabalho.

O aluno também desconhece a dificuldade que o próprio professor teve para escolher a sua profissão, a qual muitas vezes, podia estar relacionada à falta de informação e orientação profissional.

No levantamento bibliográfico inicial, não identifiquei, na pesquisa de banco de dados³, trabalhos de orientação profissional que envolvam a participação de professores de ensino médio e/ou cursos pré-vestibulares.

Nas pesquisas realizadas, a questão da escolha profissional remete apenas aos alunos e/ou orientandos. Pelo fato de ser pesquisadora e orientadora profissional, senti falta de estudos sobre os cursos pré-vestibulares, uma instituição específica de estudos prévios para o vestibular, circundada de alunos que se encontram em processo decisivo para a escolha de uma profissão, bem como em preparação para o exame.

Neste caso, tenho interesse, com o presente estudo, em possibilitar futuras pesquisas relacionadas à participação dos professores na escolha profissional de seus alunos e enfocar a importância do papel do cursinho neste processo.

O caminho da pesquisa leva-me a discutir o que os professores pensam sobre a escolha profissional de seus alunos e se os cursos pré-vestibulares participam dessa escolha e de que maneira.

Concluir este estudo foi um verdadeiro desafio, pelo fato de ter trabalhado, até então, apenas com alunos que apresentavam dificuldades em escolher uma profissão. Foi muito interessante desvendar um outro cenário, tendo como personagens principais os professores de cursinhos e qual a relação deles com a escolha profissional de seus alunos.

³ Scielo, Unibibliweb, Biblioteca Digital da Unicamp, Banco de Teses da Capes.

INTRODUÇÃO

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA

No processo educacional brasileiro, a educação superior é um sistema complexo e diversificado, formada por instituições públicas, privadas e comunitárias, permeada por diferentes tipos de cursos e programas.

Atualmente no Brasil, conforme as pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, tomada a totalidade da população brasileira, apenas 12% dos jovens entre 18 e 24 anos concluintes do ensino médio ingressam no Ensino Superior, de acordo com as estatísticas divulgadas no site da Universidade de Brasília (2005).

Entre os jovens que não concluíram o ensino médio, alguns procuram terminá-lo e/ou ainda têm a intenção de ingressar, porém, estatisticamente falando, são poucos que conseguem atingir tal objetivo, porque a faixa etária do jovem de ensino médio coincide com a idade de inserção no mercado de trabalho, aspecto que dificulta a valorização e dedicação ao estudo pela existência de necessidade de renda e emprego no mundo do trabalho. Além disso, muitas vezes, o jovem encontra-se em situações de emprego, busca de emprego e/ou desemprego.

Nos últimos anos, a demanda no ensino superior aumentou em decorrência da necessidade de obtenção de melhor renda e emprego, expansão do ensino médio e o grande número de candidatos inscritos no vestibular. Os principais fatores, possivelmente, estão relacionados com o aumento do número de candidatos que concluem o ensino médio, as exigências do mercado de trabalho por níveis mais elevados de qualificação profissional, escolaridade, benefícios sociais por ter um diploma de nível superior, sendo, na maioria das vezes, um diferencial para a conquista de um emprego e entrada e permanência no mercado de trabalho.

Devido à busca pelo ensino superior, há uma expansão de vagas em instituições privadas que facilitam o acesso de quem pode custear tal curso. Por outro lado, a reprovação dos alunos no vestibular oferecido pelas instituições públicas e a grande concorrência dificultam o ingresso destes no ensino superior público. Conforme os dados do MEC/INEP (2004), a questão da desigualdade entre ensino público e privado no Brasil é algo a ser discutido:

A crise na qualidade de ensino aprofunda a diferença entre ensino público e ensino pago, entre ensino para os que trabalham e para os que não trabalham. Os dados mostram que essas desigualdades têm persistido. Além

disso, a obtenção de um diploma de ensino médio acaba tendo significados muito heterogêneos em termos de aprendizagem, domínio de conteúdos e construção de habilidades e competências. Logo, o valor social conferido ao diploma passa também a não ser mais equivalente, mas discriminatório, dependendo da instituição em que se estudou, do tipo de educação recebida, entre outras características. [...] Esse quadro remete-se ao aprofundamento das desigualdades sociais, uma vez que o ensino pago é muito seletivo economicamente e tem-se mostrado uma forma de “proteção” contra a queda de qualidade das escolas públicas, principalmente tendo em vista o prosseguimento dos estudos no ensino superior.

Por essa razão, ocorre o afunilamento causado pelo processo de seleção elitista, que impede o acesso superior das camadas populares. Hamburguer (1987, p. 13) evidencia que "a primeira e grande seleção é, portanto, sócio-econômica, só pode entrar na universidade quem tem condições de pagar e seguir um cursinho", ou até mesmo quem tem uma formação de ensino médio que vence as barreiras de uma instituição pública.

É significativo o número reduzido de brasileiros que possuem nível superior se comparado ao restante da população, de acordo com Fórum Brasil em Questão, que discute o futuro da universidade brasileira. No site da Universidade de Brasília os dados revelam,

Hoje, 70% das matrículas dos estudantes do ensino superior são realizadas em instituições privadas. Nos anos 60, essa relação era de 60% nas universidades públicas (federais, estaduais e municipais) e 40% em escolas particulares. As estatísticas não mentem: o ensino superior brasileiro está em franca crise e pede mudanças.

Devido a essa crise, tem-se a necessidade de mudanças no sistema educacional. Os debatedores do Fórum afirmam que é preciso expandir quantitativamente o acesso ao ensino superior, bem como, garantir a missão pública do ensino, evitando a mercantilização do setor privado e a privatização do público. Portanto, devido a esses fatores, percebe-se a necessidade de novas discussões e reflexões para a reforma universitária.

Frente a essa realidade, caminha outra faceta relacionada à evasão no ensino superior. De acordo com uma pesquisa realizada na USP⁴ e publicada na Folha de S. Paulo (2005), constatou-se que aproximadamente 50% dos estudantes desistentes da graduação apresentam dificuldades no momento da escolha profissional por influências dos pais, falta de informação profissional e mercado de trabalho, conforme os dados revelam:

⁴ Estudo inédito realizado na USP sobre o mapeamento das causas da evasão no ensino superior publicado na Folha de S.Paulo – Má escolha é maior causa de evasão (Harnik, 2005).

[...] 44,5% dos alunos acabam abandonando o que era sonho de realização profissional e se tornou a opção errada. Outros 30,7 % desistem por não gostarem da estrutura do curso que ingressaram. Depois, seguem os insatisfeitos com o mercado de trabalho e com a profissão, que somam 13,4%. Os que desanimam por razões pessoais, como, problemas familiares, financeiros, afetivos são 10,5%. Menos de 1% é motivado a largar a faculdade por não se adaptar à cidade em que ela se localiza.

Diante destes dados, o estudo realizado na USP pela professora Yvette Piha Lehmann revelou uma alternativa para as universidades evitarem o abandono nos cursos universitários, ou seja, uma proposta de oferecer ao jovem, no processo de escolha, atendimento e orientação profissional. A professora é coordenadora do Serviço de Orientação Profissional do Instituto de Psicologia na USP e afirma que do “[...] total dos alunos que passou pela orientação, 73% conseguiram clarear os motivos da crise e não desistiram do curso”.

Então, um dos principais motivos de desistência nos cursos de graduação encontra-se relacionado com as escolhas profissionais mal feitas e a falta de informação profissional. Assim, evidencia-se a importância da escolha na vida do indivíduo, bem como a necessidade de inserção de trabalhos de orientação profissional no meio educacional, a fim de auxiliar o aluno ante a dificuldade de escolha de um curso.

As pesquisas de Soares (2002) e Lisboa (2002) apresentam uma carência de atividades de OP⁵ no ensino médio e o descompromisso com a construção e a transformação da sociedade por meio do fazer profissional em relação aos alunos e à escolha. Na maioria das vezes, é perceptível a mobilização dos alunos sobre a escolha profissional apenas no último ano de ensino médio e ou ante o fracasso do vestibular. Portanto, percebe-se no meio educacional a não realização de trabalhos relacionados à área de orientação profissional.

Frente à realidade perversa de uma sociedade excludente e a precariedade da qualidade do ensino, surgem os cursos pré-vestibulares como forma de suprir as carências do ensino médio. Soares (2002, p. 69) afirma que "eles fazem o que o ensino médio não fez, e assim, se alguém deseja passar no vestibular, deve frequentar o cursinho". Os cursos pré-vestibulares são organizações específicas de preparação para os exames de acesso ao ensino superior, cujo conteúdo programático é baseado, exclusivamente, nos exames vestibulares.

Ribeiro (1987, p. 30) pontua que

[...] a escola secundária, incapaz de especializar-se ao nível dos inúmeros vestibulares existentes, repassa aos chamados cursos preparatórios (cursinhos) a responsabilidade de treinar os candidatos aos vestibulares. A

⁵ No decorrer da dissertação, será utilizada a expressão orientação profissional e/ou a sigla OP.

partir do 2º ano do então colegial, os alunos eram transferidos para os “cursinhos”; estes, por sua vez, à margem do sistema formal, se permitiam toda a sorte de abusos, com turmas gigantescas, por exemplo.

É importante destacar que os cursinhos priorizam a aprovação dos alunos nos vestibulares, por ser uma fonte de divulgação e propaganda para a obtenção de novos alunos e se esquecem que a maioria são alunos em fase de escolha de uma profissão que apresentam dificuldades para escolher e falta de informação profissional. Acrescenta-se a dificuldade de relacionamento professor-aluno devido às salas superlotadas e a preocupação excessiva dos professores com os conteúdos programáticos do vestibular.

Com relação aos fatores determinantes que interferem no processo de escolha profissional, Soares (2002) indica os políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos. Nesta pesquisa, buscaremos ampliar esta discussão nos capítulos seguintes.

Estudos nas áreas da psicologia e da educação, em específico sobre a relação professor-aluno, apontam para a importância do professor na formação do aluno nos aspectos afetivos, sociais e culturais, entre outros. Em relação aos fatores psicológicos e de escolha profissional, emerge nos estudos da orientação profissional, a necessidade de aprofundamento da relação professor e aluno na sua história e no seu contexto social. Então, por meio desta pesquisa, busca-se apreender os indicadores sócio-históricos dos quais resultam a compreensão do professor em relação à escolha profissional de seu aluno.

Neste contexto, entende-se o homem como sujeito histórico, construtor, autor e que, numa sociedade como esta, reage e interage mediante as relações sociais. Conforme Soares (2002, p. 44), “é impossível se pensar o homem como algo separado do seu meio social, não vê-lo como determinado historicamente e, portanto determinado ideologicamente”.

É este o palco de manifestações de intersubjetividades e interações sociais presentes nesta pesquisa, cuja relevância é retratada pelos resultados obtidos em propiciar a participação dos professores no processo de escolha profissional de seu aluno e fornecer informações, subsídios teóricos e práticos para um futuro trabalho de orientação profissional que inclua a participação dos professores. Neste contexto, é formulada a seguinte questão de pesquisa: ***Qual a compreensão e participação dos professores de cursos pré-vestibulares na escolha profissional de seus alunos?***

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- ❖ Analisar a compreensão e participação dos professores de cursos pré-vestibulares sobre o processo da escolha profissional de seus (suas) alunos(as).

2.2 Objetivos Específicos

- ❖ Identificar a compreensão dos professores em relação à escolha profissional do aluno;
- ❖ Conhecer os fatores determinantes na escolha do aluno na concepção do professor;
- ❖ Compreender o lugar que o professor ocupa na escolha profissional de seus (suas) alunos(as), do ponto de vista do professor;
- ❖ Verificar se os cursos pré-vestibulares participam no processo de escolha profissional do aluno e de que maneira;
- ❖ Identificar a percepção dos professores sobre o processo de orientação profissional.

REFERENCIAL TEÓRICO

1 A ESCOLHA PROFISSIONAL

1.1 Vocação

Falar da transformação do trabalho se torna uma tarefa nada fácil, por estar presente em nosso cotidiano, tornando-se intrínseco na sociedade vigente de cada época. Percebe-se informações do meio circundante e por elas as pessoas se orientam. Por isto, pode-se dizer que o trabalho atende às necessidades concretas do indivíduo inserido em um meio social que vive em mutação a todo instante. Krawulski (1998, p. 7) afirma que

[...] o trabalho pode ser concebido como o exercício da atividade humana, quaisquer que sejam as esferas e a forma sob as quais esta atividade seja exercida. Na linguagem cotidiana, a palavra trabalho possui muitos significados, quase sempre conotando a ação do homem para sobreviver e realizar-se.

Com o aumento dos processos de industrialização em meados do século XIX, foram criadas formas distintas de trabalho, bem como a necessidade de o homem escolher entre as diferentes alternativas ocupacionais oferecidas pela realidade socioeconômica e a necessidade de ser orientado para essa decisão. Conforme Pimenta (1981, p.20), “nos dias atuais, pode-se (se não escolher), preocupar-se com a possibilidade de vir a escolher. Se existe a possibilidade de escolha, existe também a possibilidade de alguém ajudar alguém a escolher, isto é, de orientação”.

Atualmente, a Orientação Profissional é inserida no campo teórico e prático da Psicologia e da Educação que tem por objetivo orientar e facilitar o momento da decisão e escolha profissional do indivíduo na sociedade. Para Lucchiari (1993, p. 12),

[...] a Orientação Profissional tem por objetivo facilitar o momento da escolha ao jovem, auxiliando-o a compreender sua situação específica de vida, na qual estão incluídos aspectos pessoais, familiares e sociais. É a partir dessa compreensão, que ele terá mais condições de definir qual a melhor escolha – a escolha possível – no seu projeto de vida.

Historicamente, em 1902, no primeiro escritório de Orientação Profissional em Munique, fundou-se a Orientação Profissional com a Psicologia Vocacional, por intermédio da Psicometria (testes desenvolvidos para medir rigorosamente aptidões e interesses), e pela

idéia de colocar o homem certo no lugar certo, cujo objetivo era unir as aptidões e interesses dos indivíduos às ocupações. Lassance & Sparta (2003, p. 15) evidenciam que "os processos de Orientação Profissional baseados na utilização de testes de aptidões, habilidades e interesses e cujo baluarte era o ajustamento do homem à ocupação, com vistas à excelência da eficiência industrial".

Nesse período, fica evidente que, para a Psicologia Vocacional, o interesse era dirigido para as características individuais, embora a preocupação maior fosse voltada para a seleção do indivíduo destinado ao lugar onde seria mais produtivo industrialmente. Portanto, a Orientação Profissional emerge com o intuito de resolver problemas práticos da sociedade industrial e seu contexto está intimamente ligado à história das relações de trabalho.

É necessário evidenciar dois termos que se confundem ou se completam. A Orientação Profissional, como um processo de facilitação da escolha cujo objetivo é orientar o jovem para esta escolha, propiciando o conhecimento de si próprio, o acesso a informações sobre as profissões, mercado de trabalho, entre outros. E a Orientação Vocacional, conceito associado à religiosidade, que pressupõe a existência de uma vocação a ser descoberta por meio do autoconhecimento, de acordo com suas aptidões e interesses.

No decorrer da história, houve períodos em que a preocupação com a Orientação Profissional, escolha, decisão, não existia. Exemplo disso, no cristianismo, surge o termo "vocação", que será resgatado no decorrer do texto com o intuito de compreender a história da Orientação Profissional.

Um antigo conceito histórico em relação à vocação foi desenvolvido por Lutero (1483-1546), um religioso protestante do século XV, que, a partir de traduções da Bíblia, chegou ao consenso que o indivíduo nascia com afinidades para "tal coisa", desde que fosse destinado por Deus. Segundo Bianchetti (1996, p. 73), "a palavra vocação deriva do substantivo latino *vocatione*, significando o ato de chamamento, bem como do verbo vocare, no sentido de chamamento", ou seja, um chamado para o serviço a Deus, sobretudo no âmbito das relações de trabalho.

Para Albornoz (1986, p. 53), "[...] manter-se pelo trabalho é um modo de servir a Deus. A profissão torna-se uma vocação. O trabalho é o caminho religioso para a salvação. É visto como virtude e como obrigação".

Em decorrência das teorias de Lutero, seus seguidores religiosos protestantes passaram a internalizar e assimilar esta concepção que fazia sentido no meio em que viviam.

De acordo com Weber (1994, p. 53), a vocação do trabalho secular aparece como expressão de amor ao próximo, fundamentado na observação da divisão do trabalho, que

tornava obrigatório cada indivíduo trabalhar pelo outro. Todavia essa fundamentação escolástica logo desapareceu, enfatizando cada vez mais que o cumprimento das tarefas seculares estava diretamente relacionada à satisfação da vontade de Deus. Assim sendo, qualquer vocação lícita tem o mesmo valor perante os olhos divinos.

O trabalho estava inserido nas profissões da atividade moral do indivíduo, sendo a valorização do cumprimento do dever atribuído a um significado religioso ao trabalho, como um único caminho para satisfazer a Deus. Conforme Weber (1994, p. 53),

A única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas do século, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo. Nisso é que está sua vocação.

Para a sociedade secular, o significado do trabalho profissional passa a ser interpretado como um dom especial de Deus. Sendo assim, o indivíduo permanece na profissão e na posição em que Deus originalmente o determina. Neste conceito de sociedade, não existe divergência de classes. Empobrecer a muitos para enriquecer a poucos, não convém à comunidade, mas sim aos moldes do sistema capitalista. Desta forma, o conceito de vocação para Lutero era tido como algo de ordem divina, com a qual cada indivíduo deveria adaptar-se à tarefa ordenada por Deus.

O trabalho, para o reformador francês Calvino (1509-1564), era visto como virtude algo de predestinação e, sendo pela vontade de Deus, o indivíduo poderia ter êxito ou não, até mesmo viver na miséria. Contudo, é vontade divina que todos trabalhem arduamente para alcançar mérito, porém é contrário ao desejo de Deus que os homens cobicem riquezas como “fruto” do seu trabalho.

É pelo intenso trabalho que o calvinismo ameniza as dúvidas religiosas se o indivíduo será escolhido ou condenado, sendo que a atividade profissional intensifica a fé e dá a certeza da graça e, ainda, é por intermédio da compensação desta dúvida que se tem certeza de salvação.

Em seqüência ao calvinismo, surge o puritanismo, o qual também condena a procura de bens materiais e dinheiro, visto que a riqueza só é eticamente condenável quando se constitui numa tentação para a vadiagem e o relaxamento. A perda de tempo é considerada o primeiro e principal pecado, todo o tempo perdido significa hora perdida para a glorificação a Deus.

A divisão de classes da sociedade, para o calvinismo, é resultado da vontade divina. O labor de cada indivíduo leva a um fator de trabalho coletivo, que gera riqueza para a

sociedade, sendo que as habilidades de cada trabalhador chegam a um progresso qualitativo e quantitativo, servindo ao bem comum. Tais divisões eram aceitas, por se acreditar que existia uma mão invisível para impedir a miséria, esta era considerada a mão de Deus.

De acordo com Albornoz (1986, p. 56), “é nesta avaliação religiosa do labor no mundo – como instrumento de purificação e meio de salvação – que reside a mais poderosa alavanca do que ela chama de espírito do capitalismo”. Na ética puritana, existe a restrição de consumo, mas, também, uma liberação para a busca da riqueza, favorecendo, assim, o acúmulo do capital.

Tal riqueza liberada pela ética protestante é constituída como investimento de capital, sendo disponibilizados para a classe burguesa trabalhadores sóbrios e aplicados que se dedicavam ao trabalho com o intuito de estar agradando a Deus. Fazendo com que a distribuição desigual se constituísse como um caminho agradável para os retentores de bens acumulados deste mundo, já que é obra puramente da providência divina.

Afirmar que agrada a Deus ser submisso a uma profissão e a um papel social aparenta justificar eticamente a moderna divisão social do trabalho do capitalismo. Nesse aspecto Weber (1994, p. 131) pontua:

O puritano queria tornar-se um profissional, e todos tiveram que segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob esse sistema.

Diante desses fatores, é importante observar as influências dos movimentos religiosos no processo de desenvolvimento da sociedade. A modernidade rompe com o pensamento cristão e o declínio deste promove o nascimento do pensamento humano, do homem ao saber, um pensamento crítico sobre si mesmo, capaz de formar imagens conscientes da realidade e criar planos e programas de ação. Assim, a vocação se desprende do contexto religioso e transforma-se em um conceito teórico/prático, que tem por finalidade orientar as aptidões e interesses do indivíduo na sociedade.

A expressão vocação deixa de ter um sentido religioso, desvinculado do inato e passa a ter um sentido prático no campo da orientação profissional. O entendimento é que o indivíduo pode desenvolver-se a partir da sua experiência de vida, e passa a ser concebido como um sujeito histórico, construtor e autor da sua própria história, que reage e interage nas relações sociais.

Conforme Zanella & Da Ros (2000, p. 58),

Ao relacionarmos os sujeitos com seus fazeres e as conseqüências decorrentes, chamamos a atenção para o fato de que somos agentes sociais: nossas ações incidem sobre a realidade, contribuindo ou para a sua manutenção ou então para a sua transformação. Por sua vez, essa mesma realidade, que se apresenta em constante movimento, constitui os sujeitos que dela/nela participam.

As relações existentes entre as práticas de Orientação Profissional têm, atualmente, o objetivo de orientar o indivíduo na escolha de uma profissão, facilitando o autoconhecimento, as informações sobre o mundo do trabalho e das profissões, a fim de conciliar a vocação e os desejos pessoais do sujeito com a realidade do mundo do trabalho e das profissões.

Portanto, a proposta inicial da Orientação Profissional de encontrar 'o homem certo para o lugar certo', bem como, a concepção, em seus primórdios, que o sujeito nascia com afinidades para exercer atividades de ordem divina evidenciam as transformações na área de orientação, cujo enfoque é voltado para um sujeito histórico que reage às e interage nas relações sociais.

1.2 Orientação profissional e suas características

A orientação profissional pressupõe a existência da possibilidade de se fazer escolhas profissionais. Embora esta possibilidade nem sempre existiu, uma vez que não se pode dizer que o homem sempre pôde escolher algo que gostaria de fazer.

Historicamente devido ao declínio do pensamento cristão, emerge o pensamento crítico do homem sobre o saber, ou seja, surge uma nova concepção de homem, capaz de desenvolver a liberdade de escolha das ocupações e por sua experiência de vida ser um sujeito histórico que produz e reproduz as próprias relações sociais.

De acordo com Walther (*apud* Pimenta, 1981), em 1575, na obra de Juan Huarte, 'Examen de ingenuos para las ciencias', pela primeira vez o termo orientação encontra-se associado à ajuda profissional, isto é, auxílio a pessoas na escolha de uma ocupação.

Entretanto a primeira tentativa sistemática de Orientação Profissional científica nasceu na Europa em 1902, com a criação, em Munique, do primeiro escritório de OP, que tinha como objetivo identificar indivíduos inaptos para determinadas tarefas industriais e, com isso, evitar acidentes de trabalho e garantir a produtividade.

Os escritórios de Orientação Profissional surgiram vinculados à seleção profissional, de forma a garantir a eficiência industrial (aumento na produção e prevenção de acidentes),

bem como uso de técnicas psicométricas para avaliar as aptidões, interesses, traços de personalidade, cujo objetivo era determinar o lugar no qual o sujeito fosse mais produtivo.

Nos Estados Unidos, a Orientação Profissional teve origem em 1908, com Frank Parsons, que possibilitou grandes mudanças à OP, por vinculá-la à área de educação. O trabalho de Parsons era voltado às atividades escolares para o adolescente conhecer as diferentes profissões e receber informação profissional por intermédio da análise das profissões e diagnósticos de aptidões realizados por meio da psicometria.

De acordo com Pimenta (1981, p. 22),

[...] dada a revolução industrial, processada no final do século anterior, associadas às mudanças sociais, o número de ocupações amplia-se. Amplia-se a necessidade de mão-de-obra e ampliam-se as oportunidades ocupacionais, fazendo surgir a necessidade de orientação aos jovens, para que se decidam frente ao novo e complexo mercado de trabalho.

Durante a primeira Guerra Mundial, houve um grande desenvolvimento da psicometria, cujo lema era ‘colocar o homem certo no lugar certo’. Vários testes de inteligência, aptidões-profissionais, inventários de interesses foram desenvolvidos com o objetivo de adaptar os homens ao mundo do trabalho. No período, o indivíduo não participava da escolha profissional, entendia-se que as aptidões eram inatas e, assim, foram criados instrumentos (testes) para identificá-las.

Uma das concepções no período se resume na teoria da escolha profissional, denominada a Teoria e Traço e Fator (dominante entre 1900 a 1950), que, segundo Levenson (1997, p. 32), “vincula-se teoricamente à Psicologia das diferenças individuais e da análise das ocupações”. Desse modo, a escolha ocupacional ocorre com base nas relações entre as características individuais interesses e aptidões e as exigências da ocupação, priorizando o determinismo vocacional.

Na segunda metade do século XX durante a segunda Guerra Mundial, a Orientação Profissional sofreu grandes transformações em relação à desvalorização da psicometria e uma reformulação nos campos de seleção e de OP. Tais mudanças ocorrem devido ao aumento da industrialização e, como consequência, o surgimento de novas áreas profissionais.

Um outro marco importante na OP ocorreu em 1951 com a Teoria Desenvolvimentista da Escolha Vocacional, formulada pelo economista freudiano Eli Ginzberg. Conforme Pimenta (1981, p. 25), “a escolha vocacional é definida como um processo de desenvolvimento que se inicia ao final da infância e termina no início da idade adulta”, portanto, a escolha é identificada em um momento da vida como um processo contínuo.

Além dessas teorias, as Teorias Psicodinâmicas, que se dividem em Teorias Psicanalíticas, Teorias de Satisfação de Necessidades e Teorias da Personalidade, explicam a conduta em termos de motivações e impulsos. E, por último, as Teorias de Decisão, cujo enfoque, segundo Levenfus (1997, p. 42), “é a solução da problemática vocacional específica que cada indivíduo percebe e aceita como problema e solicita ajuda”. Essa teoria se encontra centrada no indivíduo que decide e oferece a ele uma maior liberdade de escolha, porém não consegue visualizar a capacidade de interferência nos determinismos.

Diante das diversas teorias, o desenvolvimento da Orientação Profissional no século XXI apresenta características sociais e não mais individuais, cujo enfoque transferiu-se do processo de produção para o sujeito de escolha, centrado na satisfação e realização pessoal e profissional.

Atualmente, existem diferentes teorias sobre escolha profissional que são utilizadas como base para o trabalho de OP, bem como o processo de facilitação da escolha, ou seja, com as mudanças do mundo do trabalho, a Orientação Profissional tem por função orientar e facilitar o processo de decisão e escolha profissional do indivíduo na sociedade. O foco da OP deixou de ser a produção industrial e passou a ser o sujeito de escolha inserido num contexto histórico-social.

1.3 Fatores determinantes na escolha

O adolescente no momento da escolha de sua profissão, muitas vezes, desconhece os fatores interferentes nesse processo. É importante que o adolescente conheça a sua trajetória entre os diversos fatores psicológicos, afetivos, sociais e econômicos, presentes no momento de decisão. O fator primordial para a definição profissional está relacionada com a postura e o posicionamento do jovem frente a essas mudanças, ou seja, de que forma ele se apropria dessas influências no seu processo de escolha.

Nesse aspecto, a oportunidade de chegar a uma determinada profissão está relacionada com as possibilidades econômicas e culturais.

Segundo Soares (2002, p. 40), “o homem pode escolher dentro de um leque de opções oferecidas pelo sistema econômico e delimitados pela classe social a qual pertence e pelas influências familiares. Portanto, nesse espaço se insere a Orientação Profissional”.

Frente a essa realidade, os orientadores profissionais têm por função auxiliar o jovem na sensibilização em relação aos fatores determinantes na escolha de sua profissão, que podem ser associados aos fatores sociais, políticos, econômicos, educacionais e familiares.

Sobre os fatores sociais discute-se a divisão da sociedade em classes sociais, a busca de ascensão social por meio do estudo, e as oportunidades de formação profissional, de emprego e *status*. A possibilidade de ingressar em uma universidade, muitas vezes, está associada à condição financeira como forma de suprir as necessidades básicas do indivíduo. Muitos jovens optam por profissões de maior prestígio social, *status*, como é o caso de Medicina e Direito, e/ou escolhem profissões por influência dos valores culturais que se encontram presentes no momento da escolha, isto é, eles buscam, na profissão, soluções imediatas para os problemas sociais.

Uma outra característica é a posição sócio-econômica da família que influi diretamente no desenvolvimento vocacional do jovem, no aspecto de oferecer maiores ou menores possibilidades educacionais. Os fatores econômicos estão associados ao mercado de trabalho e às condições econômicas de oferta e demanda por determinadas profissões. Com o aumento da demanda pelo ensino superior e a expansão de vagas especialmente em instituições privadas, o acesso é apenas para quem pode custear tal curso.

Atualmente, os jovens escolhem uma profissão pela necessidade de cumprir as exigências do mercado de trabalho relacionado à qualificação e maior nível de escolaridade. Assim, a preocupação predominante do adolescente, geralmente, está voltada para a formação e ascensão social, com a viabilização de melhor rendimento e emprego.

Os fatores políticos se referem à ausência de investimentos na Educação, em específico para o ensino médio, ensino profissionalizante e universidades. Conforme Soares (2002, p. 47), “a educação passou a ser considerada um bem de investimento e portanto associada ao capital, com uma estrutura empresarial e burocrática para mantê-la, visando em primeiro lugar ao lucro e não à educação propriamente dita”.

Nos dias de hoje, é perceptível no meio educacional a falta de compromisso social em preparar o aluno para a vida e para o trabalho, a falta de recursos das universidades, bem como a precariedade da qualidade do ensino. Portanto, percebe-se uma falta de integração da escola com a vida do indivíduo em sociedade.

E, por último, os fatores familiares correspondentes às expectativas dos pais em relação ao futuro profissional dos filhos, ou seja, os pais elaboram projetos para o filho, estabelecem metas e objetivos, de forma que este cumpra a missão em concretizar os sonhos que os próprios pais não puderam realizar ao longo da vida.

É importante salientar que a expectativa dos pais também é associada à busca de ascensão social por intermédio do filho, uma vez que além de escolher uma profissão, é esperado dele a constituição de uma família e a obtenção de um bom emprego. Assim,

ressalta-se a importância do fator familiar no processo de decisão devido às possíveis pressões, identificações e influências no momento da escolha profissional do jovem.

Tomando-se por base tais fatores, é de extrema relevância, durante o processo de orientação profissional, auxiliar o jovem a identificar os possíveis fatores presentes no momento da escolha, de forma a orientá-lo nas dificuldades e influências pertencentes a este processo.

1.4 O jovem e as transformações do mundo do trabalho

De acordo com Albornoz (1986, p. 24), a atividade trabalho tem um importante papel na vida do indivíduo, na constituição de identidade e na busca da emancipação, “o indivíduo moderno encontra dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho”. Ao trabalhar, o homem transforma-se, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a sua cultura material e suas aptidões físicas e espirituais.

Com a reestruturação produtiva, os jovens cada vez mais apresentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho, devido às exigências de qualificação, nível de escolaridade, e a capacidade de trabalho em equipe. Atualmente, observa-se que o diploma de curso superior não possibilita a estabilidade do profissional no mundo do trabalho.

As transformações do mundo do trabalho são desfavoráveis ao jovem, por existir, constantemente, um excedente de mão-de-obra no mercado e uma grande competição em relação aos adultos por ter que assumir funções inferiores nas instituições organizacionais.

Martins (2001, p. 68) informa que “o desemprego juvenil, é sempre mais alto do que a média do desemprego em geral, é um fenômeno presente em muitos países, fazendo com que ocorra a banalização dessa situação tornada em comum entre os jovens”.

Por isso, para os jovens, o mundo do trabalho contemporâneo é de insegurança devido à instabilidade e à alta taxa de desemprego. Tendem a inserir-se em trabalhos temporários, precarizados para a satisfação das necessidades de sobrevivência.

Segundo Sarriera (2004), o mundo do trabalho encontra-se em mudança, pelas exigências de novas habilidades e condutas do profissional. Para atendê-las, este necessita estar atento para compreender o rumo destas transformações, assim como ser competente e informado para sua inserção na sociedade e no mercado de trabalho.

A questão do jovem não ter uma orientação apropriada para o exercício do trabalho faz com que apresente dificuldades para enfrentar a transição de escola-trabalho. É um caminho que o adolescente, na maioria das vezes, realiza sozinho, mediado de cobranças familiares e

sociais. O término do ensino médio faz com que ele se sinta desorientado para a procura de um trabalho ou profissão.

Muitas vezes a escola não exerce o papel de preparar o aluno para a sua inserção na sociedade e no mundo do trabalho. Na verdade, o adolescente deveria encontrar na escola ligações com o mundo do trabalho que dessem sentido à formação de vida na sociedade contemporânea, criando-lhe oportunidades para o desenvolvimento de competências no exercício profissional.

Conforme Sarriera (2004), a escola tem sido apontada como incapaz de desempenhar seu papel devido à falta de organização interna e de integração com as demais instituições sociais, de modo a situar-se compreensivamente ante a realidade e acompanhar as mudanças que acontecem na sociedade.

No mundo do trabalho contemporâneo, ocorre, de um lado, a desproletarização do trabalho industrial, fabril, isto é, uma diminuição da classe operária industrial e tradicional e, de outro, uma expressiva expansão do trabalho assalariado no setor de serviços. Antunes (2003) denomina a classe trabalhadora de hoje, como ‘classe-que-vive-do-trabalho’, que vende sua força de trabalho em troca de salário e desprovida dos meios de produção, sendo caracterizada como os trabalhadores produtivos que produzem diretamente a mais-valia.

A classe-que-vive-do-trabalho engloba também os trabalhadores improdutivos, cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, sendo para uso público ou para o capitalista. Não é caracterizado como um trabalho diretamente produtivo e de criação de mais-valia. É constituído de assalariados inseridos no setor de serviços, bancos, comércios, até mesmo aqueles que realizam trabalhos nas fábricas, porém não criam diretamente valor de troca e sim um valor de uso. Os trabalhadores em serviços caracterizam uma expansão no capitalismo contemporâneo.

Tomando-se por base a teorização acima, o ensino também é inserido no setor de serviços, sendo assim, o contexto atual da atividade do professor é caracterizado como um trabalho improdutivo, que não tem como finalidade direta a criação de valor, já que o significado de seu trabalho é formado pela ação de ensinar.

Enquanto o trabalho industrial limita a autonomia possível do operário na realização de suas tarefas, no trabalho docente, tem-se uma autonomia maior. Para Basso (1998, p. 21), a autonomia é possível porque “a presença de professor e alunos permite uma avaliação e um planejamento contínuo do trabalho, orientando modificações, aprofundamentos e adequações do conteúdo e metodologias a partir da situação pedagógica concreta e imediata”.

Muitas vezes, o professor tem autonomia para escolher metodologias, selecionar conteúdos teóricos, elaborar atividades pedagógicas mais apropriadas a seus alunos, de acordo com o interesse e dificuldade apresentados. Basso acrescenta que tal autonomia é garantida pela própria particularidade do trabalho docente. Entretanto, no contexto atual dos cursos pré-vestibulares, há restrições na atividade docente devido o material ser apostilado, o que dificulta maior liberdade na prática pedagógica do professor.

De uma maneira geral, a classe trabalhadora engloba essas duas dimensões básicas do trabalho sob o capitalismo, o trabalho produtivo e improdutivo. E exclui, naturalmente, os gestores do capital, que detêm o controle no processo de trabalho, que recebem salários elevados ou, ainda, proprietários de um capital acumulado.

Compreender a classe-que-vive-do-trabalho na contemporaneidade é reconhecer que o mundo do trabalho vem sofrendo profundas mudanças com a criação de novas tecnologias e novos meios de informação, particularmente em relação às ocupações geradas para os jovens.

A primeira delas é a exclusão dos trabalhadores jovens e dos trabalhadores considerados "velhos" pelo capital. Os jovens encontram dificuldade para inserir-se no mercado após o término de seus estudos médios e superiores. E os trabalhadores acima de 40 anos ou mais, considerados "velhos" pelo capital, quando se encontram desempregados, apresentam dificuldade para retornar ao mercado de trabalho.

Uma outra mutação é o aumento das inúmeras formas de subproletarização do trabalho parcial, temporário, subcontratado e terceirizado. Devido à redução de empregos estáveis, aumentou o número de trabalhadores assalariados temporários e informais. No caso dos jovens, Pochmann (2000, p. 35) afirma que “em relação às ocupações geradas para os jovens nos anos 90, o que mais se destaca são os postos de trabalho por conta própria”, ou seja, ocorre uma redução do emprego assalariado e inicia uma demanda para a ocupação autônoma.

Nesse aspecto, o jovem encontra-se diante de uma nova perspectiva profissional, sem carreira estável, com um rendimento instável e desprotegido em relação ao trabalho. Ante tal contexto Pochmann afirma ser necessária a criação de novas condições de reforço ao ingresso e à trajetória do jovem no mercado de trabalho.

Uma mudança significativa no trabalho é a expansão do "terceiro setor", uma forma alternativa de ocupação com possibilidades de trabalhos voluntários, sendo um leque de atividades, sobretudo assistencial, sem fins lucrativos.

A expansão dos assalariados médios, especialmente no "setor de serviços", caracteriza o novo proletário no capitalismo contemporâneo, que é presenciado, também, em níveis de desemprego. Antunes (2003) esclarece que o processo de desemprego estrutural junto com o

trabalho precarizado atinge cerca de um bilhão de trabalhadores, algo em torno de um terço da força humana mundial que trabalha.

Uma outra mudança no âmbito do trabalho encontra-se relacionada ao aumento expressivo do trabalho feminino, ou seja, a inserção da mulher no mercado de trabalho propicia uma emancipação parcial das mulheres, visto que antes, o acesso era marcado pela presença masculina. As mulheres eram encontradas no setor têxtil, diferentemente de hoje que estão inseridas em diversos setores, em particular no trabalho *part-time*. De acordo com Antunes (2003, p. 203), "o capital percebeu que a mulher exerce atividades polivalentes, no trabalho doméstico e, além dele, no trabalho fora de casa, o capital tem utilizado e explorado intensamente essa polivalência do trabalho da mulher".

Diante dessas mutações no mundo do trabalho, Antunes (2003) revela uma classe trabalhadora mais heterogênea, mais fragmentada e mais complexificada, distribuída entre qualificados e desqualificados, jovens e velhos, homens e mulheres, estáveis e precários e mercado formal e informal.

A classe trabalhadora tornou-se mais qualificada em vários setores, mas desqualificou-se e precarizou-se em diversos ramos, como na indústria automobilística. De um lado, em escala menor, o trabalhador "polivalente e multifuncional", que opera com máquinas com controle numérico e, de outro, uma massa precarizada, sem qualificação, que facilita o seu desemprego.

Com a crise estrutural, há um aumento explosivo de exploração do trabalho, de intensificação do tempo e do ritmo, portanto, devido à ampla escala de assalariamento, exploração do trabalho e as diversas formas de precarização possibilitam em escala global o desemprego estrutural. Salienta-se que, embora o desemprego seja uma marca geral no funcionamento atual do mercado de trabalho brasileiro, a alta taxa de desemprego juvenil que atinge o mundo se caracteriza no exemplo mais evidente do aspecto destrutivo do capital contemporâneo.

Com base nessas características, evidencia-se a necessidade de preparar o jovem para as transformações advindas do mundo do trabalho, bem como para uma escolha pautada em um processo de orientação profissional, com trabalhos de auto-conhecimento e informações sobre o mundo das profissões, vestibulares e a escolha propriamente dita e suas implicações.

2 O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

2.1 Contextos históricos do vestibular

Historicamente, o vestibular surgiu da necessidade de verificar o conhecimento do candidato para a inserção deste no curso superior.

Conforme Santos (1988, p. 79), a escola superior nacional foi criada pela vontade de uma autoridade.

D. João VI, chegando ao Brasil em 1807, tratou de criar as primeiras escolas superiores sem que tivéssemos um ensino médio. A intenção era evitar que os jovens brasileiros da aristocracia rural de então continuassem peregrinando para Portugal para diplomar-se em um curso superior.

Um resgate histórico do acesso ao ensino superior no Brasil, evidencia que, só em 1911, pela primeira vez, com a Reforma Rivadavia Correa, foi instituído o concurso de ingresso ao ensino superior, denominado, exames de saída que visavam medir a maturidade intelectual dos futuros estudantes. O exame era constituído por prova escrita, tendo como conteúdo o vernáculo, e uma prova oral, destinada a medir os conhecimentos relativos a línguas estrangeiras e ciências.

Em 1925, a Lei Rocha Vaz institui o exame de ingresso em substituição aos exames de saída, cuja inscrição exigia do candidato a comprovação de ter cursado regularmente os seis anos de estudos secundários. A lei enfatizou a questão das vagas oferecidas pela instituição, procurando regulamentar a relação candidato/vaga.

Lima & França (2002, p. 127) consideram que “esta relação seria fruto do aumento da demanda para o curso superior, que na década de 20 já apresentava uma quantidade de vagas inferior ao número de aprovados no exame de ingresso”. Fica evidente que o número de candidatos ultrapassava o número de vagas oferecidas pelas instituições de ensino superior.

Em meados de 1931, houve uma reforma no ensino secundário e a criação do Ministério da Educação e Saúde. O ensino secundário passa a compreender dois cursos: o fundamental, com cinco anos, e o complementar, com dois anos de duração. O complementar era ministrado nas próprias instituições de nível superior, denominados pré-universitários: pré-jurídico, pré-médico, pré-politécnico.

Segundo Guimarães (1984, p. 12),

[...] exigia-se, então, a conclusão do curso complementar para inscrição do vestibular e este correspondia à natureza da faculdade e do curso superior

pretendido pelo aluno. Havia, portanto, para cada curso universitário, um curso complementar correspondente.

Esta reforma é caracterizada por uma tendência elitista por fornecer, restritamente, aos alunos a possibilidade de acesso a cursos superiores diferenciados. Então, o exame de ingresso (vestibular), nome consagrado nessa legislação, tinha o enfoque na seleção dos candidatos para cada curso, visando o acesso em cursos predeterminados, constituídos de provas eliminatórias aplicadas de modo discursivo.

A palavra vestibular, segundo Bueno (1996, p. 676), deriva de *vestíbulo*, que significa um espaço entre a rua e a entrada de um edifício, *hall* de entrada e, também, exame de admissão às escolas superiores. No âmbito educacional, o atual vestibular representa uma estreita porta de entrada para as universidades.

Em 1942, a Lei Capanema extinguiu o curso complementar do curso secundário, e passaram a vigorar os cursos colegiais nas modalidades clássico e científico, destinados a preparar os alunos para a continuação de estudo em nível superior. Guimarães (1984, p. 12) aponta que,

[...] até 1946, os estudantes tinham direito de matrícula em qualquer curso superior, uma vez concluído o clássico ou o científico. Nos exames seguintes, o exame já supunha uma habilitação que exigia dos candidatos um conhecimento voltado para o curso pretendido e uma posterior classificação dos candidatos habilitados em cada instituição, segundo o número de vagas oferecidas.

Esta proposta vigorou até meados de 1961, quando a Lei 4.024/61, denominada “Diretrizes e Bases da Educação Nacional”, propôs a renovação de políticas educacionais, concedendo autonomia aos estabelecimentos de ensino para assumir as decisões sobre os critérios de habilitação e classificação para o ensino superior. A partir disso, surgem diversos modelos de avaliação baseados em vários critérios, tais como a prova com programação diferenciada.

Na época, a sociedade brasileira passa por diversas transformações, como o crescimento demográfico, o processo de urbanização e industrialização e maior procura pela educação.

Conforme Guimarães (1984, p. 13),

[...] a partir de 1964, com a intensificação de uma política econômica que favorecia a concentração de capital e renda, escasseavam gradativamente os meios de ascensão social e econômica das camadas médias da população brasileira. A ascensão, através de uma maior escolarização, era um dos poucos recursos disponíveis.

Frente a essa realidade, aumenta o número de candidatos para ingressar no ensino superior. Nos exames vestibulares, aumentava-se o grau de dificuldade das provas, sendo que, muitas vezes, o conteúdo não era compatível com que era ensinado no colegial.

De acordo com Ribeiro Neto (1987, p. 19),

[...] crescia assustadoramente a relação candidato/vaga. Algumas instituições começavam a sofrer as conseqüências do ingresso, por força de mandados de segurança dos chamados excedentes, ou seja, dos candidatos habilitados além do limite das vagas oferecidas. O vestibular transformava-se num instrumento para descartar candidatos e não para selecioná-los

Foi implantado, em 1963/64, o exame classificatório na Faculdade Nacional de Filosofia, para o preenchimento das vagas existentes, com o intuito de eliminar a figura do excedente. Entende-se por excedentes estudantes aprovados no exame com nota superior a cinco e aptos a se matricular, porém sem a classificação adequada, abaixo do número de vagas oferecidas. O exame vestibular, por sua vez, deixou de ser eliminatório, assumindo uma função classificatória.

Quanto à demanda pelo ensino superior, Olive (2002, p. 39) afirma que,

[...] como a pressão pelo aumento de vagas tornava-se cada vez mais forte, logo após 1968, ocorreu uma expansão do setor privado, que criou inúmeras faculdades isoladas, nas regiões onde havia maior demanda, ou seja, na periferia das grandes metrópoles e nas cidades de porte médio do interior dos estados mais desenvolvidos.

No período, são criadas as primeiras instituições privadas sem a garantia da qualidade do ensino.

Na década de 1970, o exame vestibular é realizado de maneira unificada, ou seja, todos os candidatos que desejam ingressar no ensino superior devem realizar as provas independentemente do curso escolhido. Além disso, as provas deveriam ser as mesmas para todas as universidades, abrangendo as disciplinas do currículo do ensino médio e tendo como exigência, a obrigatoriedade da conclusão do 2º grau para o ingresso na universidade.

Guimarães (1984, p. 17) ressalta as modificações ocorridas em 1978 no exame vestibular.

[...] provas de habilidade específicas para determinados cursos, [provas com questões objetivas], possibilidades de realização do vestibular em mais de uma etapa, utilização de mecanismos que garantam a participação na última etapa do processo classificatório apenas dos candidatos que tenham um mínimo de conhecimentos em nível de 2º grau e os pré-requisitos para a

continuação dos estudos na universidade, e a inclusão obrigatória de prova ou questão da redação em Língua Portuguesa

O crescente número de candidatos para o ensino superior, aumento de dificuldade das provas e a precariedade do ensino médio, provocaram a criação dos cursos pré-vestibulares, conhecidos também como cursinhos, que consistem em organizações específicas de preparação para os exames de acesso ao ensino superior no Brasil.

Ribeiro (1987, p. 30) considera que

[...] os exames vestibulares passaram a exigir conhecimentos cada vez mais específicos, transferindo-se muitas vezes conteúdos próprios do ensino superior para o curso secundário. Estas distorções tiveram efeitos desastrosos, tanto para a escola secundária como para o próprio ensino superior.

A escola secundária, incapaz de especializar-se ao nível dos inúmeros exames vestibulares existentes, repassa aos chamados cursos preparatórios (cursinhos) a responsabilidade de treinar os candidatos aos vestibulares.

A maioria dos alunos aprovados no vestibular passam pelos cursinhos, sendo pouquíssimos os que possuem acesso ao ensino superior sem cursinho.

Em decorrência das modificações do exame vestibular em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 estabelece que os cursos de graduação serão abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processos seletivos. Trata-se, portanto, da não obrigatoriedade de exames vestibulares, os quais podem ser substituídos em processo de seleção estabelecido pela instituição na qual pretende realizar seus estudos.

As outras formas de acesso têm sido introduzidas pelas universidades na década de noventa do século XX, merecendo destaque: a criação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM; Programa de Avaliação Seriado – PAS _da Universidade de Brasília; Programa de Ingresso ao Ensino Superior da Universidade Federal de Santa Maria – PEIES; Sistema de Avaliação do Ensino Médio _SAEM_ de Santa Catarina; Sistema de Avaliação Progressiva para Ingresso no Ensino Superior, entre outras. Estas são as possibilidades recentes da realização dos exames alternativos para o ingresso no ensino superior.

Entretanto, devido à demanda pelo ensino superior, a estrutura social ainda não encontra-se preparada para o ingresso de todos de maneira satisfatória. Sendo assim, o vestibular afirma-se cada vez mais como um sistema excludente, tendo em vista que a maioria apresenta dificuldade em enfrentá-lo, sobretudo os alunos oriundos das camadas da população brasileira menos favorecidas economicamente e socialmente.

Bianchetti (1996, p. 39) aponta um cenário nada animador para a situação:

[...] embora tenham sido feitas pequenas modificações com vistas a corrigir as distorções que o processo do vestibular foi revelando, continua a haver problemas. A relação candidato/vaga mantém-se desequilibrada; o mercado de trabalho nunca esteve tão restrito e exigente como agora; as vagas em universidades públicas permanecem estáveis ou em redução, o inverso do que acontece com a procura.

Em relação às cobranças realizadas pela sociedade para a inserção no nível superior, a estrutura educacional brasileira não oferece subsídios a todos os interessados, sendo a demanda de vagas superior à oferta.

O CAMINHO PERCORRIDO

1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O contexto da pesquisa é baseado numa abordagem qualitativa, pertencente às Ciências Sociais, que tem como objeto de estudo a compreensão da realidade humana vivida socialmente. Consiste em compreender e explicar aspectos das relações sociais que envolvem o universo de significados, crenças, valores e atitudes da ação humana. Trata-se, portanto, de pesquisa social que se ocupa de pessoas e grupos que convivem numa dinâmica de interação social.

Cruz (2001, p. 54) não só evidencia a importância desta abordagem, como o processo necessário para a sua efetivação.

Essas pessoas e esses grupos são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma construção teórica para transformá-los em objetos de estudo. Partindo da construção teórica do objeto de estudo, o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos.

Tomando por base a teorização acima feita por Cruz, tem-se como objeto de estudo investigar a compreensão e participação dos professores de cursos pré-vestibulares no processo de escolha profissional de seus (suas) alunos(as).

Na presente pesquisa, o campo de estudo está relacionado com o palco de manifestações e interações sociais, ou seja, o espaço escolar é um cenário de uma gama de relações que se estabelecem entre as pessoas, no qual os professores participantes da pesquisa são os atores principais do espetáculo. O campo de análise é denominado “a vida é uma escolha colada de renúncias”, retirado de um trecho do poema de Helena Kolody (1941-2004), citado por um dos personagens, sujeito da pesquisa, que sintetiza pelo verso a sua atuação em sala de aula em relação à escolha profissional de seus alunos.

Com base nisso, os professores são os atores sociais que exercem diferentes papéis no cenário educacional e possuem características similares, tais como espontaneidade, imaginação, criatividade, descontração, observação, expressão, relacionamento, afeto, cultura, enfim, desempenham condições importantes e necessárias para a relação professor-aluno, bem como uma real comunicação ator-espectador.

Conforme Reverbel (1978, p. 5) “professor e ator têm muito em comum, se este depende diretamente da comunicação com o espectador em cada espetáculo, aquele depende

da comunicação com o aluno-espectador para que se processe uma real e constante aprendizagem na sala de aula”.

Assim, o teatro, segundo Reverbel, tem a função de “divertir instruindo”. É uma ferramenta pedagógica e por meio dela, na presente pesquisa, pode-se observar, no palco, a interação dos personagens com a escolha profissional dos alunos, cujo cenário são os cursos pré-vestibulares pesquisados.

2 DESCRIÇÃO DOS ATORES

Para a realização do estudo, foram selecionados, como sujeitos da pesquisa, cinco professores, uma professora e três coordenadores pedagógicos de cursos pré-vestibulares da cidade de Maringá e região do Noroeste do Paraná, que possuem experiência profissional equivalente ou superior a cinco anos e que, no mínimo, ministram aulas em dois cursos pré-vestibulares.

No decorrer do estudo, foram entrevistados os coordenadores previamente citados pelos professores, no sentido de contextualizar e caracterizar o perfil dos cursos pré-vestibulares mencionados.

Nesta pesquisa, o número de entrevistados(a) coincide com a proporção de mais professores do sexo masculino do que do sexo feminino nos cursinhos. A partir disso, constatou-se um número reduzido de mulheres que atuam na área de docência em cursos pré-vestibulares. Um dos motivos relaciona-se à falta de disponibilidade para atuar em diferentes cidades da região de Maringá-PR.

A opção por professores e professora com tais características pautou-se em dois aspectos: 1) por já estarem inseridos no mercado de trabalho, em específico no meio educacional; 2) por terem convivido com diferentes cursinhos, tendo a possibilidade de conhecer diversas realidades que permeiam os cursos pré-vestibulares, as quais podem abarcar alunos pertencentes a diferentes realidades sociais, pois os cursinhos, em Maringá, atendem clientela economicamente diferenciada.

Os participantes inseridos nos critérios estabelecidos acima foram selecionados pela disponibilidade em participar da pesquisa. Constatação obtida por meio de contato prévio com os professores de cursinhos na cidade de Maringá e região, tendo em vista que a pesquisadora atua como orientadora profissional em diversos cursinhos, o que facilita o contato com os participantes da pesquisa, além de ser residente em Maringá.

Ressalta-se que os professores de cursinhos têm uma carga horária semanal de aproximadamente 40 horas-aula. Esta situação, provavelmente, sem o contato prévio já estabelecido pela pesquisadora, poderia dificultar a colaboração deles na pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram orientados sobre o desenvolvimento do projeto, os procedimentos relativos às exigências do Comitê de Ética e o sigilo das informações coletadas durante a pesquisa. Em apêndice D e C, encontram-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Carta de Informação ao Sujeito da Pesquisa. Esta foi devolvida após ser assinada pelos sujeitos que concordaram em participar da pesquisa e com esclarecimentos sobre o interesse do pesquisado em receber os resultados no final do trabalho.

3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de informações, foi utilizada a entrevista semidirigida, entendida como uma técnica que se caracteriza pela comunicação verbal, centrada na importância da linguagem e do significado da fala, sendo, também, um meio de coleta de informações sobre um tema específico. Se realizada com sucesso, possibilita conhecer, em profundidade, a realidade vivenciada pelo entrevistado sobre a problemática apresentada na pesquisa.

Segundo Cruz (2001, p. 57), a entrevista é uma forma eficiente de o pesquisador obter informações, tomando-se por base a fala dos atores sociais, porém “[...] não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”.

As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro semidirigido, com perguntas abertas (ver apêndice A; B), de modo que possibilitou orientar-se pela fala do entrevistado, bem como suas representações, crenças e valores.

Szymanski (2000, p. 200) explica que

Não se trata de seguir um roteiro fechado – ele pode ser visto como aberto no sentido de basear-se na fala do entrevistado. [...] os objetivos da entrevista devem estar claros, assim como a informação que se pretende obter, a fim de se buscar uma compreensão do material que está sendo trazido e dar uma direção à entrevista.

No decorrer da pesquisa, ocorreram dois tipos de entrevistas, ou seja, as perguntas do roteiro (A) foram direcionadas aos professores de cursinhos, nos quais constam dados pessoais do entrevistado, experiência profissional como professor de cursinhos, sua possível

compreensão sobre os motivos da escolha profissional de seus alunos. Enquanto no roteiro (B) as perguntas foram enfocadas aos coordenadores pedagógicos para obtenção de informações sobre o histórico dos cursos pré-vestibulares e seu funcionamento.

A coleta de informações foi realizada em salas privativas no próprio cursinho e/ou na residência do(a) entrevistado(a). O contato foi previamente agendado por telefone, diretamente com o participante da pesquisa, sendo explicados os objetivos e a relevância da pesquisa. Solicitou-se a colaboração no sentido de conceder a entrevista. Foi realizado um encontro com cada participante, com duração de aproximadamente uma hora e meia cada entrevista.

As entrevistas foram gravadas, após o consentimento dos participantes da pesquisa, e transcritas na íntegra, porém os nomes dos mesmos e dos cursos pré-vestibulares foram alterados para nomes fictícios devido à questão ética e o sigilo das informações coletadas.

4 CONTEXTO DA ANÁLISE DOS DADOS

Realizado o processo da coleta de informações e de posse dos dados, iniciou-se a análise do material, tomando-se por base a análise de conteúdo. Esta consiste, segundo Bauer (2002, p. 190 e 191), em um “método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. e [...] é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada”.

Por intermédio deste tipo de análise, o pesquisador necessita observar, conforme destaca Gomes (2001, p. 74), "o que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências" do que foi sendo comunicado no decorrer da entrevista.

Assim, após a transcrição das entrevistas gravadas, foi feita, minuciosamente, a leitura do material e as informações coletadas foram analisadas e categorizadas, mediante a análise de conteúdo. Tal procedimento, conforme Alves (1991, p. 60), ocorre:

[...] à medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tentativamente identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de "sintonia fina" que vai até a análise final.

As categorias, de certo modo, já estavam pré-estabelecidas *a priori* na dinâmica do processo de investigação, sendo assim, foram estabelecidas previamente na análise. Tais

categorias são agrupamentos de idéias ou expressões classificadas de acordo com os critérios dos dados para definir as semelhanças e diferenças que constam na pesquisa.

Após o estudo do material, foram identificadas as seguintes categorias de análise temáticas centrais: Histórico pessoal e profissional; Papel do professor na escolha profissional de seus alunos e a Função dos cursinhos na escolha profissional do aluno na concepção do professor. As interpretações desenvolvidas permitiram analisar ainda as subcategorias temáticas dos professores de cursos pré-vestibulares. A interpretação do material se fez sob o olhar do referencial teórico previamente exposto e conforme as temáticas centrais da pesquisa.

É importante salientar que tais subcategorias foram identificadas *a posteriori*, após o levantamento das informações obtidas nas entrevistas que foram coletadas junto aos participantes pesquisados.

Assim, para facilitar o entendimento do leitor, serão apresentadas a seguir, em uma tabela, as categorias e as subcategorias analisadas no decorrer da pesquisa.

Tabela 1 – Categorias e Subcategorias Temáticas de Análises

CATEGORIAS			
S U B C A T E G O R I A S T E M Á T I C A S	<p>Histórico pessoal e profissional</p> <p>Foram identificadas as características pessoais dos professores e a experiência profissional na área da docência em cursos pré-vestibulares.</p>	<p>Papel do professor na escolha profissional de seus alunos</p> <p>São apresentadas informações sobre a compreensão e participação do professor de cursinho em relação à escolha profissional de seu aluno. Foram definidas as seguintes subcategorias temáticas:</p>	<p>Função dos cursinhos na escolha profissional do aluno na concepção do professor</p> <p>Compreensão do professor em relação à possível participação do cursinho na escolha profissional do aluno.</p>
		<p><i>Compreensão sobre a escolha profissional do aluno</i></p> <p>Entendimento do professor em relação à escolha profissional do seu aluno de cursinho.</p>	
		<p><i>Lugar na escolha profissional</i></p> <p>Apresenta qual o lugar que o professor ocupa na escolha profissional de seu aluno.</p>	
		<p><i>Participação do professor na escolha da profissão de seu aluno</i></p> <p>Situação de alunos que tiveram a participação do professor no processo de escolha profissional.</p>	
		<p><i>Fatores determinantes na escolha.</i></p> <p>Apresentação de diversos fatores, de ordem econômica, familiar, status, mercado de trabalho, falta de informação, entre outros.</p>	
		<p><i>Influências</i></p> <p>Possíveis influências do professor na escolha do aluno.</p>	
		<p><i>A trajetória da escolha profissional do professor.</i></p> <p>Histórias dos participantes em relação à sua trajetória profissional, os entrevistados, ao falar de si e da própria escolha, falam do outro.</p>	
		<p><i>Orientação profissional.</i></p> <p>Compreensão e entendimento do professor sobre a prática da OP.</p>	

O CENÁRIO

1 PERFIL DOS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES PESQUISADOS

A seguir, é apresentada, resumidamente, a caracterização de alguns cursinhos citados pelos professores que atuam em atividades docentes. As informações foram coletadas por intermédio de entrevistas com os respectivos coordenadores dos estabelecimentos.

HAMLET “Ser ou não ser eis a questão”⁶

O curso pré-vestibular 'Hamlet', atualmente, é uma empresa privada, situada no centro da cidade de Maringá-PR. Historicamente, foi constituída como cursinho alternativo, filiado à Universidade Estadual de Maringá - UEM, que tinha por objetivo proporcionar aos estudantes de menor renda oportunidade de cursar um pré-vestibular a preços populares, diferente dos cursinhos comerciais.

Em 1989, um grupo de alunos universitários da UEM, reuniu-se para a criação de um curso pré-vestibular destinado a pessoas de baixa renda, seguindo o modelo de um curso existente, desde a década de 1970 na USP de São Carlos. Seu objetivo era minimizar as diferenças impostas pela questão sócio-econômica, visto que o acesso à universidade pública aos cursos mais concorridos restringia-se aos alunos oriundos das escolas particulares ou dos poucos cursos pré-vestibulares existentes na época com mensalidades elevadas.

Este curso foi subordinado ao Diretório Central dos Estudantes _DCE. O coordenador entrevistado era membro da diretoria, professor do curso pré-vestibular e atual sócio-proprietário.

O processo seletivo dos alunos foi realizado sob diversas formas, tais como: questionário sócio-econômico com comprovação de renda familiar; entrevistas; e provas de conhecimentos gerais. Na primeira turma, houve uma procura de oitocentos candidatos de vinte cidades diferentes da região de Maringá e interior de São Paulo, para quarenta vagas disponíveis, as quais foram ampliadas para sessenta devido à demanda.

Nesse período, a equipe docente era composta por alunos da própria instituição, que cursavam equivalente ou superior ao terceiro ano de graduação. A remuneração era realizada

⁶ Nomes fictícios e significativos associados a peças teatrais clássicas, Hamlet – Willian Shakespeare.

pela hora-aula dada, sendo um valor simbólico, servindo somente como ajuda de custo. As aulas eram ministradas de segunda a sábado em uma sala cedida pela própria Universidade.

Em 1994, houve eleição no DCE, a chapa vencedora era de oposição e, ao assumir o diretório, seus membros questionaram a metodologia de trabalho do curso pré-vestibular existente, interferindo em suas decisões. A partir daí, a equipe docente do curso se reuniu e decidiu por constituir uma empresa privada fora da instituição.

Em março de 1996, nasce o Curso Pré-Vestibular 'Hamlet', empresa privada no centro da cidade de Maringá com 11 sócios professores/proprietários, com aproximadamente 400 alunos matriculados nos três períodos. Na época, a mensalidade cobrada era de um valor intermediário entre os outros cursos pré-vestibulares e o que era praticado dentro da Universidade, o que representou uma revolução no mercado de pré-vestibulares em Maringá.

A empresa passou por vários momentos difíceis, oscilando entre 300 e 800 alunos, por motivos diversos, entre eles greve de professores na UEM, crise sócio-econômica do País, aumento das instituições particulares de ensino superior, surgimento de novos cursos pré-vestibulares com preços populares, entre outros.

A grande mudança ocorreu no ano de 2003, com a liberação do Ensino Médio pelo Núcleo Regional de Educação. Em 2004, surge o Colégio 'Hamlet' com as turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Além das turmas existentes de pré-vestibulares semi-extensivo (curso semestral) diurno e noturno e super-intensivo (curso bimestral) diurno e noturno. Atualmente, possui aproximadamente 350 alunos matriculados nos cursos oferecidos, com uma equipe de 25 professores para atender o ensino médio e o curso pré-vestibular, sendo estes professores selecionados por sua experiência profissional, desenvolvida e comprovada, ou por indicações de professores em áreas afins.

Sobre o perfil do aluno, pode-se distinguir duas situações: os alunos do período diurno têm melhor preparação para enfrentar o vestibular, uma vez que a maioria deles não desenvolve outra atividade e é oriunda da classe média. Os alunos do período noturno apresentam uma faixa etária mais alta e exercem uma atividade remunerada, sendo responsáveis pelo próprio sustento. São turmas heterogêneas, pertencentes a diversas classes sociais.

As aulas são oferecidas, no período diurno, das 7:30hs às 12:15hs de segunda a sexta e, no período noturno, das 19:15hs até 22:45hs de segunda a sexta e, nos dois últimos sábados de cada mês, as aulas são das 13:30hs às 17:30hs⁷.

O material pedagógico do cursinho é baseado em apostilas, e o conteúdo é elaborado pelos professores e produzido pela própria instituição.

Em relação às atividades extras, são oferecidas monitorias de segunda a sexta das 18:10hs às 19:00hs para os alunos dos períodos diurno e noturno; plantões de tira-dúvidas durante a semana no período da tarde, que são marcados com antecedência pela coordenação de acordo com a necessidade dos alunos; plantões de véspera (na semana que antecede o exame do vestibular); orientação profissional; cursos específicos de determinadas matérias; laboratório de redação; entre outros.

O trabalho de orientação profissional é desenvolvido por uma psicóloga, como projeto terceirizado e prestadora de serviços. É oferecido aos alunos que cursam o pré-vestibular e cobrada uma taxa individual dos interessados. É realizado em grupos, com a duração de oito encontros, com dinâmicas e testes vocacionais.

O coordenador entrevistado apresentou dificuldades para explicitar o projeto de orientação profissional desenvolvido na instituição porque, a cada semestre, são apresentadas novas propostas por diferentes psicólogos.

ÉDIPO-REI “De que seria afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso, e se nada pode prever a pressentir”⁸

O cursinho surgiu em 1988, na época, o atual proprietário era professor de uma outra instituição e com um amigo resolveu criar o Curso Pré-Vestibular “Édipo-Rei”. O cursinho foi criado em duas cidades do Paraná: Maringá e Cianorte, atualmente, houve a divisão da sociedade, e cada proprietário ficou responsável pela instituição na sua própria cidade.

Historicamente, iniciou-se como uma empresa privada, constituída como cursinho, posteriormente implantou o ensino médio e fundamental. Na época, havia três cursinhos na cidade de Maringá.

⁷ São os dois últimos sábados de cada mês, pelo fato da abertura do comércio nos dois primeiros, porque a maioria dos alunos trabalha no comércio. E também o cursinho está localizado no centro da cidade, o que dificulta o acesso quando o comércio está em funcionamento devido ao trânsito.

⁸ Nome fictício, peça teatral clássica Édipo-Rei - Sófocles

A empresa iniciou com 200 alunos nos períodos: matutino e noturno. Atualmente estão matriculados aproximadamente, 660 alunos, isto é, 200 alunos matriculados no período da manhã, 60 no período da tarde e 400 alunos no noturno, com turmas de semi-extensivo e super-intensivo nos três períodos. A turma da tarde foi implantada há seis anos, com um horário diversificado das 17:00hs às 20:00, para atender aos alunos do terceiro ano do ensino médio diurno da cidade de Maringá.

Tem-se uma equipe de 22 professores para atender ao curso pré-vestibular. Estes professores são selecionados por indicação da própria equipe da instituição e, quando não há indicação dos funcionários, o proprietário realiza entrevistas e aulas-teste⁹ com os candidatos. Segundo o entrevistado proprietário, há oito anos possui a mesma equipe de professores.

Em relação ao perfil do aluno, nos períodos manhã e tarde, são alunos que possuem melhor condição financeira, procedem de classe média e os pais são responsáveis pela mensalidade do cursinho. O aluno do período noturno pertence à classe média baixa, trabalha durante o dia e é responsável pela manutenção dos gastos do cursinho.

Sobre as atividades, são oferecidas para todos os alunos matriculados: aulas de reforço no período da tarde, de segunda a sexta-feira; plantões de finais de semana para resolução de exercícios durante o sábado à noite e domingo no período da manhã. É importante salientar que são os próprios professores titulares da manhã que ministram as aulas do reforço no período da tarde diferente de outros cursinhos que contratam monitores.

O trabalho de orientação profissional é desenvolvido por uma psicóloga terceirizada e é oferecido aos alunos interessados. Segundo o proprietário entrevistado, é um trabalho com testes, sendo cobrada uma taxa por aluno. Aos sábados à noite, apesar da pouca frequência, o cursinho oferece também palestras com informação profissional aos alunos, sendo desenvolvidas por profissionais ou até mesmo pelo próprio professor do estabelecimento.

A EXCEÇÃO E A REGRA “Estranhem o que não for estranho”.¹⁰

O Curso “A exceção e a Regra” surgiu há seis anos, coordenado por um professor da área de História e, atualmente, é administrado por dois sócios-proprietários. Tal cursinho atua nas cidades de Maringá-PR e Cianorte-PR e de forma diferenciada, com matérias específicas afim de suprir as dificuldades dos alunos. Portanto, o Curso “A exceção e a Regra” trabalha com turmas pequenas, específicas e com aulas particulares.

⁹ Aula com duração de 20 minutos ministrada pelo professor-candidato.

¹⁰ Nome fictício, peça teatral clássica A exceção e a regra - Brecht

O cursinho caracteriza-se por turmas pequenas, de aproximadamente quinze alunos por sala. Utiliza material atualizado, com redação fasciculada¹¹, livros para a área de biologia e uso de apostilas para outras disciplinas, com o objetivo de sanar, especificamente, as dúvidas apresentadas pelo o aluno.

Na cidade de Maringá, constam 55 alunos matriculados em matérias específicas nos períodos vespertino e noturno. Seu corpo profissional é composto por uma equipe de 12 a 15 professores em áreas afins. O critério de seleção dos docentes da presente instituição é realizado conforme a indicação da equipe de professores.

Em relação ao perfil dos alunos, são oriundos da classe média alta e alta e, segundo a coordenadora, os cursos mais procurados são os chamados elitizados, isto é, Direito, Medicina, Odontologia e Farmácia e em relação aos cursos de licenciatura como Geografia e História apresentam menor demanda.

As atividades desenvolvidas no cursinho, além das aulas normais, são oferecidas aos alunos internos e externos palestras, debates com profissionais, discussões de temas emergentes na atualidade e exposição de filmes temáticos.

Os programas diferenciados desenvolvidos no cursinho são de acordo com a necessidade do aluno e os horários disponíveis das aulas, ou seja, o aluno solicita ao cursinho uma disciplina de acordo com a sua dificuldade e, conforme os horários vagos, é realizada a matrícula.

A orientação profissional não é desenvolvida na instituição, visto que o aluno é matriculado nas disciplinas vocacionadas de acordo com a sua dificuldade, sua opção de curso e exigência no vestibular, ou seja, muitas vezes o aluno do Curso “A exceção e a Regra” tem definida a opção profissional por escolher durante a matrícula as matérias necessárias para o seu estudo.

2 ANÁLISE DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

De acordo com o perfil dos cursinhos pesquisados, procura-se abordar, brevemente, aspectos que diferenciem os pré-vestibulares em relação às diferentes concepções e condutas dos cursinhos.

Conforme a proposta inicial, percebe-se o compromisso social do Cursinho Hamlet, pelo fato da iniciativa de propiciar aos estudantes carentes a oportunidade de cursar um pré-

¹¹ A redação é trabalhada por intermédio de folhetos publicados conforme o tema em questão.

vestibular a preços populares. Salienta-se que sua proposta, naquele período, atendia àqueles com menor renda, distinguindo-se dos cursinhos comerciais, bem como eram diferenciados os critérios de seleção do alunado e os vínculos dos professores.

Após tornar-se uma empresa privada e diversificada, o valor da mensalidade continuou irrisório em relação a outros cursinhos, constatando ainda uma grande demanda de alunos.

Entretanto, com a expansão do ensino médio e a valorização da educação superior para a obtenção de melhor renda e emprego, surgiram novos cursos pré-vestibulares inclusive com preços populares e propostas de atividades inovadoras na cidade de Maringá-PR, representando uma revolução no mercado de pré-vestibulares pertencentes a condutas diferenciadas.

A diversidade de cursinhos reflete uma preocupação de cunho comercial, já que, na maioria das vezes, são empresas educacionais que visam à obtenção de lucro por intermédio da prestação desse serviço diferente dos cursinhos populares, que valorizam aos estudantes carentes condições no ingresso ao Ensino Superior, caracterizado pela ausência de lucro.

A partir disso, ressalta-se a proporção de alunos matriculados no “Hamlet” de 350 para uma equipe de 25 professores diferente do “Édipo-Rei” em que são aproximadamente 660 alunos para apenas 22 professores, aspecto que, neste segundo caso, dificulta a relação interpessoal entre alunos e professores e o processo de ensino-aprendizagem. É válido salientar que no Cursinho “A exceção e a Regra” são turmas menores, aulas diferenciadas, com disciplinas específicas de acordo com a necessidade do aluno.

Particularmente, o perfil do Curso “A exceção e a Regra” apresenta um diferencial em relação a outros cursinhos por atender uma clientela elitizada e por adotar o método das disciplinas específicas com turmas pequenas, cujo objetivo é amenizar a dificuldade do aluno relacionada à aprendizagem. Nesse caso, constata-se ser uma instituição escolar diferenciada, porém excludente por atingir uma pequena camada da população, uma vez que muitos não conseguem arcar com os custos de um pré-vestibular, bem como apresenta oportunidade reduzida de acesso ao ensino superior.

Sobre o perfil dos alunos, pode-se observar que, no período diurno, são alunos provenientes da classe média, média alta e, no período noturno, apresentam uma faixa etária superior, pertencem à classe média baixa e realizam atividade remunerada. Constata-se que o perfil do aluno noturno é caracterizado como trabalhador-estudante, que, segundo Bacchetto (2003, p. 50) é uma “categoria que engloba aqueles que possuem como vínculo principal o trabalho e como secundário o estudo, na iminência do abandono de uma das duas atividades, o estudo seria o sacrificado”.

Assim, são percebidos diferentes aspectos nos cursinhos pesquisados e, sobretudo, a importância do compromisso social desenvolvido pelo “Hamlet”, com a proposta de possibilitar ao aluno que pertence a diferentes classes sociais maiores condições de acesso ao ensino superior.

Tabela 2 - Perfil Resumido dos Cursos Pré-Vestibulares

PERFIL	Ano de Início	Nº de alunos em 2005	Horários por turno	Nº. Prof.	Critério de Seleção dos Professores	Perfil do aluno por turno	Atividades oferecidas	Aulas diferenciadas	Filiais cidades
Curso Pré Vestibular 'HAMLET'	1 9 8 9	350 Maringá	Diurno: Segunda a sexta 7:30hs às 12:15hs. Noturno: 19:15hs às 22:45hs e aos sábados 13:30hs às 17:30hs.	25	1) Experiência profissional desenvolvida e comprovada; 2) Indicação de professores em áreas afins.	<i>Diurno:</i> aluno preparado, não exerce outra atividade, oriundo da classe média; <i>Noturno:</i> faixa etária superior, exerce atividade profissional remunerada e pertence a diferentes classes sociais.	1) Plantões de tira-dúvidas; 2) Plantões de véspera; 3) Orientação profissional.	1) Cursos específicos de determinadas matérias; 2) Monitorias; 3) Laboratório de redação.	-----
Curso Pré-Vestibular 'ÉDIPO-REI'	1 9 8 8	660 Maringá	Segunda a sexta 7:30hs às 12:00hs (diurno); 17:00hs às 20:00hs (vespertino) e 19:15hs às 22:50hs (noturno), sábados (noite) e domingos (manhã)	22	1) Indicação da própria equipe de professores; 2) Quando não há indicação, são realizadas entrevistas e aula-teste com os candidatos.	<i>Período diurno e vespertino:</i> alunos elitizados com melhor condição financeira e os pais responsáveis pelo pagamento da mensalidade; <i>Período noturno:</i> classe média baixa, que trabalha durante o dia sendo responsável pelo pagamento da mensalidade.	1) Plantões de finais de semana; 2) Plantões de véspera; 3) Orientação profissional terceirizada.	1) Aulas de reforço com os professores titulares da instituição.	-----

Curso Pré-Vestibular 'A EXCEÇÃO E A REGRA'	1 9 9 9	55 Maringá	Períodos: vespertino e noturno	12 a 15 professores de matérias específicas e de aulas particulares	Indicação de professores.	Classe média alta e alta. Os cursos mais procurados são os chamados elitizados: Direito, Medicina, Odontologia, Farmácia.	1) Aulas normais; 2) Palestras com profissionais; 3) Exposição de filmes e análise crítica.	As aulas diferenciadas são de acordo com a necessidade do aluno e os horários disponíveis das aulas.	Maringá e Cianorte.
--	------------------	---------------	--------------------------------------	--	------------------------------	---	--	--	------------------------

OS ATORES PRINCIPAIS

1. OS PERSONAGENS E SUAS HISTÓRIAS

Neste capítulo, são apresentados os atores¹² participantes do espetáculo “A vida é uma escolha colada de renúncias” _ fragmento do poema de Helena Kolody _ com seus respectivos títulos e um breve resumo das informações coletadas nas entrevistas associadas com as categorias e subcategorias temáticas de análise.

Helena Kolody (1941-2004), uma poetisa paranaense, primeira brasileira numa família de ucranianos, desde criança foi amante da literatura e, aos 15 anos, escreveu seu primeiro poema "A Lágrima". Como profissão, escolheu o magistério, lecionando por 23 anos na antiga Escola Normal, atual Instituto de Educação de Curitiba-PR. Em seus poemas, ela conseguia transpor para as palavras as imagens captadas em seu dia-a-dia de modo que estas não perdessem sua magia, unindo a subjetividade e a objetividade, numa viagem de versos repletos de significados. Dessa maneira, o professor Manoel, um dos personagens participantes da pesquisa, refere-se a esse trecho do poema para sintetizar o processo de escolha na vida do sujeito.

De acordo com a pesquisa, é apresentada, em um quadro-síntese, a descrição dos atores para facilitar a apresentação dos personagens aos espectadores no processo de discussão dos resultados.

¹² Os nomes citados são fictícios, obedecendo aos preceitos éticos implicados na pesquisa com seres humanos.

Tabela 3 – Caracterização dos Atores

Atores	Idade	Estado Civil	Formação	Tempo de atuação em docência	Disciplina ministrada	Cursos Pré-vestibulares e cidades	Horas semanais
Camila	30 anos	Casada	Ensino Superior – Letras-Português/ Pós-Graduação (Especialização e Mestrado em Gestão Escolar e Língua Portuguesa)	11 anos	Redação	Édipo-Rei Platão e A Exceção e a Regra/ Maringá-PR e Cianorte-PR	43 horas (cursinho e ensino médio)
David	32 anos	Casado	Ensino Superior – Engenharia Química/Pós-Graduação (Mestrado em Química de Alimentos)	11 anos	Química	Hamlet e Nobel/ Maringá-PR e Paranavaí-PR	40 horas (cursinho e ensino médio)
Renato	31 anos	Casado	Ensino Superior – Matemática	12 anos	Matemática	Hamlet, Édipo-Rei e Global / Maringá-PR, Cianorte-PR, Umuarama-PR	50 horas
Manoel	32 anos	Casado	Ensino Superior – Ciências Biológicas/Pós-Graduação (Mestrado e Doutorando em Biologia Celular)	8 anos	Biologia	Hamlet, Nobel e CEC / Maringá-PR, Cianorte-PR e Paranavaí-PR	40 horas
Marcelo	33 anos	Separado	Ensino Superior – Geografia e Pós-Graduação (Especialização em Meio Ambiente e Mestrado em Matemática)	7 anos	Geografia	Hamlet, Édipo-Rei e Alfa / Maringá-PR, Cianorte-PR, Umuarama-PR e Ponta Grossa-PR	30 horas
Álvaro	37 anos	Solteiro	Ensino Superior – Letras Portugêses/Pós-Graduação (Especialização em Desenvolvimento de Grupos na Concepção Sistêmica)	16 anos	Redação e Literatura	Hamlet, Édipo-Rei, Novo Tempo/ Maringá-PR, Nova Esperança-PR e Paranavaí-PR	25 horas (nos anos anteriores era em média 56 horas)

1.1 Camila: “16, 17, 18 anos é cedo para escolher, as universidades teriam menos bancos vazios e pessoas que desistiriam por insatisfação”.

Histórico pessoal e profissional

Camila é casada, tem 30 anos, com formação em Letras, habilitação em Português-Português pela Universidade Estadual de Maringá. Pós-graduação (Especialização e Mestrado) em Gestão Escolar e Língua Portuguesa, respectivamente.

Há 11 anos atua na área de docência, atualmente ministra aulas de Redação nas cidades de Maringá-PR e Cianorte-PR com uma carga horária semanal de 43 horas/aula,

distribuídas entre cursinhos e ensino médio.

Papel do professor e a escolha profissional de seus alunos

Sobre a **compreensão**¹³ da escolha profissional de seu aluno, afirma que é um processo que não ocorre naturalmente, por existirem diversos fatores que influenciam na escolha, desde o professor até os pais, isto é, a família, fator econômico, status. De acordo com Camila, esses fatores “pesam” na nossa sociedade em relação à escolha profissional.

Quanto ao **lugar** que ocupa na escolha, foram apontadas questões divergentes: denegrir versus falar bem da profissão. Camila acredita que qualquer professor ocupe um lugar, porém, se esse professor estiver mal intencionado e, em sala de aula, denegrir a imagem da sua profissão, segundo a professora, é extremamente perigoso, sendo possível desmotivar o aluno em relação à profissão, ou, se o professor falar bem de sua profissão, “ele acaba puxando para seu lado”. De uma maneira geral os professores influenciam no processo de escolha.

Na sala de aula de cursinhos, Camila não é favorável a que se trabalhem questões sobre a informação profissional por causa do grande número de alunos e pela falta de contato direto, que possibilita ocasionar inúmeras interpretações. Então, o professor auxilia o aluno quando este o procura fora da sala de aula. “Eu acho mais legal o professor responder quando o aluno vem atrás, quando o aluno pergunta, isso é bastante comum”.

A entrevistada relatou o caso de um aluno que teve a sua **participação** na escolha. O aluno foi aprovado em Engenharia de Alimentos, porém apresentava interesse pela área de Letras, gostava das aulas de Redação e identificava-se com o professor de Literatura e Gramática. Entretanto os pais não aceitavam o interesse do filho por Letras, pelo fato da possibilidade de perder o status de fazer Engenharia, além disso, a mãe do aluno atuava como professora e segundo os pais, era uma profissão desvalorizada.

O aluno, abalado com a situação, procurou Camila para conversar. Nesse momento, foi enfatizada a importância de escutar a história do aluno e não opinar na sua escolha profissional.

Diversos **fatores** foram abordados por Camila em relação à dificuldade da escolha profissional. O primeiro, é o problema da idade. Segundo a professora, aos dezesseis, dezessete, dezoito anos, o jovem é imaturo para escolher, para tomar uma decisão na vida. Nesse aspecto, as universidades, na sua opinião, teriam menos “bancos vazios” e pessoas

¹³ As palavras em negrito no texto representam as sub-categorias temáticas de análise da presente pesquisa.

insatisfeitas. O segundo fator é o econômico, sendo a escolha do curso relacionada exclusivamente ao retorno financeiro, por exemplo, medicina.

A medicina atrai muito porque existe o mito ou verdade, existe aquela questão que fez medicina e depois de um determinado tempo ficou rico. Mito ou verdade não sabemos, mas existe esse estereótipo em relação ao médico.

O terceiro e último fator é o *status* relacionado à família. Os pais desejam que seus filhos escolham profissões de *status*: “eu sempre sonhei ter um filho doutor, engenheiro, agrônomo”. De acordo com Camila, é um fator bem influenciável na escolha desde a infância, os pais transmitem aos filhos seus desejos relacionados à escolha profissional: “Quando crescer você será médico”.

A professora trabalha esses fatores em alguns semestres durante as suas aulas, com textos sobre a vocação, dom e influência familiar na escolha.

Em relação à participação na escolha do aluno, a professora relatou sua colaboração indireta, por intermédio do seu discurso, ou seja, manifestando o seu ponto de vista. Sobre esta questão nenhum discurso é vazio, na sua concepção.

Eu acho que por mais que eu preparo uma aula, quando você está lá em cima com o microfone na mão, com trezentos alunos à sua frente o discurso nunca é vazio. Então, de uma forma ou de outra, você acaba manifestando um pouco o seu ponto de vista.

Sobre a sua **influência** na escolha, ela afirmou exercê-la tanto positiva quanto negativamente. Na sua concepção, o aluno que gosta da matéria ou “*simpatiza-se*” com o professor, com a sua didática em sala de aula, receberá uma influência positiva do professor.

Em relação à sua **trajetória** profissional, os alunos perguntam sobre como foi a escolha e sobre o salário. Segundo Camila, sobre a questão salarial, eticamente diz ser suficiente e, a respeito da escolha, ela conta aos alunos a sua história profissional.

A sua primeira opção foi Direito, após um ano de curso, transferiu-se para o Curso de Letras. Nesse período, prestou um concurso para professora de cursinho na universidade e “caiu numa sala de aula”. Destaca que “ficou apaixonada”. Os alunos estavam na mesma faixa etária de Camila, possibilitando um forte contato interpessoal fora da sala de aula, por freqüentarem festas juntos, formavam-se laços de amizade. Assim, aos dezoito, dezenove anos, Camila encantou-se com a sala de aula e diz: “Os alunos que me conquistaram. Se não fosse por eles, eu não teria ficado”.

Segundo a professora, sua escolha por Letras foi um “acontecimento¹⁴”, já que sua mãe era professora e seu irmão mais velho cursava Direito. Camila afirmou que sua mãe não exerceu diretamente influência, mas, com os acontecimentos e frustrações com o Curso de Direito, solicitou reaproveitamento de curso e conheceu um professor da área de Letras e, ao trabalhar juntamente com ele na Literatura e interpretação de textos e as aulas ministradas no cursinho, a professora identificou-se com a opção por Letras. “O Curso de Letras me completava mais como ser humano”.

Sobre a compreensão do trabalho de **orientação profissional**, foi enfatizada a importância da formação profissional do psicólogo para auxiliar o aluno na escolha, sendo necessário um especialista para exercer tal função. De acordo com Camila, existem pessoas despreparadas e desorientadas que trabalham com OP. É um trabalho favorável quando exercido com dignidade. Na sua opinião, a escola deveria oferecer palestras com um profissional especializado, em seguida indicar caminhos para o aluno vir a participar de um trabalho direcionado e não aplicação de questionários como é realizada na maioria das escolas.

Sobre procurar emprego ou prestar vestibular, foi mencionado como um fator primordial a importância do estudo na vida do jovem. Na opinião de Camila, é importante que o jovem preste vestibular, seja aprovado, consiga um emprego na instituição e desenvolva projetos na universidade com a possibilidade de remuneração e crescimento profissional. Entende que a pessoa sem estudo inicia sua carreira com um salário mínimo e, por exemplo, após cinquenta anos, muitas vezes continua na “mesmice”, com a mesma remuneração.

Para finalizar, Camila sugeriu a divulgação da pesquisa entre os professores de cursinhos, como um projeto de intervenção, com palestras, a fim de conscientizá-los sobre o papel que exercem frente aos alunos em relação a suas influências na escolha deles.

Cursos pré-vestibulares

Na concepção de Camila, os cursinhos auxiliam na escolha dos alunos mediante a organização de palestras com profissionais e a equipe de professores da área da educação, ao ministrarem aulas de diferentes disciplinas, influencia os alunos na escolha pela sua formação. Muitas vezes, os alunos não têm um modelo de identificação na família em relação à profissão, e a realidade do cursinho possibilita ao aluno esse processo.

¹⁴ A entrevistada utiliza a palavra acontecimento no sentido da sua opção profissional ter tido uma continuidade na carreira acadêmica.

Muitos dos nossos alunos de cursinho da nossa redondeza, eles não têm no pai e na mãe um grande exemplo de profissão, porque ali no cursinho têm o engenheiro que dá aula de matemática, tem o médico que dá aula de biologia, tem o biólogo que também dá aula de biologia, então acaba sendo um conjunto de profissionais da área da educação, mas que também fizeram outra opção de graduação. Eu percebo uma frustração que eles trazem pra gente!

Este trabalho, segundo Camila, é de grande importância para os cursinhos e professores que lidam com o processo de escolha profissional do aluno.

Síntese da entrevista

A professora enfatizou que o lugar do professor em relação à escolha profissional é um lugar de escuta da história do aluno, por causa do grande número de alunos em sala e a falta de contato pessoal possibilita ocasionar diversas interpretações.

Como uma das principais dificuldades sobre a escolha do aluno foi apresentada a questão da idade, porque o jovem com 16, 17, 18 anos é precoce para realizar uma escolha profissional. Isso explica, na concepção de Camila, os bancos vazios e a grande desistência por insatisfação em relação aos cursos nas universidades.

Ressalta a necessidade de um profissional com formação especializada na área de orientação profissional para auxiliar os alunos na escolha profissional e a importância do desenvolvimento deste trabalho para a conscientização dos professores sobre o papel que exercem nos alunos em relação à influência na escolha.

1.2 David: “Eu fui influenciado pelo cursinho, eu sempre queria exatas, só que eu nunca sabia qual curso”.

Histórico pessoal e profissional

David nasceu na cidade de Cianorte, localizada na região Noroeste do Paraná, aproximadamente a 80 km de Maringá-PR, casado, tem 32 anos e formação em Engenharia Química e Pós-Graduação (Mestrado) em Química de Alimentos pela Universidade Estadual de Maringá.

A experiência profissional em cursinhos é de 11 anos. Ministra a disciplina de Química, e atualmente, leciona nas cidades de Maringá e Paranavaí, com carga horária de 40 horas semanais, distribuídas entre o cursinho e ensino médio.

Papel do professor e a escolha profissional de seus alunos

Sobre a **compreensão** do professor em relação à escolha profissional, enfatizou que o aluno de cursinho já fez a sua opção profissional. Segundo David, são poucos os alunos que apresentam dúvida sobre a profissão. O professor, ao entrar em sala de aula, pergunta aos alunos sobre o interesse pelo Curso de Química e/ou Engenharia Química, e diz: “sempre têm alguns que levantam a mão, então, acredito que eles não têm dúvida qual curso escolher para a sua profissão”.

De acordo com sua experiência profissional, David afirmou não ocupar um **lugar** na escolha, já que os alunos de cursinho têm a escolha definida e afirmou que a sua aula não influencia os alunos interessados nos cursos da área de humanas.

David auxilia o aluno quando este o procura e mostra interesse no Curso de Engenharia Química e/ou Química, entende que participa da escolha ao informar sobre a área de atuação e o curso propriamente dito, ou seja, ao oferecer informação profissional.

Segundo David, um aluno perguntou sobre o campo de atuação de engenharia química e, após o diálogo com o professor, o aluno optou por tal curso e, atualmente, é estagiário da Petrobrás. Em relação à **participação** na escolha, o professor relatou um caso mal sucedido de uma aluna que optou por Engenharia Química, devido ao interesse pela área de exatas e, ao encontrá-la após um ano, havia desistido da Engenharia para cursar Direito.

Quanto à **dificuldade** do aluno em escolher uma profissão, o professor relatou não observar tal dificuldade nos alunos de cursinho, porém essa realidade difere dos alunos do terceiro ano do ensino médio. Segundo David, “eles se encontram bem perdidos em relação à escolha profissional”. Em sala de aula, o professor não trabalha essa questão, a tarefa é deixada para os psicólogos.

David relatou exercer **influência** na escolha profissional dos alunos tanto positiva como negativamente, porém, no decorrer da entrevista, demonstrou ser contraditório em seu discurso na questão da influência sobre seus alunos, por ter afirmado, no início, não interferir no processo.

Se ele chegar aqui pensando em fazer Engenharia Química e ver a minha aula e não gostar do jeito que está sendo passado, ele pode desistir sim ou ele pode fazer ao contrário também. O aluno diz “eu nunca pensei em fazer química”, daí ele assiste uma aula e diz, “não é que é boa mesmo, a química é gostosa de estudar”. A partir daí ele vai fazer química.

Sobre a **história da escolha profissional** do professor, os alunos perguntam o motivo que o levou a ser professor e não engenheiro químico. O interesse em ministrar aulas ocorreu pela realização profissional e pela questão econômico-financeira, visto que em termos salariais, o professor de cursinho se destaca na região de Maringá.

Geralmente, eles acham que o professor ganha menos que o engenheiro, então em termos de *status*, hoje, falar que é engenheiro químico é maior, só que em termos salariais para Maringá, o professor de cursinho ganha mais. Só que eu não vou falar para você que eu sou professor de cursinho por causa do salário.

Os motivos da opção do professor por engenharia química foi o interesse pela área de exatas. Porém a primeira escolha foi Engenharia Civil, mas o professor não tinha habilidade com desenhos. Ele tinha interesse pelo Curso de Engenharia Mecânica, mas, naquela época, não era oferecido pela universidade. Então, segundo David “sobrou” Engenharia Química. Pelo interesse em exatas, o *status* e o tempo disponível, o professor optou por Engenharia Química, porém nunca atuou como engenheiro.

Em relação à sua compreensão sobre a **orientação profissional**, baseou-se na própria experiência. Durante a escolha profissional, participou de um processo de orientação com testes vocacionais e foi destacado o interesse pela área de exatas, e não a opção da carreira professor. Sobre esta questão, o professor afirmou que o teste apresenta utilidade apenas para conhecer a área de interesse e não para a escolha da profissão.

No final da entrevista, o professor enfatizou a escolha profissional como uma das escolhas mais importantes da vida e avaliou o momento da escolha do jovem como um processo de imaturidade, porque o aluno ao escolher a sua profissão com dezessete, dezoito anos, segundo David, é imaturo. Ele sugere que tal escolha ocorra após um pós-médio, ou seja, propiciar um determinado tempo para o jovem amadurecer antes de cursar uma faculdade. Neste aspecto, David fala sobre o medo de errar e fracassar diante da escolha e o quanto isso pode ser perigoso para a vida profissional do jovem.

[...] o aluno com dezessete, dezoito anos é imaturo para escolher a profissão, e perigoso, porque se ele escolhe errado com vinte anos, ele descobriu que é

errado, ele tem medo de mudar, ele não vai querer mudar porque tá com medo, porque o pai vai achar que é um fracasso, os amigos vão achar que é um fracasso, então eu acho que é uma escolha muito importante, sendo muito cedo para ser escolhida.

Cursos pré-vestibulares

Sobre a função do cursinho na escolha profissional do aluno, acredita que este o auxilia indiretamente, porque “o aluno pode chegar aqui achando que a química é de um jeito e ele vai ver que é de outro, ou vai achar que é diferente, que é bom ou pode achar que é ruim”.

Quanto à escolha propriamente dita, a informação profissional sobre o curso e a área de atuação, na opinião do professor, o curso pré-vestibular não auxilia o aluno nesse processo.

Síntese da entrevista

Segundo este professor, são poucos os alunos de cursinho que apresentam dúvidas em relação à profissão. A maioria tem o curso pretendido, já que, quando os alunos perguntam ao professor informações de cursos, estes questionam em específico um curso.

O professor nunca exerceu a profissão de engenheiro químico, começou a dar aulas durante a graduação como “bico” e, atualmente, como professor, encontra-se realizado por gostar do que faz e pela situação econômica ser estável. O salário de professor de cursos pré-vestibulares é superior ao do engenheiro para a região de Maringá-PR.

Em sala de aula, o professor não trabalha a informação profissional devido à falta de tempo durante a aula no cursinho, e, quanto a dificuldade de escolha dos alunos, deixa a tarefa para os psicólogos.

1.3 Renato: “eu poderia ter me formado como engenheiro, só que eu seria professor de matemática”.

Histórico pessoal e profissional

Renato é formado em Matemática pela Universidade Estadual de Maringá, tem 31 anos, casado, ministra aulas de Matemática há 12 anos em cursos pré-vestibulares e, atualmente, ministra aulas nas cidades de Maringá, Cianorte e Umuarama-PR. Tem uma carga

horária de 50 horas-semanais, distribuídas entre cursinho e ensino médio.

Papel do professor e a escolha profissional de seus alunos

Sobre a **escolha** profissional, compreende a dificuldade do professor em ajudar conhecer nessa escolha, devido à falta de contato com o aluno. É uma situação diferente dos colégios em que as turmas são menores, facilitando a relação professor-aluno.

O entrevistado citou o exemplo de um cursinho em que o público frequenta o ensino noturno, porque os alunos trabalham, na opinião de Renato, são alunos que procuram por um curso para ter uma formação e não necessariamente o que eles gostariam de fazer. Neste sentido, o professor enfatizou a importância do estudo como um fator primordial na vida do sujeito.

O **lugar** que o Renato ocupa na escolha encontra-se relacionado à influência e identificação com a figura do professor em sala. Segundo o entrevistado, “já teve casos de aluno, com uma simples conversa, ele mudar a sua opinião em relação ao curso que ele pretendia fazer, eu acho até por se espelhar, muitas vezes, na nossa atuação enquanto professor”.

Quanto à **participação** do professor na escolha, foi mencionado o caso de um aluno que estava em dúvida entre fazer ou não Ciência da Computação. Após conversar com o docente, o aluno decidiu prestar para Matemática, fez mestrado na área de Matemática e, atualmente, segundo o professor, atua na área de docência para cursinhos e ensino superior.

Em relação à dificuldade de o aluno escolher o curso, citou como um dos principais **fatores** a falta de informação profissional sobre os cursos de graduação e o campo de atuação de cada área. Segundo Renato, “tem muito aluno que às vezes procura a gente para ter uma idéia do que é a profissão, às vezes eles falam, ‘ah professor eu gosto de matemática, gosto de física’, vem questionar como que é o campo de trabalho, as atuações”.

Em sala de aula não é trabalhada tal dificuldade devido à falta de tempo, porém, fora da sala, segundo o professor diz que o aluno traz questionamentos sobre a profissão ou a escolha e Renato informa na medida em que ele conhece.

Renato afirmou não **influenciar** seus alunos em relação à escolha, todavia apresentou contradições, em sua fala, já que mencionou que a disciplina de Matemática, em específico a área de exatas, muitas vezes, os alunos são “*assustados*” com a matéria, assistem aulas de Matemática porque gostam da aula em si, mas não gostam da disciplina. “Se ele optar por Matemática, ele vai fazer Matemática, ele sabe que é uma matéria difícil, se você pegar 100

alunos eu acredito que uns 80 são meio assustados com a Matemática, na verdade na área de exatas em geral”.

Sobre a **história de vida profissional**, o professor relata aos alunos que, quando cursou o terceiro ano de ensino médio, desconhecia o curso pretendido, porém sempre teve a certeza que desejava ser professor pela identificação com seus professores. Prestou vestibular para Engenharia Civil, porque teve medo de não conseguir ingressar no mercado de trabalho como professor de Matemática, então seria engenheiro. Quando ele estava no primeiro ano de faculdade começou a dar aulas em cursinhos e em várias cidades. Após cursar três anos de Engenharia, desistiu do curso para ser professor “quando chegou no terceiro ano de faculdade, chegou ao ponto que eu tive que escolher entre fazer Engenharia ou continuar dando aula, aí escolhi dar aula”. O professor relatou a possibilidade de ter se formado em Engenharia, mas o que ele queria era ser professor de Matemática. Após a sua decisão, prestou vestibular para o curso de Matemática, atualmente é graduado e encontra-se realizado profissionalmente com sua escolha.

É importante salientar que o professor não gostava da disciplina de Matemática e apresentava dificuldades na matéria, desde a quinta-série do ensino fundamental até o terceiro ano de ensino médio, e diz “eu tive que aprender”, portanto o fato do aluno apresentar afinidades com disciplinas não significa um fator determinante na escolha da profissão.

Sobre o processo de **orientação profissional**, relatou não ter conhecimento sobre essa área, mas supõe ser um trabalho baseado em aplicação de testes para identificar a área de interesse e informação profissional dos cursos oferecidos pelas universidades.

Cursos pré-vestibulares

O cursinho, na concepção do professor, auxilia o aluno indiretamente, porque, quando o aluno frequenta um cursinho, encontra-se em contato com o grupo de amigos e professores, segundo Renato, esse ambiente auxilia o aluno no processo da escolha profissional.

Síntese da entrevista

O professor apresentou dificuldades para falar sobre a escolha profissional devido à falta de contato com o aluno de cursinho. Sobre o lugar que ocupa na escolha: o aluno identifica-se com a atuação enquanto docente em sala de aula.

Muitos alunos gostam da aula do professor, porém em relação ao conteúdo eles são “assustados” com a Matemática.

Em relação à história da escolha, citada anteriormente, é interessante a opção por Matemática e o desejo de ser professor desde a época que cursava o curso pré-vestibular. Evidencia que houve identificação e influência de seus mestres de cursinho, sendo que o professor, desde da quinta série até o ensino médio, ficou em recuperação na disciplina de Matemática.

Em sala de aula, o professor não trabalha conteúdos relacionados à escolha profissional pelo seu desconhecimento sobre a área.

1.4 Manoel: “eu sou uma ponte de dois universos”.

Histórico pessoal e profissional

Manoel é casado, tem 30 anos, com formação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Maringá, possui Mestrado e é doutorando em Biologia Celular. O professor ministra aulas de Biologia em cursos pré-vestibulares há oito anos, atualmente, nas cidades de Maringá-PR, Cianorte-PR e Paranavaí-PR, com uma carga horária semanal de 40 horas entre cursinho e ensino médio.

Papel do professor e a escolha profissional de seus alunos

O professor, ao falar sobre a **escolha** profissional, relatou situações de alunos que optam por cursos que estão na “moda”; alunos que escolhem em função dos professores “tem gente que faz biologia porque gosta da aula de Biologia”; alunos decidem em função da profissão do pai. De uma maneira geral, a escolha profissional do aluno é identificada com base nas qualificações, sonhos e desejos e nas aptidões.

Em seu trabalho, o professor ocupa um **lugar** na escolha ao diferenciar os campos da área da Biologia, tais como: Biomédicas, Agronomia e Zootecnia. Para os alunos mais interessados, ele promove passeios na universidade, propiciando aos alunos o contato com a UEM, laboratórios e biblioteca, porém enfatizou que este trabalho ocorre apenas quando o aluno solicita, porque, devido ao grande número de alunos em sala de aula, torna-se inviável a aplicabilidade do trabalho.

Quanto ao lugar na escolha, o professor mencionou ser uma ponte de dois universos.

Nas suas palavras:

Eu sou uma ponte de dois universos, é o que acho que deve ser um curso universitário e a idéia que eu tenho do curso ou a experiência que eu tenho do próprio curso, então eu tento, na verdade, sintonizar eles. Se eu vejo que a pessoa tem aptidão, eu muitas vezes, eu falo, se você quiser, em vez de medicina, com uma biologia você seria muito feliz também, então eu tento esclarecer e tento servir como ponte, para ele tentar decifrar o que é esta profissão.

A influência da família exerceu um fator determinante na escolha de Manoel, visto que seus pais queriam que ele prestasse vestibular para medicina. Após alguns vestibulares, ficou em vigésimo terceiro na classificação para dez vagas e, a partir disso, foi estudar em um dos melhores cursinhos em Curitiba-PR.

Depois de algum tempo de estudo, preparo e dedicação, na semana que antecedia ao vestibular, a avó de Manoel faleceu. Diante deste fato, o professor não conseguiu realizar as provas do processo seletivo, assim, percebeu, após o falecimento, dificuldades em lidar com a questão morte pelo fato de ser uma pessoa extremamente emotiva. A partir disso, foram três anos de amadurecimento para enfrentar a família e ser aceita, sobretudo pelo pai, sua opção por fazer Ciências Biológicas.

Após a sua decisão, seu pai ficou durante um ano sem conversar com ele devido a sua escolha e o desejo de ser professor. Para o pai, era inconcebível que seu filho poderia “passar fome na vida”.

Durante um plantão de véspera¹⁵ do cursinho para 1.200 alunos no cine-teatro em Maringá-PR, o professor foi fantasiado de Coração Valente e convidou o pai para assistí-lo. No final do plantão, Manoel agradeceu aos alunos e, especialmente, a presença do pai que encontrava-se discretamente no salão. Nesse momento, os alunos levantaram e o aplaudiram e, a partir desse dia, seu pai aceitou a sua profissão ao perceber o carinho demonstrado pelos alunos, a sua dedicação como professor, e entendeu que a escolha do filho estava de acordo com suas aptidões e gostos. “Eu segui a minha vocação, hoje ele (pai) é como se fosse meu fã, mas no começo foi difícil, ele não conseguia entender”. Esta frase de Manoel sintetiza os momentos difíceis de angústia e de imposição familiar durante o seu processo de escolha profissional.

Sobre este aspecto, o professor relata o percurso de sua escolha profissional, em particular aos alunos do terceiro ano de ensino médio e enfatiza o gosto e o prazer pela sua

¹⁵ Aulas e resoluções de exercícios oferecidos pelos cursinhos na semana que antecede o vestibular.

profissão e usa uma frase muito significativa para sintetizar o seu trabalho: “*Eu sou completamente apaixonado por Biologia, minha vida é a Biologia, tanto que em casa eu tenho quatro canais de televisão, todos eles são voltados para Biologia. Minha vida é isso*”.

Manoel ainda realiza trabalhos de informação profissional e aconselhamento aos alunos de cursinhos.

O entrevistado relatou sobre a sua **participação** na escolha profissional de forma gratificante e envolvente, “*eu fiquei muito feliz, com muito orgulho*”. Relatou o caso de uma aluna que tinha o sonho de cursar Enfermagem, o professor auxiliou essa aluna no sentido de alertá-la que a realidade está além do campo dos sonhos, já que a aluna apresentava dificuldades em lidar com sangue, chegando até a desmaiar quando uma amiga cortou um dedo. A aluna gostava muito de Biologia, nesse aspecto ele a informou sobre o curso de Ciências Biológicas e o campo de atuação. Atualmente, encontra-se no terceiro ano de Ciências Biológicas e segundo Manoel, realizada.

Em relação às atividades desenvolvidas em sala de aula para a escolha profissional do aluno, Manoel afirmou: “falar que existe uma aula específica, que a gente pára a nossa aula para falar, é mentira, porque não dá tempo, então como é muito corrido, não tem tempo dentro da sala de aula”. Foi relatada a sua experiência profissional e a dinâmica vivenciada em sua família em relação à própria opção profissional, que oscilou entre o vestibular para Medicina e o seu real desejo em fazer Ciências Biológicas.

O importante para Manoel, é o papel que a família exerce na escolha profissional do aluno, considera a imposição familiar como um dos **fatores** determinantes na escolha da profissão.

Depois de um ano teve um plantão de véspera, e ele foi na verdade numa aula minha, ele nunca tinha assistido uma aula minha, e foi no Teatro Plaza para 1.200 alunos, e eu falei pra ele que ia fantasiado de Coração Valente, e ele ficou meio assim, que negócio que é esse, aí ele foi assistir, e chegou lá eu fiquei nervoso prá caramba, não pelos alunos mas pelo meu pai, e no final do plantão ele tava lá, e eu consegui localizar ele bem no canto, e aí eu agradei os alunos, e falei que aquela hora era muito especial porque meu pai estava ali. Aí os alunos levantaram e começaram a bater palmas, meu pai chorou um monte, e aí ele viu o carinho que os alunos tinham, o quanto gostavam da gente, e aí ele entendeu que na verdade eu fiz conforme as minhas aptidões, do meu gosto, da minha vocação. Eu segui a minha vocação. Hoje ele é, como se fosse meu fã. Quando ele vai viajar ele traz uma mandíbula de jacaré, então sempre tá trazendo algo prá mim. Mas no começo foi difícil, ele não conseguia entender o meu desejo.

Em sala de aula, o professor relata a **história da escolha profissional**, citada

anteriormente, sobretudo aos alunos do terceiro ano de ensino médio, cujo objetivo é trabalhar a dificuldade em relação à **influência** da família na escolha. Para Manoel, outra dificuldade importante é o desconhecimento do aluno sobre o mercado de trabalho, ou seja, as formas de atuação profissional e os campos de trabalhos possíveis na área.

Mencionou, durante a entrevista, a questão dos alunos que escolhem a profissão sem conhecimento das áreas que apresentam situações desagradáveis até mesmo na universidade. Ele exemplificou o caso de alunos que optam pelo curso de Ciências Biológicas e pensam em apenas estudar biologia, e acabam desistindo do curso por ter que estudar disciplinas como matemática e física. Assim, a desinformação do curso e das disciplinas é uma das dificuldades da escolha do curso, apresentada pelo professor.

Com relação ao trabalho de **orientação profissional**, Manoel utilizou o conceito de vocação e relatou a necessidade de

Identificar qual a vocação do aluno e tentar transcrever, ou seja, avisá-lo sobre o que é, e como vai atuar cada área da profissão, porque às vezes ele não sabe como é o curso, o que é o curso, e como ele vai atuar, tem gente que faz Biologia, acha que não vai ser professor, não tem como, você tem que trabalhar com ensino, mesmo sendo pesquisador, você vai ter que ser professor.

Manoel enfatizou os possíveis erros de postura existentes na área de cursinhos e entre seus professores. Primeiramente, a desculpa da falta de tempo, a pressão de acabar a apostila e ter uma boa qualidade de ensino. Essa rotina, segundo Manoel, esquece o lado humano, porque não há apenas números, ou somente mais um aluno, existe um ser humano que se encontra em conflito e perdido em relação à sua escolha. Então, na opinião do professor, com este trabalho, é possível fazer com que os professores reavaliem suas posturas em sala de aula e aumentem as cobranças da direção sobre novas propostas de trabalhos na área de orientação profissional.

Partindo dos professores de tentar pensar, meditar o quanto que eu influencio o aluno, o quanto que, na verdade, eu posso mudar a vida deles, se nossa escolha profissional pode contribuir. Muitas vezes, não é perder dez minutos, a gente pensa que perde dez minutos, pois é um investimento porque aqueles dez minutos podem alterar todo destino de uma pessoa. Então, eu acho esse trabalho muito significativo e que, automaticamente, serve em primeira escala para o professor reavaliar sua postura e cobrar às vezes da direção, coordenação uma outra postura.

Para Manoel, o trecho do poema de Helena Kalody, “a vida é uma escolha colada de

renúncias” parece ser a síntese de sua atuação em sala de aula na escolha profissional de seus alunos, apontando para as possibilidades, os riscos, a determinação e o empenho que deve existir na construção de uma profissão: “nunca pense que você fez o errado. Sempre pense que você fez o melhor, você não só fez o melhor, como você tem que se dedicar para que aquele sonho se tornar realidade. Só o sonho não leva a nada. Agora as pessoas que são grandes são aquelas que tornaram o sonho em realidade”.

Cursos pré-vestibulares

Os cursinhos poderiam exercer um papel facilitador na escolha do aluno, desenvolvendo projetos e eventos, como a semana das profissões e visitas de profissionais de cada área em sala de aula.

Síntese da entrevista

A influência da família é preponderante na sua história assim como para os outros. A família queria Medicina e, após três anos de amadurecimento, o professor a enfrentou para cursar Ciências Biológicas. Prestou vestibular três vezes para Medicina; chegou a ficar próximo da colocação, porém desistiu por não conseguir lidar com a questão da morte. Nesse período concluiu que não gostava da área de Medicina que a sua paixão era pela Biologia, e diz: “eu fiz o que eu gosto, eu sou completamente apaixonado pela Biologia, minha vida é a Biologia”.

Em suas aulas, realiza informação profissional por meio de passeios na universidade e informações sobre as profissões relacionadas à área de Ciências Biológicas.

A falta de tempo nos cursinhos prejudica a disponibilidade para promover discussões sobre os cursos de graduação oferecidos pelas universidades.

A reflexão final do professor sobre a falta de tempo parece um “*dar-se*” conta sobre a importância de preservar o lado humano do aluno, ou seja, “que existe um ser humano que encontra-se em conflito e perdido em relação à sua escolha”. Então, segundo Manoel, é necessário reavaliar a postura do professor em sala de aula em relação à escolha profissional do aluno.

1.5 Marcelo: “paixão de ser professor, porque eu adoro ser professor, então acabo influenciando os alunos”.

Histórico pessoal e profissional

Marcelo nasceu na cidade do Rio Grande, localizada no Rio Grande do Sul, separado há 10 meses, tem 33 anos, com formação em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá e pós-graduação na área de Meio Ambiente e Urbanismo. Atualmente, faz Mestrado na área de Matemática, em Estatística. A experiência profissional em cursinhos é de sete anos, atuando nas cidades de Maringá-PR, Cianorte-PR, Umuarama-PR e Ponta Grossa-PR¹⁶ com a disciplina de Geografia e a carga horária semanal de 30 horas-aula.

Papel do professor e a escolha profissional de seus alunos

Sobre a **escolha** profissional do aluno, o entrevistado relatou a falta de contato interpessoal com o aluno de cursinho, o que dificulta a compreensão em relação a esse processo de escolha. Acredita, porém, é possível auxiliar o aluno quando este o procura fora da sala de aula para sanar as dúvidas relacionadas à formação de Geografia.

Segundo Marcelo, é possível ocupar um **lugar** de influência na escolha profissional do aluno quando este começa assistir ao seu trabalho e se enxerga como profissional, bem como a paixão e o prazer de atuar como professor. “Eu adoro ser professor, então, pelo prazer, assim, da profissão você acaba influenciando essas pessoas”.

Quanto à **participação** do professor no processo de escolha, ele relatou o caso de um sobrinho que assistiu a algumas aulas de Geografia ministradas pelo tio e, devido ao interesse do sobrinho por essa área, cursou Geografia e, atualmente, ambos ministram aulas no mesmo colégio para o ensino médio.

O principal **fator** que dificulta a escolha do aluno é a falta de informação sobre o mercado de trabalho, uma vez que os alunos desconhecem a área de atuação de cada profissão. Em sala de aula, ele trabalha com reportagens sobre as atualidades do mundo do trabalho da Revista Veja digitalizada. Assim, à medida que esses assuntos são oportunizados, são apresentados aos alunos.

¹⁶ É importante salientar que na cidade de Ponta Grossa o professor ministra aulas uma vez por mês. Fica aproximadamente a 300 km de Maringá-PR

De acordo com as reportagens, o profissional é limitado ao conhecimento dele e encontra-se excluído do mercado pelo excesso de mão-de-obra não qualificada. Assim, Marcelo trabalha com a Revista e apresenta aos alunos as atualidades no mundo do trabalho. Na sua concepção, o que prevalece na escolha profissional do seu aluno é a busca de ascensão social e resultado econômico-financeiro.

No decorrer da entrevista, o professor foi contraditório na questão da **influência** sobre seus alunos ao afirmar não interferir na escolha do aluno.

Ao questioná-lo sobre a própria **opção profissional**, ele informou que decidiu fazer Geografia no dia da inscrição do vestibular, e disse: “Foi ao acaso e, no entanto, eu sou apaixonado pelo que faço, pensei em fazer Geografia porque você amplia seu horizonte, tem o mundo inteiro para você estudar”.

Sobre essa questão, Marcelo ao falar de si, fala da escolha do outro.

[...] uma das coisas que eu mais digo para eles, e que às vezes eu exemplifico inclusive com a minha própria história, embora não goste disso, eu dizer para eles assim, para a sociedade o chique é ser médico, advogado, são coisas assim, mas você pode ser muito feliz, até ter ascensão social, hoje eu tenho minha casa, meu carro, não sou rico, mas eu vivo bem com a Geografia.

A **orientação profissional** foi caracterizada pelo entrevistado como “uma bateria de testes”, tendo como profissional responsável um psicólogo. Ele não acredita na funcionalidade desse trabalho. Em alguns momentos de sua aula, informa aos alunos sobre a possibilidade deles assistirem aulas na universidade para obter informações sobre os cursos de graduação.

Cursos pré-vestibulares

Sobre o papel do cursinho na escolha profissional do aluno, entende que não há participação integral do cursinho em auxiliar o aluno na escolha, apesar da existência de profissionais terceirizados. O professor não soube explicar o funcionamento do trabalho.

Marcelo justificou a dificuldade em trabalhar a escolha profissional de seu aluno no cursinho devido ao estreitamento do cronograma de apostila, a falta de tempo e pouco contato com o aluno. Segundo o professor, as salas de aulas são superlotadas, um dos motivos que dificultam a relação interpessoal com os alunos.

Síntese da entrevista

Marcelo foi contraditório na questão da influência na escolha profissional de seus alunos, já que no início da entrevista, afirmou que, pelo prazer de ser professor, ele acaba influenciando seus alunos e cita o caso do seu sobrinho que optou por Geografia devido à influência do tio; porém, ao perguntar diretamente sobre essa questão, afirma não interferir no processo de escolha.

Outra característica importante do professor é, ao usar a Revista Veja digitalizada durante a aula, possibilitar a discussão sobre o mercado de trabalho, área de atuação profissional no campo da Geografia. Assim, oferece aos seus alunos informação profissional.

1.6 Álvaro: “o mais importante é saber a história do aluno e ouvir a história das profissões da família dele. Como te disse na minha família é determinante”.

Histórico pessoal e profissional

Álvaro tem 37 anos, é solteiro, com formação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Maringá. Fez Pós-Graduação em Sistêmica (desenvolvimento de grupos) e é aluno especial do Mestrado em Letras na UEM.

O professor ministra aulas de redação e literatura em cursos pré-vestibulares há dezesseis anos. Atualmente, possui uma carga horária semanal de 24 horas/aula e atua nas cidades de Maringá-PR, Nova Esperança-PR e Paranavaí-PR.

No início da carreira, o entrevistado ministrou aulas de literatura, redação e gramática, correspondendo a uma carga horária semanal entre 50 e 56 horas-aula.

Papel do professor e a escolha profissional de seus alunos

Sua compreensão sobre a **escolha** profissional do aluno, Álvaro pressupõe que, quando o aluno vem fazer cursinho, ele tem uma noção sobre o curso pretendido e, pela conversa com os alunos, tem-se pouca certeza do que realmente eles desejam em relação à profissão. Afirma ser uma fase de inconstância no sentido de imaturidade, um período difícil de escolha. Segundo o professor, a influência da família também é uma situação de interferência na escolha do aluno.

Álvaro relatou ocupar um **lugar** na escolha do aluno ao responder as dúvidas dos alunos sobre o mercado de trabalho, o campo de atuação em Letras e esclarecimentos em relação a outras áreas. O professor acredita ocupar um lugar na vida do aluno, porém esse lugar não é determinante. A disciplina ministrada (redação) facilita ocupar um lugar na escolha devido à exigência e importância da prova escrita nos vestibulares.

É uma disciplina que tem peso para todos os cursos, praticamente, parece que é uma obrigatoriedade de todas as faculdades, é uma necessidade de ter a prova escrita. Então, acaba sempre tendo um lugar pela importância que a disciplina recebe nos últimos anos.

Sobre a **participação** na escolha, Álvaro relatou o caso de uma aluna do terceiro ano do ensino médio que cursou Letras e ao terminá-lo, ela trabalhou na mesma escola que o professor. Durante o ensino médio, a aluna apresentava dúvidas entre Direito, História e Letras. Após algumas conversas sobre o mercado de trabalho e área de atuação, a aluna decidiu prestar vestibular para Letras e atualmente são colegas de profissão.

Diversos **fatores** foram abordados por Álvaro sobre a dificuldade do aluno em escolher uma profissão, tais como: a diversidade de cursos de graduação ofertados pelas universidades, as incertezas do mercado de trabalho e o papel que a família exerce na escolha profissional do aluno, sendo muitas vezes, um fator determinante na escolha.

Sobre as questões citadas acima, o professor relatou a importância de trabalhar esses temas referentes à escolha profissional, ainda na formação do professor, ou seja, durante a graduação.

Eu acho que deveria ter já na minha formação essa noção, porque o professor também não tem isso, quando ele sai da faculdade. Quando ele faz o curso de graduação, ele não tem essa noção de que ele vai trabalhar diretamente com esta questão profissional com os alunos, que ele interfere nisso. Deveria ter mais base e noção na formação de que significa essa interferência.

Em relação à **influência** na escolha, Álvaro está numa nova fase profissional, afirma estar disposto a escutar a história de vida do aluno e não opinar na vida deste entre o certo e o errado, como já fez em diversas experiências anteriores na sua atuação como professor.

Quanto a **trajetória** do professor em relação à escolha da profissão, optou pelo curso de Letras devido à paixão de ler; à interferência do avô que era contador de histórias; o pai era agricultor e sempre incentivou os filhos para o estudo, como uma saída na vida; segundo o pai, a agricultura não dava retorno financeiro. Álvaro afirmou a valorização do estudo na

família, por meio deste possibilitou a realização profissional, sendo proprietário de colégio com situação financeira estável.

Sobre a importância de o aluno trabalhar e estudar, o aluno deve procurar um emprego e estudar. São duas questões importantes na vida do jovem, ou seja, procurar um emprego possibilita ao adolescente construir um currículo e obter qualificação, sendo a “experiência e estudo um processo e o profissional não pode parar mais de estudar, seja na área específica, ou seja em áreas paralelas”.

Além da importância do trabalho e do estudo, existe uma preocupação com a área da orientação profissional. Há necessidade de escutar o aluno e informá-lo sobre as áreas de interesse e, sobretudo ouvir a história das profissões dos familiares.

No entendimento do professor, a família foi um fator determinante na sua escolha e exerce um papel influente. Portanto, para Álvaro, o papel da orientação profissional é ajudar o aluno a se encontrar diante das possibilidades que ele possui para exercer uma profissão.

Para Álvaro, a **orientação profissional** deveria ser um serviço obrigatório, incluído na grade curricular da escola e dos cursos pré-vestibulares, como uma orientação pedagógica, além dos conteúdos em sala de aula e seria oferecida a todos os alunos. Nas palavras do professor:

A orientação profissional deveria ser um serviço à disposição de todos os alunos. Deveria fazer parte como uma orientação pedagógica mesmo, e ainda mais como no nosso mundo contemporâneo, que os empregos estão escassos e onde a qualidade de vida é uma necessidade, onde as pessoas devem ser felizes no que elas fazem, e a profissão não dá para dissociar da vida pessoal da vida profissional, aliás nunca deu, mas hoje mais do que nunca, esse mundo corrido que a gente anda e que as relações pessoais se desgastam cada vez mais; portanto, eu acho que é fundamental que as escolas ofereçam esse trabalho.

O professor finalizou a questão, afirmando a relevância da orientação profissional na vida do indivíduo, enfatizando a importância de ser feliz naquilo que se faz, devido à qualidade de vida ser uma necessidade do ser humano.

Cursos pré-vestibulares

Na opinião do professor, os cursinhos auxiliam pouco seus alunos em relação à escolha profissional, pois são poucos cursinhos que oferecem orientação profissional e,

geralmente, são inflexíveis em relação a esta questão, diferente dos colégios que a valorizam e apresentam a possibilidade de aplicabilidade do trabalho de orientação.

Síntese da entrevista

O período de escolha é uma fase de inconstância no sentido de imaturidade. Os alunos têm pouca certeza em relação ao que realmente eles querem quanto à profissão e um dos fatores determinantes na escolha está relacionado à influência familiar devido ao importante papel que a sua família exerceu na sua escolha.

A importância da orientação profissional, para Álvaro, baseia-se em escutar a história de vida do aluno, a história das profissões de sua família e auxiliar o aluno a se encontrar, diante das imensas possibilidades para escolher uma profissão.

Foi enfatizada a importância de ser trabalhada a questão profissional durante a formação acadêmica sobretudo nos cursos de licenciatura, ou seja, ensinar o futuro professor a lidar com as questões pertinentes à escolha profissional do aluno.

ESPETÁCULO: “A VIDA É UMA ESCOLHA COLADA DE RENÚNCIAS”

A análise do material foi realizada ao longo da pesquisa, possibilitando construir as categorias e subcategorias das temáticas centrais: histórico pessoal e profissional; papel do professor e a escolha profissional de seus alunos e a função dos cursinhos na escolha profissional do aluno na concepção do professor. As interpretações desenvolvidas permitiram também analisar as subcategorias temáticas dos professores de cursos pré-vestibulares e atingir os objetivos propostos da pesquisa.

1 HISTÓRICO PESSOAL E PROFISSIONAL

Nesta categoria, foram identificadas as características pessoais dos professores, a formação superior e a experiência profissional na área de docência em cursos pré-vestibulares.

A faixa etária dos entrevistados encontra-se entre 30 a 40 anos. Quatro dos professores(ra) são casados: Camila, David, Renato e Manoel. Marcelo é separado e Álvaro é solteiro. Os professores têm formação na graduação de ensino superior pela Universidade Estadual de Maringá. Camila, Marcelo e Álvaro realizaram cursos na área de Ciências Humanas (Letras-Português, Geografia e Letras-Português, respectivamente), David e Renato realizaram cursos na área de ciências exatas (engenharia química e matemática) e Manoel na área de Ciências Biológicas (Biologia).

Foi possível observar, por intermédio das áreas de interesse e o papel exercido pelos professores, que o relato deles, em específico da área de exatas, sobre o seu papel na escolha profissional de seus alunos é inferior em relação ao discurso dos entrevistados das áreas humanas e biológicas. David e Renato, professores de Química e Matemática, apresentaram dificuldade na entrevista para falar sobre a escolha profissional de seu aluno, o que difere dos demais professores.

Dos seis professores, cinco têm pós-graduação com títulos de especialização e/ou mestrado. Apenas Renato não concluiu a especialização em Matemática pura devido à falta de disponibilidade e tempo.

Os entrevistados atuam na docência em cursos pré-vestibulares há entre sete e dezesseis anos nas cidades de Maringá e região Noroeste do Paraná. Iniciaram a carreira de professor durante a graduação e demonstram, em suas falas, o quanto são apaixonados pela profissão.

[...] eu sou um apaixonado pelo que faço. ^(Marcelo) [...] eu fiz o que eu gosto, eu sou completamente apaixonado pela Biologia, minha vida é a Biologia. ^(Manoel) [...] eu nunca mais pensei em deixar a sala de aula para advogar, então foi algo de encantamento, os alunos que me conquistaram se não fosse por eles eu não teria ficado. ^(Camila)

Atualmente, a carga horária dos professores situa-se entre 25 a 50 horas semanais, distribuídas entre cursinhos e ensino médio. De acordo com os professores, a carga horária é modificada conforme o semestre e a distribuição das aulas. No caso de Álvaro, no início de sua carreira, ministrava aulas de literatura, redação e gramática com uma carga horária semanal de 50 e 56 horas-aula em diversas cidades do Paraná, inclusive Curitiba-PR.

Constata-se que a maioria dos entrevistados trabalham com uma carga horária superior a 30 horas semanais, caracterizado como um processo de sobrecarga de trabalho, porém exercido pelo professor com paixão, conforme citado anteriormente. Pode-se observar, na atuação dos professores, situações de prazer e sofrimento no trabalho devido ao desgaste físico por atuar em diversos cursinhos em diferentes cidades.

Para a análise do significado e sentido do trabalho docente, utilizam-se as reflexões de Basso (1998). Para a autora, o significado da prática docente é constituído pela finalidade da ação de ensinar, cujo objetivo é descobrir qual o sentido desta atividade para o professor e o que o motiva para tal realização.

Caso o sentido do trabalho docente seja apenas o de garantir sua sobrevivência como forma de realização, trabalhando apenas pelo salário, de forma mecânica, sem sentido e, conseqüentemente, sem significado pelo conteúdo de tal atividade prevista socialmente, pode-se dizer que tal trabalho é realizado na situação de alienação.

Sobre o trabalho alienado, Marx (1968) ressaltou que o processo de trabalho é uma atividade dirigida com o fim de criar valores de uso, que tem como único sentido o de garantir a sobrevivência e satisfazer as necessidades de qualquer natureza. Com isso, o sentido pessoal da atividade prática não corresponde mais ao seu significado.

Nesse sentido, para que o trabalho docente não seja um trabalho alienado, é necessário desvendar o que incentiva e motiva tal professor a realizar seu trabalho. É evidente que este motivo não é totalmente subjetivo (interesse, vocação, entre outros), depende também das condições materiais (recursos físicos das escolas, material didático, jornada de trabalho...) ou objetivas em que a atividade se concretiza.

Basso (1998, p. 27-28) destaca,

Quando essas condições objetivas de trabalho não permitem que o professor se realize como gênero humano, aprimorando-se e desenvolvendo novas capacidades, conduzindo com autonomia suas ações, criando necessidades de outro nível e possibilitando satisfazê-la, este trabalho é realizado de forma alienada.

Alguns entrevistados afirmam ser “*apaixonados*” pela sua profissão. São considerados, sob a ótica do significado do trabalho docente, professores bem-sucedidos que conseguem integrar o significado e o sentido para obter uma formação adequada, de forma a encontrar melhores condições objetivas que concretizem uma prática docente mais eficiente e menos alienada.

E o prazer? E a paixão de ser professor? Segundo Luna (2001, p. 50),

Encontram-se em um cenário diferente, em um cenário no qual o trabalho surge com sua faceta de paraíso, de vida, no qual o trabalho possibilita a realização da felicidade humana, da mesma forma que tem possibilitado, para a grande maioria, adoecimento, frustração e infelicidade. Para que isto possa acontecer, é necessário que o trabalho torne-se significativo para cada um de nós, que nos reconheçamos no produto de nosso trabalho e não mais precisemos de motivos extrínsecos no que se refere à essência do próprio trabalho.

É preciso que a atividade do trabalho docente seja exercida para garantir a satisfação de algumas necessidades psicológicas, uma vez que, estar em atividade que se goste de fazer é fundamental para a vida do indivíduo.

2 PAPEL DO PROFESSOR E A ESCOLHA PROFISSIONAL DE SEUS ALUNOS

As condições e os aspectos enquadrados nesta categoria dizem respeito às informações sobre a compreensão e participação dos professores de cursinho em relação à escolha profissional de seu aluno. Foram definidas sete subcategorias temáticas, evidenciadas a seguir.

2.1 Compreensão sobre a escolha profissional do aluno

A respeito da compreensão dos professores sobre a escolha profissional do aluno, constatou-se que dois dos entrevistados enfatizaram os fatores: *status* econômico e família

como determinantes e de influência no processo de escolha do aluno. Tais fatores “*pesam*”, reconhecidamente na sociedade por influir diretamente no desenvolvimento vocacional do adolescente.

É importante ressaltar a questão referida por Krawulski (1998, p. 6): “[...] escolher uma profissão significa, em sentido mais amplo, escolher a atividade laboral à qual será dedicada boa parte da vida futura”.

Diante desses fatores, um dos professores apontou a escolha profissional como sendo uma fase difícil para o adolescente, repleta de imaturidade para identificar seus próprios gostos, interesses e, sobretudo, a atividade laboral.

Uma escolha madura e ajustada, segundo Levenfus (1997, p. 184), “permite que o adolescente faça coincidir seus gostos e capacidades com as oportunidades exteriores, consiga fazer um balanço ou síntese entre responsabilidade individual (consigo mesmo) e responsabilidade social”.

Foi salientado que, para o adolescente realizar uma escolha madura, é necessário o auto-conhecimento sobre seus gostos, interesses e aptidões, conforme a sua realidade e a realidade da profissão.

No entendimento de Manoel, o processo de escolha profissional ocorre devido à identificação do aluno com seus professores, bem como em função da profissão do pai quando se descortinam: a qualificação, os sonhos, os desejos e as aptidões. Levenfus & Nunes (2002, p. 74) pontuam que “a estruturação de um processo de escolha passa pela via da identificação do sujeito a algo que signifique para ele uma possibilidade de reconhecimento de uma instância paterna que lhe possibilite reconhecer nela sua filiação”.

Uma outra característica apresentada por um dos entrevistados refere que os alunos de cursinho têm a opção profissional definida, visto que a minoria apresenta dúvidas em relação à profissão.

São poucos que têm dúvida sobre a profissão, porque quando eu entro em sala eu pergunto quem vai prestar Química ou Engenharia Química e sempre tem alguns que levantam, então acredito que eles não têm dúvida qual curso escolher para a sua profissão. ^(David)

É possível evidenciar com a análise, que o professor generaliza tal situação, sem muitos fundamentos. Ele apóia-se em apenas uma pergunta que faz aos alunos para afirmar que estes, por não apresentarem dúvidas em relação à profissão, têm a opção propriamente dita. No entanto, outro entrevistado acredita que os alunos de cursinho têm apenas uma noção

vaga sobre o curso pretendido e apresentam pouca certeza sobre o que realmente desejam no campo profissional.

Foi constatado que três dos entrevistados (David, Renato e Marcelo) tiveram dificuldade para falar sobre a escolha profissional de seus alunos e justificaram tal questão pelo grande número de alunos distribuídos em sala que prejudica o contato interpessoal e impossibilita trabalhar durante as aulas a informação profissional.

Apesar da dificuldade de contato com os alunos, observou um dos entrevistados no cursinho em que atua no período noturno que os alunos trabalhadores buscam um curso superior para ter uma formação e não necessariamente o que eles gostariam de fazer. Nesse caso, a satisfação e o desejo da realização profissional ficam em segundo plano, porque o aluno prioriza a formação, ou seja, o diploma de curso superior como forma de suprir as necessidades do mercado de trabalho. Ele não leva em consideração seus interesses e potencialidades.

Sarriera (2004, p. 33) destaca toda a complexidade que envolve o mercado de trabalho.

Exigem-se novas habilidades e condutas do profissional que está chegando ao mercado de trabalho, precisando estar atento para compreender o rumo destas transformações, sendo cada vez mais competente e, ao mesmo tempo, mais informado, capaz de desenvolver competências para sua inserção na sociedade e no mercado de trabalho.

Assim, as exigências contemporâneas do mundo do trabalho em relação ao profissional são cada vez maiores. Busca-se um profissional capacitado, especializado e com condições de exercer inúmeras atividades. Apenas o diploma universitário não garante a inserção do jovem no mercado, diversos fatores sociais, econômicos, políticos e intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo interferem nesse processo.

Apesar de os professores relacionarem a dificuldade de compreensão do processo de escolha profissional de seus alunos com a falta de contato interpessoal, de uma maneira geral, foi enfatizado que o aluno de cursinho não tem uma escolha propriamente dita, e que desconhece os fatores familiares, sociais, econômicos que influenciam na escolha. Apresentam uma preocupação apenas com a formação, como tentativa de suprir as necessidades desencadeantes do mundo do trabalho.

Evidencia-se que a realização pessoal e profissional, o desejo e a satisfação de exercer tal profissão, na concepção dos professores, não constam na escolha profissional de seus alunos.

2.2 Lugar na escolha profissional

Evidencia-se, nesta subcategoria o lugar que os professores ocupam na escolha profissional de seus alunos. Pode ser observado que dois dos entrevistados ocupam um espaço de identificação nessa escolha, ou seja, constata-se que os alunos se identificam com a figura do professor e com seu trabalho em sala de aula.

Numa abordagem psicanalítica, segundo Brenner (1975, p. 56),

[...] identificação compreendemos o ato ou processo de tornar-se semelhante a algo ou alguém, em um ou diversos aspectos do pensamento ou comportamento. Freud assinalou que a tendência a tornar-se semelhante a um objeto do meio ambiente representa uma parte muito importante do relacionamento da pessoa com os objetos em geral, e por isso parece ser de particular importância nos primórdios da vida.

Nesse processo de identificação, é importante que o professor não apenas ensine bem, mas seja um “bom exemplo” para seus alunos, isto é, estes tendem a assemelhar-se, a identificar-se com seus professores. No caso de Marcelo, foi possível compreender a paixão e o prazer de ser professor e o quanto seu aluno se identifica com sua postura. Neste aspecto, Whitaker (1997, p. 57) enfatiza que “gostar muito de uma disciplina pode significar apenas que existe na escola um bom professor, que angariou a simpatia do jovem. Seria preciso testar isso sem a influência desse professor”.

Uma das depoentes verbaliza ser um lugar perigoso caso o professor esteja mal intencionado em denegrir a imagem de sua profissão. Neste caso, existe a possibilidade de desmotivação do aluno em relação à escolha pelos aspectos negativos da profissão. O oposto ocorre quando o professor se refere aos aspectos positivos da profissão, relacionando a um lugar de influência na escolha do aluno.

Percebe-se, ainda, em dois dos entrevistados, um aspecto relacionado à informação profissional. A frase de Manoel sintetiza tal afirmação: “ser uma ponte de dois universos”,^(Manoel) visto que o professor explica aos seus alunos os diferentes campos da área de Biologia, sintonizando a idéia que o aluno possui sobre o curso e esclarecendo as dúvidas relacionadas à profissão.

Foi possível constatar o comprometimento desse professor em relação à escolha profissional de seu aluno, apesar de afirmar que a falta de tempo disponível nos cursinhos o impossibilita de ter melhor contato interpessoal.

No entendimento de Álvaro, a disciplina de redação ministrada nos cursinhos possui um lugar de referência para os alunos pela importância e exigência na prova escrita dos vestibulares, podendo viabilizar possíveis discussões e produções de textos sobre a escolha profissional. Fica evidenciado, também, que o professor ocupa um lugar de informação sobre o mercado de trabalho aos seus alunos e os campos de atuação, porém foi enfatizado que esse lugar não é determinante devido aos fatores citados anteriormente.

Os alunos tiram informação, de como é que eu percebo o mercado de trabalho, como é o que eu percebo a minha área, como é que eu percebo as outras áreas, entre as possibilidades que eles têm o que eu indicaria. Eles gostam muito disso, então acredito que o professor tenha sim, esse lugar, mas esse lugar não é determinante. ^(Álvaro)

Entre os entrevistados, David foi o único professor que afirmou não ocupar um lugar na escolha de seu aluno por acreditar que estes têm a escolha definida. Porém ele mostrou-se contraditório em seu discurso por exercer influências positivas e negativas na escolha do aluno.

2.3 Participação do professor na escolha da profissão de seu aluno

É analisada, em seguida, a participação dos professores no processo de escolha profissional de seu aluno em diferentes contextos.

Na concepção de Camila, a participação na escolha foi relacionada com a escuta da história de vida do aluno. “Nesse sentido, se o aluno me procura eu acho que é uma obrigação escutá-lo, agora, eu chegar e fala. Ah! Você escreve bem, não faz jornalismo! Aí, eu não acho legal”. ^(Camila) Entende que a professora encontra-se participando do processo de escolha e não, especificamente, opinando no momento decisivo do aluno. No entanto, fica evidenciado o auxílio apenas quando o aluno solicita à professora.

Valore (2002, p. 117) salienta a importância da escuta como “uma determinada abordagem do objeto de intervenção que considera os aspectos inconscientes determinantes da posição subjetiva frente à problemática da escolha”. Nesse aspecto, Valore utiliza a escuta da estratégia clínica psicanalítica no processo de OP para entender o indivíduo em seu processo de escolha, possibilitando auxiliá-lo na construção de um projeto de vida pessoal e profissional.

Percebe-se que o fato da não escuta das opiniões de alunos em sala de aula dificulta o processo de interação professor-aluno. Conforme Leite (1983, p. 252), “falta ao professor a

qualidade básica para a manutenção de contatos legítimos com os outros: saber ouvir e buscar compreender as suas palavras”.

A maioria dos entrevistados reconhecem a sua participação na escolha ao realizar informação profissional aos alunos interessados, e os professores da área de exatas esclarecem aos alunos dúvidas sobre a formação acadêmica dos mesmos. Neste sentido, “o aluno diz: eu tô pensando em fazer Engenharia Química, o que você acha? Aí eu falo como que é o curso, o que eu tô fazendo, porque dou aula e não sou engenheiro. Então, eu participo dessa informação”. (David)

Além da informação sobre os cursos de graduação, um dos professores auxilia seus alunos em relação ao mercado de trabalho e campos de atuação de determinadas áreas. Inclusive houve a participação do professor no processo de escolha profissional de uma aluna que optou por Letras e, após a conclusão do curso, foi colega de profissão do entrevistado.

Salienta-se que a participação dos entrevistados nesse processo é evidenciada como algo prazeroso e gratificante quando realizada com sucesso, ou seja, a escolha do aluno relacionada com a realização pessoal e profissional.

A frase de Manoel resume a sua participação na escolha de uma aluna que sonhava em prestar vestibular para Enfermagem pelo grande interesse por Biologia, embora apresentasse dificuldades em lidar com sangue. Nesse sentido, o professor a informou sobre o Curso de Ciências Biológicas de forma “que a realidade está além do campo dos sonhos”. (Manoel) Percebemos que, após essa informação, no entendimento de Manoel, a aluna pôde concretizar tal sonho em uma outra área e com a possibilidade de realização pessoal e profissional.

Lucchiari-Soares (1997, p. 87) pontua tal questão quando afirma que “na escolha da profissão, percebe-se que o jovem idealiza a profissão que ele quer seguir. Ele se imagina numa profissão perfeita, ideal, que vai responder a todas as suas aspirações e sobre a qual ele pode projetar seus sonhos”, semelhante à história da aluna retratada pelo professor Manoel.

Foi possível compreender que o foco da participação dos entrevistados na escolha pessoal do aluno refere-se à informação profissional. Porém esse processo ocorre apenas quando o aluno solicita ao professor esclarecimentos sobre as profissões e as áreas de atuação.

De acordo com análise, fica evidenciado que durante as aulas, não são desenvolvidas atividades para a escolha profissional devido à falta de tempo dos professores. Na compreensão de Manoel, “falar que existe uma aula específica, que a gente pára a nossa aula para falar, é mentira, porque não dá tempo”. (Manoel). No caso, a informação profissional encontra-se restrita aos alunos que buscam orientação com os professores nos corredores do cursinho, embora, muitas vezes, os entrevistados não apresentam percepção de seu

engajamento com a escolha profissional de seu aluno, já que a informação, inúmeras vezes, encontra-se associada ao conteúdo programático desenvolvido durante as aulas.

2.4 Fatores que dificultam o processo da escolha profissional

Embora em situações diferentes, os entrevistados, em geral, reconhecem os fatores que dificultam o processo de escolha do aluno, dois dos depoentes (David e Camila) afirmaram que os jovens são imaturos para escolher uma profissão e tomar uma decisão tão importante para a vida, percebe-se que, devido a essa imaturidade, uma das entrevistadas justifica o grande número de pessoas insatisfeitas com a primeira opção de curso e, como consequência, a existência de inúmeros bancos vazios nas universidades e faculdades.

Com isso, os jovens estão cada vez mais precoces e despreparados em termos de assumir tal responsabilidade. Isto se evidencia na desistência e/ou mudanças de cursos e áreas ofertadas nas universidades. Um estudo inédito sobre o mapeamento das causas da evasão no ensino superior, publicado na Folha de S. Paulo, realizado na USP pela professora Yvette Lehman (2005), constatou que aproximadamente 50% dos estudantes são desistentes de cursos superiores e apresentam dificuldades no processo da escolha por falta de informação sobre os cursos nas universidades, mercado de trabalho, influências e pressão dos pais, insatisfação pessoal e profissional. A autora da pesquisa elaborou uma proposta, conforme citado anteriormente, como forma de evitar o abandono nos cursos universitários oferecendo aos jovens atendimento e Orientação Profissional de forma a auxiliá-los nesse processo e, como consequência, a diminuição da taxa de evasão no ensino superior.

No entendimento de David, “o aluno escolhe muito novo a sua profissão. Então, a gente que está aí mexendo com a juventude, eu acho que você colocar para uma pessoa de dezessete, dezoito anos para escolher uma profissão para o resto da vida, eu acho um carma, um fardo muito alto”. O professor avalia o momento da escolha do jovem, uma fase árdua para o adolescente devido à imaturidade para decidir o seu futuro profissional.

Sobre o fator econômico, foi enfatizado que a escolha do aluno encontra-se associada, primordialmente, ao mito do retorno financeiro e, como consequência, o “*sonho de ficar rico*”. ^(Camila) A tendência dos alunos é realizar uma escolha profissional apoiada, muitas vezes, na desinformação das profissões, *status*, alta remuneração, entre outras.

Um outro fator relevante é que alguns relatos evidenciam o papel da família como uma das principais dificuldades enfrentadas pelo aluno devido à grande influência exercida no

processo de escolha. Nas influências familiares estão muito presentes na construção da carreira pelos jovens.

Assim, constata-se que os próprios pais constroem projetos para o futuro dos filhos, estabelecendo metas e objetivos a serem alcançados e responsabilizando-os para a realização de sonhos que muitas vezes os próprios pais não puderam concretizar, ou seja, os filhos acabam escolhendo uma profissão que os pais gostariam de ter exercido.

De acordo com os fatores citados, constata-se, ainda, a falta de informação sobre as profissões, áreas de atuação, diversidade de profissões e as incertezas do mercado de trabalho relacionado com a dificuldade do aluno na escolha de uma profissão.

Um dos professores salienta a questão do mercado de trabalho, justificando que o excesso de mão-de-obra não qualificada gera um profissional limitado e excluído do mundo do trabalho.

Hoje em dia se um profissional ele for só limitado ao conhecimento dele, ele já está fora do mercado, primeiro porque nós temos um excesso de mão-de-obra não qualificada e as empresas evidentemente vão procurar o melhor que elas puderem, assim aquilo que elas puderem extrair da mais valia, de maior lucro, evidentemente elas vão fazer, se elas puderem exigir isso de um funcionário, ótimo. ^(Marcelo)

Martins (2001, p. 63) enfatiza a questão da “[...] necessidade de um novo tipo de trabalhador, mais qualificado, com nível maior de escolaridade, assumindo mais responsabilidade, mais participante e comprometido com os objetivos da empresa”.

Nesse sentido, há um novo cenário, com novas exigências no mercado de trabalho que prioriza um profissional qualificado e polivalente, ou seja, um trabalhador que possa exercer múltiplos papéis e que esteja comprometido com seu constante aprimoramento.

De acordo com os fatores apresentados pelos professores em relação ao processo de escolha profissional, observa-se que tais fatores não são trabalhados exclusivamente durante as aulas, embora dois dos entrevistados (Marcelo e Camila) utilizam paralelamente ao conteúdo programático reportagens sobre as influências na escolha, mercado de trabalho e vocação, bem como a Revista Veja digitalizada sobre as atualidades do mundo do trabalho.

Foi enfatizado, ainda, a necessidade de serem trabalhados os fatores citados anteriormente durante a formação acadêmica dos professores, porque, na compreensão de Álvaro, há necessidade de incluir no currículo dos cursos de licenciatura disciplinas para ensiná-los a trabalhar com a escolha profissional de seus futuros alunos, ou seja,

[...] quando o professor sai da faculdade, quando ele faz o curso de graduação, ele não tem essa noção de que ele vai trabalhar diretamente com esta questão profissional com os alunos e que ele interfere nisso. Deveria ter mais base e noção na formação de que significa essa interferência. ^(Álvaro)

Sobre esta questão Melo-Silva, Lassance & Soares (2004) questionam se o educador encontra-se preparado para trabalhar com temas relacionados ao mercado de trabalho, escolha da carreira, sexualidade, já que são os cursos de Psicologia e Pedagogia que oferecem disciplinas na área de OP. Assim, “observa-se, portanto, ausência de regulamentação ou de definição de critérios de qualificação do orientador na realidade brasileira”. (p. 43-44)

Pelas colocações feitas, percebe-se a necessidade de ser trabalhada a OP nos cursos de licenciatura ainda durante a graduação, cujo objetivo é a capacitação e formação dos educadores para a área de Orientação Profissional.

2.5 Influências do professor na escolha

A maior parte dos entrevistados teme influenciar o aluno nesse processo, devido à falta de contato entre professor e aluno. Percebe-se em uma das falas de Marcelo tal situação: “eu procuro não influenciar porque passa a cada semestre uma gama de alunos muito grande, se a gente for ficar interferindo a chance de que algum aluno volte arrependido e nos culpe por isso, é muito grande”. Evidencia-se o medo do comprometimento do professor com a escolha profissional do aluno.

Neste aspecto, Whitaker (1997, p. 57) ressalta que,

[...] para escolher uma profissão, é preciso conhecer-lhe o verdadeiro conteúdo. Nenhuma profissão está mecanicamente associada a uma determinada disciplina escolar, a não ser, obviamente, um curso superior naquela mesma disciplina.

Sobre a questão da influência, alguns professores se mostram contraditórios em seus relatos. Dois depoentes, David e Renato, manifestaram exercer influências positivas e negativas, relacionando com a didática em sala de aula e o interesse do aluno pela disciplina. Porém David, no início da entrevista, negou tal afirmação, bem como Renato que, no seu entendimento, relacionou a aversão dos alunos à área de exatas, em específico à Matemática com a não possibilidade de influência na escolha de seu aluno.

No depoimento de Camila observa-se a importância do discurso em sala de aula e o quanto são repletos de significados e interpretações. Foi enfatizado que nenhum discurso é

vazio, particularmente como professora e transmissora do saber, pois “quando você está lá em cima, com o microfone na mão, com trezentos alunos à sua frente o discurso nunca é vazio. Então, de uma forma ou de outra, você acaba manifestando um pouco o seu ponto de vista”.

Nesta perspectiva, Levenfus & Nunes (1997, p. 64) pontuam que

É muito comum que os orientandos façam referência a sentirem influências sobre sua escolha. As influências, sejam elas explícitas ou sutis, existem e devem ser consideradas. É importante que sejam conscientes, pois conhecendo-as, o indivíduo pode utilizá-las de forma positiva e construtiva, selecionando-as e adequando-as aos seus próprios desejos e valores.

A partir disso, foi possível perceber a dificuldade de discernimento dos professores sobre a influência deles no processo de escolha profissional de seus alunos, “na verdade a gente não pára prá pensar nisso”. Assim, acredita-se ser um tema inovador para o docente, que difere dos seus conteúdos programáticos e possibilita novas reflexões em relação à própria prática docente.

2.6 A trajetória da escolha profissional do professor

No momento da escolha profissional do aluno, é importante fazer com que ele conheça a opção profissional do professor e sua trajetória, porque os fatores influentes, as dificuldades na escolha, os sonhos e os desejos vivenciados pelos professores propiciam aos alunos um contato com essa realidade e, como consequência, informação dos possíveis temas pertencentes à sua escolha profissional.

Tais posturas ficaram evidenciadas nas escolhas dos professores, ou seja, Camila, apesar de negar a identificação com a profissão da mãe e a influência do seu professor, optou pelo Curso de Letras após ter cursado um ano de Direito e atribui como um “acontecimento em sua vida”, no sentido de sua opção ter tido uma continuidade na carreira acadêmica e não uma escolha propriamente dita.

Para Camila, a mudança de curso e a aprovação no concurso para ministrar aulas em um cursinho foi um processo de encantamento: “os alunos que me conquistaram, se não fosse por eles, eu não teria ficado”.

Sobre o processo de identificação, Torres (2001, p. 120) afirma que

É através da identificação que reconhecemos os diversos tipos de exercícios profissionais, assim como aprendemos sobre o desempenho deles. E ninguém melhor para mostrarmos isso, senão as pessoas em que confiamos, amamos ou que de alguma forma são admiradas.

Evidencia-se, na escolha de Camila, o processo identificatório com a figura da mãe, embora ela não considere um fator preponderante na sua escolha.

O depoente David teve três opções de cursos e, no seu entendimento, escolheu “*o que sobrou*”, sendo a opção pelo curso de Engenharia Química, devido à disponibilidade integral do professor, o interesse na área de exatas e o *status*. Apesar de nunca ter atuado como engenheiro, atribui à sua escolha a influência do cursinho pela área de exatas. Porém é interessante enfatizar que, como professor, nega a sua influência na escolha profissional de seu aluno.

Foi possível observar que o interesse de David em ser professor está relacionado com a realização profissional e especialmente com a situação econômico financeira favorável, uma vez que, em termos salariais, na concepção do professor, o seu retorno financeiro é superior à renda mensal de um engenheiro químico.

Evidencia-se, nos relatos de David, Álvaro e Marcelo, a importância da estabilidade financeira e a busca de ascensão social na profissão. Pelo fato de Álvaro ser proprietário do cursinho, na visão de Antunes (2003), tal entrevistado não “pertence” à classe-que-vive-do-trabalho, a classe trabalhadora de hoje exclui os proprietários de um capital acumulado que detem o controle no processo de trabalho.

A opção do professor Renato também foi influenciada pelo cursinho, assim como David, apesar de ambos negarem. Renato, no terceiro ano do ensino médio, não tinha um curso definido, mas sempre teve certeza que desejava ser professor pela identificação com seus professores de cursinho, que ministravam aulas de Matemática e eram engenheiros civis. O professor optou por Engenharia Civil e, após ter cursado três anos de faculdade, desistiu para ser professor de Matemática. Conforme suas palavras: “Quando chegou no terceiro ano chegou o ponto que eu tive que escolher ou fazer Engenharia Civil ou continuar dando aula, aí eu escolhi dar aula”.

No seu entendimento optou por Engenharia Civil devido ao “*medo*” da não-estabilidade no mercado de trabalho como apenas professor de Matemática.

Levenfus & Nunes (2002, p. 64) enfatiza o medo presente na escolha, que “de uma forma geral, os medos referem-se a errar na escolha e ser infeliz, ou ter que mudar. Referem-se, também, a pressões internas e externas que contribuem para dificultar a tomada de decisão de mudança, uma vez já estabelecida a escolha”.

Apesar do medo e da insegurança no processo de escolha, Renato, após algum tempo, realizou o desejo de ser professor e cursou Matemática na UEM. Refere-se com orgulho sobre

o interesse e o gosto pela matemática, afirmando que foi algo apreendido e conquistado durante a sua formação.

No caso de Renato, é importante destacar o interesse pela Matemática e a sua dificuldade com essa matéria desde a quinta-série até o terceiro ano do ensino médio. Relata: “sempre fiquei para recuperação em matemática”. Observa-se que o aluno com aptidões e habilidades para uma determinada disciplina não significa ser necessariamente um fator preponderante na escolha da profissão.

Infere-se com base nos relatos dos entrevistados que, ao falarem de suas escolhas e de sua história profissional, falam da escolha do outro, neste caso, do seu aluno. Isto é, o professor, ao falar de si, entende o processo de escolha de seu aluno. Ao se considerar a educação como um processo de formação das relações interpessoais, segundo Leite (1983, p. 250), “[...] a educação para o ‘mundo humano’ se dá num processo de interação constante, em que nos vemos através dos outros, e em que vemos os outros através de nós mesmos”.

Muitas vezes, o professor em sala de aula não apresenta a possibilidade de uma interação legítima, justificada pela quantidade de conteúdo programático e o curto espaço de tempo para cumpri-lo. Estes são fatores que interferem na interação professor-aluno e, conseqüentemente, no processo de escolha.

Sobre as incertezas na escolha, Marcelo optou por Geografia no dia da inscrição do processo seletivo e refere que sua escolha foi ao acaso. Decidiu cursar uma das disciplinas exigidas no vestibular, pelo fato de ter ficado algum tempo sem estudar e não ter condições financeiras para custear um cursinho e, no entanto, se diz ser apaixonado pelo que faz.

De acordo com o discurso citado acima, fica evidente a identificação do mesmo com a maioria dos jovens que escolhem o curso nos últimos dias de inscrição para o vestibular, repleto de incertezas em relação ao seu futuro profissional.

Um outro fator importante é a busca de ascensão social, citado pelo professor de Geografia, apesar da sociedade, em seu entendimento, priorizar profissões de *status*: “para a sociedade, o chique é ser médico, advogado, são coisas assim, mas você pode ser muito feliz, até ter ascensão social. Hoje eu tenho minha casa, meu carro, não sou rico, mas eu vivo bem com a geografia”. (Marcelo)

Conforme Soares (2002, p. 48-49),

Com o aumento de vagas nas universidades a partir da década de 1970, e o crescimento geométrico das vagas na década de 90, a classe média passou a esperar ascender socialmente pelo curso superior. Até então, era sinônimo de status social ter um médico na família. Isso significava para a família ter

muito dinheiro e possibilidades de possuir uma boa casa, um bom carro e viver uma vida tranqüila.

Embora muitos orientandos ainda busquem por um curso superior pensando no prestígio social, ascensão social e particularmente alta remuneração econômica, muitos, também, não consideram a realidade das atuais exigências e transformações do mercado de trabalho, em que antigas atividades estão sendo substituídas por funções inovadoras, criadas pelas exigências do mundo moderno.

Algumas profissões, como Medicina, Direito, ainda representam a imagem de *status* social, porém não se discute o verdadeiro *status* e o papel desempenhado por esses profissionais no contexto sócio-econômico.

Sobre a influência da família na escolha do professor Álvaro, observa-se que a sua opção por Letras e a paixão de ler deve-se à influência do avô que era contador de histórias e o pai que era agricultor e incentivava os filhos para o estudo como uma saída na vida, com possibilidades de mudança e crescimento. Portanto, tal postura evidencia-se na história familiar de Álvaro, que atribui ao estudo a possibilidade de ascensão social e estabilidade financeira.

No decorrer da pesquisa, percebe-se, ainda, algumas características importantes, ou seja, relaciona-se a OP com a escuta da história das profissões familiares, sobretudo no caso de Álvaro, em que a interferência familiar exerceu um papel determinante na sua escolha. Conforme Soares-Lucchiari (1997 b, p. 136),

A família é o lugar privilegiado da incorporação da história e da fabricação dos “herdeiros”. A origem do projeto profissional encontra-se na genealogia, sendo a expressão dos projetos de gerações precedentes do grupo familiar que o produz.

Sobre a questão da filiação, observa-se, em determinadas situações, que as profissões são transmitidas “de pai para filho”. De acordo com Soares-Lucchiari (1997 b, p. 137), “há famílias nas quais os seus membros seguem a mesma profissão após muitas gerações, é de certa forma uma “herança profissional”, semelhante à história de Álvaro, que optou por Letras devido à influência de seus familiares.

Percebe-se que a influência da família também foi um fator determinante na escolha de Manoel, em especial a imposição do pai para que o filho fizesse Medicina. Assim, observa-se a dificuldade do professor para enfrentar a família e ser aceito sobretudo pelo pai, por ter escolhido em fazer Ciências Biológicas e ser professor.

Soares-Lucchiari (1996, p. 15) situa a questão da identificação na família a qual é possível perceber na história da escolha de Manoel,

Os pais têm projetos para o futuro de seu filho, eles desejam que o filho se conforme à imagem que eles projetam sobre ele, eles propõem metas a serem alcançadas, objetivos de vida. Eles investem-no da missão de realizar os sonhos que eles mesmos não puderam realizar.

Foi salientado pelo professor que o fator família é um dos principais obstáculos enfrentados pelo aluno, bem como pelo seu processo de escolha.

Salienta-se a paixão do professor pela Biologia e a importância de escolher uma profissão de acordo com as suas aptidões e seus gostos. A frase significativa de Manoel evidencia os momentos angustiantes de sua escolha: “eu segui a minha vocação, hoje ele (pai) é como se fosse meu fã, mas no começo foi difícil, ele não conseguia entender a minha opção”. Enfatiza o gosto e o prazer por sua profissão, que sintetiza o seu trabalho enquanto professor: “eu sou completamente apaixonado por Biologia, minha vida é a Biologia, tanto que em casa eu tenho quatro canais de televisão, todos eles são voltados para Biologia, minha vida é isso”.

Ao longo da história dos homens, observou-se que o indivíduo nem sempre pôde escolher ou trabalhar naquilo que gostaria. O enfoque era colocar as pessoas certas nos lugares certos para executar determinados trabalhos, diferentemente dos dias atuais em que o indivíduo tem a opção para escolher uma ocupação, bem como conciliar a vocação, os desejos pessoais e os fatores determinantes com a realidade do mundo do trabalho e das profissões.

Articulando tais pontuações na presente pesquisa e considerando as histórias profissionais de cada professor, foi possível observar que os personagens participantes do espetáculo, quando falam de suas escolhas, falam três vezes mais, sendo possível perceber os sentimentos de prazer e satisfação na realização profissional, descontração nas falas, consciência de possíveis influências em cada trajetória da escolha.

Assim, o professor, ao falar de si e de sua escolha, “*se dá conta*”^(Manoel) de suas influências e, a partir disso, consegue compreender a escolha do outro, isto é, de seu aluno e demonstrar a si e aos outros o quanto são apaixonados por serem professores e realizados profissionalmente.

2.7 Orientação Profissional

A maioria dos entrevistados teve dificuldade para falar sobre a prática de OP desenvolvida nos cursos pré-vestibulares. Muitos afirmaram ser um trabalho baseado apenas em testes vocacionais e, dessa forma, concluíram ser um trabalho não eficaz de orientação para uma futura profissão.

Foi colocado anteriormente que o surgimento da OP se deu durante a primeira Guerra Mundial, com o desenvolvimento da psicometria, ou seja, os testes vocacionais de aptidões e habilidades com o enfoque de colocar o homem certo no lugar certo. Porém, nos dias de hoje, não se pode restringir a prática da OP a esses resultados, notadamente pelos fatores intrínsecos e extrínsecos vivenciados no cotidiano do orientando.

Três dos entrevistados compreendem que o processo de OP se reduz a uma bateria de testes com o objetivo de identificar a área de interesse do aluno. Afirmam, nos relatos, que os testes auxiliam o aluno apenas no conhecimento da área e não, necessariamente, da profissão propriamente dita.

Um outro aspecto relevante sobre a OP é que alguns entrevistados evidenciaram a importância da informação profissional aos alunos sobre os cursos ofertados pelas universidades e faculdades, áreas de atuação, mercado de trabalho, entre outros. Neste aspecto, Melo-Silva, Lassance & Soares (2004, p. 41) esclarecem sobre o grau de abrangência da OP.

No contexto brasileiro, a OP é compreendida como a ajuda para a tomada de decisão em momentos específicos, tais como: a passagem de um ciclo educativo a outro; a transição dos estudos ao mundo do trabalho; mudanças de ocupação ou emprego ou preparação e adaptação para a aposentadoria.

Um dos entrevistados, o professor Marcelo, relata que em suas aulas, desenvolve e cria diferentes técnicas que envolvem situações do mundo do trabalho. No entendimento do professor, tem como proposta confrontá-las com a realidade dos alunos. Conforme seu relato:

Eu faço com eles que é pegar o Brasil de 1930, do avô deles, e trabalhar esse Brasil. Assim, o que o avô fazia e porque o avô foi demitido da propriedade, porque chegou o trator, mecanizou e, agora, o avô foi dispensado. E aí o avô veio pra cidade, e aí eu venho até a década de 90, quase que avô já tá um 'retalho', imagina, e esse avô em 1990 trabalhava num escritório de contabilidade e aí chega o computador, e quando o computador chega que começa a haver uma revolução toda e vários empregos são substituídos, várias pessoas são substituídas pelo computador, e o avô que trabalhava no escritório de contabilidade tava lá para ser substituído e aí eu chamo eles pra vivenciarem os dois momentos:

Primeiramente, os donos da fazenda, quem é o profissional que eles querem que fiquem, e aí eles me dizem que ele saiba pilotar trator. Precisa de mais qualificação? Não, e aí eu trago eles para 1990, qual é a qualificação que o cara que vai ficar no escritório de contabilidade tem? E aí eles colocam: dominar inglês, informática, espanhol, assim, eu vou deixando eles colocarem, quando chega no final eles têm aquela lista e eu brinco com eles, esse cara daqui era de 1990, nós estamos em 2005, qual é a tua qualificação profissional, e aí você vê que eles se chocam muito com essa realidade.

Foi possível perceber pelo relato acima a realização de uma das técnicas possíveis de serem utilizadas em um processo de OP, sendo uma atividade de informação e reflexão sobre o mundo do trabalho contemporâneo. Porém acredita-se que Marcelo não associou a sua conduta com uma das práticas possíveis de serem desenvolvidas na OP.

Um outro fator importante, referido por Camila, é a questão da formação do profissional de OP. Percebe-se, em seu relato, a necessidade de ser realizado o trabalho de OP por um profissional de Psicologia com especialização e/ou formação na área.

Sobre o papel do orientador Lassance & Sparta (2003, p. 17-18) salientam que, em tal contexto para que as práticas da OP brasileira possam ajudar na mudança social, é necessário:

[...] que o orientador profissional possua uma fundamentação teórica sólida, que embase seu trabalho prático. [...] que conheça as mudanças atuais no mundo do trabalho e oriente o jovem para as incertezas e instabilidades que dela advém. [...] e, por fim, é imprescindível que o orientador profissional aceite o caráter político e ideológico do seu trabalho e o compromisso social a ele inerente.

Observa-se, na prática de muitos orientadores profissionais, o descompromisso social com a OP e, sobretudo, a ausência de reflexões sobre as transformações do mundo do trabalho. Por isso foi criada, em 1993, a Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP), uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos que congrega orientadores profissionais do Brasil, e uma das preocupações evidentes tem sido a formação e capacitação desses orientadores.

A ABOP e seus filiados agem em prol dessa formação, realizando trabalhos e pesquisas em OP, organizando e apoiando eventos relacionados à OP, ministrando cursos de formação, especialização e extensão, bem como, a publicação semestral da *Revista Brasileira de Orientadores Profissionais*. A partir de seu trabalho, houve, no Brasil, o surgimento de novos orientadores profissionais, com posturas inovadoras e a criação de novos espaços institucionais no mundo do trabalho.

Em relação aos professores, um dos entrevistados reconhece a importância da escolha profissional como “*um dar-se conta*” (Manoel) em preservar o lado humano, bem como reavaliar sua postura como professor no difícil processo de escolha de seu aluno. Devido à falta de tempo, a preocupação com as apostilas e boa qualidade de ensino, segundo Manoel, “esquece-se o lado humano, que não existe só um número, não existe só mais um aluno, é um ser humano que às vezes está em conflito, está perdido em relação a sua escolha”. (Manoel)

Nas respostas apresentadas pelos entrevistados, possíveis questionamentos podem ser feitos à direção de colégios e cursinhos para a implantação de novas propostas de OP, tais como, palestras com profissionais especializados e semana de profissões. Como um todo, percebe-se o engajamento dos professores, embora não haja percepção por parte deles e/ou associação de sua preocupação com a prática de orientação profissional.

3 A FUNÇÃO DOS CURSINHOS NA ESCOLHA PROFISSIONAL DO ALUNO NA CONCEPÇÃO DO PROFESSOR

Embora em graus diferentes, os entrevistados em geral, tiveram a percepção de que os cursinhos não participam diretamente na escolha profissional de seu aluno.

A preocupação primordial dos cursos pré-vestibulares encontra-se relacionada à aprovação do aluno no concurso vestibular independentemente da opção profissional. Porém um dos depoentes salienta a desvantagem do cursinho em orientar o aluno na escolha devido à desistência e/ou diminuição pelo interesse nas vagas de Medicina e, como consequência, o número reduzido de alunos matriculados no cursinho. A opção do aluno por Medicina, um dos cursos mais elitizados, excludentes e de maior procura, possibilita aos cursos pré-vestibulares *status* na aprovação, maior divulgação da instituição e, como consequência, mais alunos matriculados.

Conforme Soares, Sestren e Ehlke (2002, p. 260),

Apesar de os professores estarem em contato diariamente com os alunos, podemos acreditar, baseadas nos depoimentos dos próprios orientandos, que pouco discutem acerca da informação profissional. Geralmente a ênfase dada é somente para que o aluno passe no vestibular (especialmente para os cursos mais concorridos), sem preocupar-se com a visão e o conhecimento que a pessoa tenha da profissão.

Os professores salientaram dois aspectos importantes para análise: o ambiente cursinho é favorável ao aluno com dificuldade na escolha e o quanto esse ambiente

proporciona informação profissional. Na primeira situação, os cursos pré-vestibulares auxiliam indiretamente o aluno pela vivência e contato com os profissionais da área da educação, bem como os colegas de sala, uma vez que “ali tem o engenheiro que dá aula de Matemática, tem o médico que dá aula de Biologia, então acaba sendo um conjunto de profissionais da área da educação, mas que também fizeram outra graduação”. (Camila)

No aspecto seguinte a informação é restrita e indireta, porque, de acordo com os entrevistados, fica evidente o não comprometimento do professor e do cursinho em relação à informação sobre as profissões e áreas de atuação durante as aulas. Constatou-se no relato de um dos entrevistados tal afirmação: “quanto a isso as aulas de cursinho não mostram o que o profissional faz no dia a dia”. (Manoel)

Uma das formas do cursinho amenizar o descompromisso em relação à escolha foi colocar à disposição dos alunos interessados um serviço de OP terceirizado, realizado por um profissional da área de Psicologia sem vínculo empregatício com a instituição escolar.

Entre os entrevistados, ficou patente a falta de informação detalhada e o desconhecimento sobre o trabalho de OP quando desenvolvido nos cursinhos. Contudo, dois dos depoentes demonstraram valorizar a prática da OP como algo necessário e indispensável à vida pessoal e profissional do indivíduo, evidenciando a importância de “sermos felizes naquilo que escolhemos para as nossas vidas”. (Manoel)

Conforme percebido e sugerido pelos professores, constatou-se a necessidade de um serviço de OP obrigatório e incluso na grade curricular dos colégios e cursos pré-vestibulares, sendo oferecido a todos os alunos matriculados no estabelecimento, bem como a inserção da disciplina de OP nos currículos de licenciatura de graduação.

Lisboa e Mauro (1993, p. 101) evidenciam que o trabalho de OP seria,

[...] destinado a profissionais da educação, visando a elaboração da identidade profissional de quem trabalha com crianças e adolescentes e o conhecimento mais profundo – ao nível psicológico – da população com que estão trabalhando. Observamos a falta de embasamento teórico do educador, formado em cursos de Magistério e Pedagogia, no que tange à compreensão da dinâmica evolutiva da criança e do adolescente, base que daria o suporte para um convívio diário voltado para a orientação da problemática dessas fases, em geral, e para a questão da escolha da profissão, inserida na etapa da adolescência.

De uma maneira geral, os cursinhos não participam e não se responsabilizam pela escolha profissional do aluno. Segundo os entrevistados, apenas algumas instituições na cidade de Maringá-PR e região oferecem profissionais terceirizados como prestadores de

serviços para desenvolver um trabalho de OP sendo cobrado e disponibilizado aos alunos interessados. Ressalta-se que a desinformação dos professores em relação aos trabalhos desenvolvidos impossibilitou maiores esclarecimentos para a análise da pesquisa.

EPÍLOGO

Considerando os objetivos e os resultados da pesquisa, pretende-se apresentar as principais conclusões deste estudo, bem como uma proposta de intervenção com algumas recomendações e sugestões aos cursinhos sobre a questão da escolha profissional do aluno.

O presente estudo, ao estabelecer como objetivo analisar a compreensão e participação dos professores de cursos pré-vestibulares sobre a escolha profissional de seus alunos, pode-se afirmar que atingiu seu intento. De uma maneira geral, percebe-se o entendimento dos professores sobre tal processo, porém apresentaram dificuldade para falar sobre a escolha profissional, sobretudo ao referir-se aos seus alunos.

Alguns entrevistados relacionaram a dificuldade de compreensão sobre a escolha profissional com a falta de contato interpessoal com seus alunos. Nesse caso, justificaram a inexistência das relações interpessoais devido ao número exacerbado de alunos presentes em uma sala de aula de curso pré-vestibular.

Os cursinhos, além de suprirem as carências do ensino médio, são instituições específicas de preparação para os exames de acesso ao ensino superior, cujo conteúdo programático baseia-se nos exames vestibulares e são apresentados em turmas superlotadas, com uma preocupação primordial relacionada à aprovação dos alunos no concurso e como conseqüência maior índice de divulgação e propaganda dos cursinhos para a obtenção de novos futuros alunos. Neste aspecto, a importância da relação professor-aluno e a escolha profissional encontram-se em segundo plano ou até mesmo inexistem nos planos dos cursinhos.

Entretanto, sobre a compreensão dos professores em relação à escolha profissional de seus alunos, salientaram, com certo grau de consciência, que estes não apresentam uma escolha propriamente dita, devido a diversos fatores, tais como: a imaturidade do adolescente na identificação de seus gostos, interesses e atividade laboral; o desconhecimento dos fatores familiares, sociais, econômicos influentes na escolha; e a priorização do aluno na busca de uma formação, como tentativa de suprir as necessidades advindas do mundo do trabalho.

Na visão dos professores, a realização pessoal e profissional, o desejo e a satisfação de exercer tal profissão não aparecem na escolha profissional de seus alunos.

Sobre a participação dos professores na escolha profissional, percebe-se a prática da informação profissional esporádica, apenas quando o aluno solicita nos corredores do cursinho, e restrita, já que os professores esclarecem dúvidas em relação a determinados cursos de graduação conforme sua formação acadêmica, informações sobre o mercado de trabalho e as áreas de atuação.

A participação dos professores na escolha profissional, quando ocorre ocupa um lugar de escuta da história de vida do aluno. Constata-se em um dos depoimentos a não manifestação de opinião no momento de escolha de seu aluno, apenas a utilização da escuta para entender tal processo, porém ocorre apenas com a solicitação do aluno.

A maioria dos respondentes concluíram que, durante as aulas, não são desenvolvidas atividades voltadas para a escolha profissional, sendo justificada pela falta de tempo em sala, visto que uma das exigências dos cursos pré-vestibulares é o cumprimento total do conteúdo programático. Embora existam preocupações excessivas com o término de apostilas, o que possibilita ao professor pouca autonomia, eles, indiretamente durante as aulas, realizam informações profissionais associadas ao conteúdo. Porém eles não percebem o seu engajamento com a escolha profissional de seu aluno e o quanto podem orientá-los seus alunos enquanto ensinam o conteúdo. De fato, existe uma participação dos professores na escolha, apesar deles negarem tal processo.

Apenas dois dos entrevistados trabalham, paralelamente ao conteúdo da sua matéria, com discussões sobre as influências na escolha, as atualidades do mercado de trabalho e vocação, por intermédio de reportagens, produções de textos e a apresentação em sala da Revista Veja digitalizada.

Com relação aos fatores determinantes na escolha, os professores reconhecem o papel da família como uma das principais dificuldades enfrentadas pelos jovens no processo de escolha. As expectativas da família, bem como o estabelecimento de metas e objetivos do pai para o filho em relação ao seu futuro profissional podem dificultar um conhecimento mais amplo sobre as profissões e limitar o jovem ou sequer deixá-lo pensar sobre outras alternativas profissionais.

Outros fatores foram priorizados pelos entrevistados em relação à dificuldade do aluno em escolher uma profissão. Um deles é a questão da imaturidade do jovem em tomar uma decisão importante para a vida, podendo ser muitas vezes impulsivo em suas escolhas, indeciso e despreparado para assumir tal responsabilidade. A falta de informação sobre as profissões, áreas de atuação e as incertezas do mercado de trabalho também impedem-no de escolher uma profissão de acordo com seus gostos e interesses.

Relembrando o trecho do poema de Helena Kolody “a vida é uma escolha colada de renúncias”, fica evidenciado que o adolescente, ao realizar suas escolhas, tem inúmeras renúncias com as quais se defronta. Podem ser ocasionadas pela falta de informação, falta de experiência, pressão familiar, dificuldade de inserção no mercado de trabalho, entre outros, ou

seja, não é simplesmente a escolha de uma profissão, mas o abandono de tantas outras, o luto pelo não escolhido para desempenhar um novo papel na sociedade.

Sabe-se que a demanda no ensino superior aumentou devido à busca do jovem para melhorias de renda e emprego, porém, comparado ao restante da população, é a minoria que possui nível superior e, além disso, dentro dessa estimativa, constata-se a evasão nos cursos de graduação. Muitos casos são de estudantes desistentes que tiveram dificuldades em escolher uma profissão por causa de escolhas apressadas, as influências familiares, falta de informação profissional e o desconhecimento das transformações do mundo do trabalho.

É importante ressaltar a necessidade de serem trabalhados tais fatores citados anteriormente ainda durante a formação acadêmica dos professores. Um dos entrevistados sugere a inclusão, nos currículos dos cursos de licenciatura, de disciplinas voltadas para a questão da escolha profissional de seus futuros alunos.

Quanto ao lugar que o professor ocupa nessa escolha, entre os entrevistados percebe-se um lugar de identificação, ou seja, o aluno identifica-se com a postura do professor e com o seu trabalho em sala de aula. Neste aspecto, enfatiza-se o quanto a paixão e o prazer de ser professor possibilita ao aluno tal processo identificatório no momento de sua escolha.

Percebe-se, ainda, que alguns professores ocupam um lugar relacionado à informação na diferenciação dos campos de atuação de áreas afins, informações profissionais e noções sobre o mercado de trabalho. Conforme salientado anteriormente, tal processo ocorre apenas com a solicitação do aluno, porque, devido à falta de tempo disponível dos professores, as dúvidas são esclarecidas nos corredores dos cursinhos.

Um dos depoentes afirma que a disciplina de redação ocupa um lugar de importância aos alunos pela exigência da prova escrita nos exames vestibulares. Com base nisso, é possível, durante as aulas de redação, a promoção de discussões e produções de textos relacionados à escolha profissional.

Sobre a trajetória da escolha do professor, percebe-se entre os entrevistados que, ao falarem sobre suas histórias profissionais, falam, de forma descontraída, sobre a sua profissão, a paixão de ser professor, as influências que tiveram no processo de escolha, particularmente familiar. Demonstraram durante a entrevista, portanto, seus sentimentos de prazer e satisfação na realização profissional.

De acordo com os resultados da pesquisa, o professor, ao falar de si e de suas escolhas, “se dá conta” de suas influências e consegue compreender a escolha do outro, de seu aluno, bem como demonstrar a si e aos outros o quanto é apaixonado por ser professor e realizado profissionalmente.

No que se refere à visão dos professores com relação à prática da Orientação Profissional, constatou-se que mais da metade deles teve dificuldade para falar sobre algum trabalho de OP desenvolvido nos cursinhos. Muitos, ainda, relacionam a OP com testes vocacionais de aptidões e habilidades utilizados para a adaptação do homem ao mundo do trabalho.

Sobre esta questão, é importante elucidar os educadores sobre a questão da escolha da profissão e o possível comprometimento com a OP. Por ação ou omissão, eles ocupam um espaço que orienta seus alunos no processo de escolha de uma profissão. Acredita-se na participação dos professores, embora não haja percepção por parte deles, informação e/ou associação de sua preocupação com uma área do conhecimento a OP.

Com relação à participação dos cursos pré-vestibulares no processo de escolha profissional do aluno, os professores caracterizam o cursinho como um ambiente favorável para o jovem escolher a sua profissão, devido à vivência com colegas que apresentam um objetivo comum: “escolher uma profissão e passar no vestibular”, além do contato com os profissionais da área da educação. Entretanto a maioria afirma a não participação dos cursinhos na escolha e a restrição de serviços oferecidos na área de OP aos alunos, embora algumas instituições ofereçam OP terceirizada, conforme anteriormente explicitado.

Os professores valorizam a importância da OP como algo necessário e indispensável à vida de seu aluno e dão suporte para possíveis questionamentos a serem feitos a direções e coordenadores de cursinhos e elaborações de novas propostas, tais como, palestras com profissionais especializados, Orientação Profissional como um serviço obrigatório na grade curricular dos colégios e cursinhos, semana de profissões, entre outros.

Nesta pesquisa, pretendeu-se pensar o curso pré-vestibular como um processo em que as pessoas se relacionam e muitas delas necessitam de auxílio. É necessário que os cursinhos juntamente com os coordenadores pedagógicos desenvolvam tal preocupação com o lado humano do indivíduo que se encontra em conflito mediante a dificuldade de escolher a sua profissão. Portanto, nesta pesquisa, os atores são personagens do espetáculo, têm um história, cada um deles desenvolve um papel no mundo do trabalho como professores de cursinhos num determinado cenário.

O presente estudo, ao dar relevância à OP e à vida educacional do aluno, prioriza a importância do compromisso das instituições de ensino com a escolha profissional e não apenas com as aprovações nos vestibulares e, conseqüentemente, obter *status* e propaganda para a conquista de novos futuros alunos.

De acordo com o estudo realizado, constata-se a necessidade de incluir a participação dos professores na escolha profissional de seus alunos e a contemplação de um espaço para atividades que favoreçam tal escolha, inseridas no contexto educacional dos cursos pré-vestibulares.

Ante as necessidades detectadas, a presente pesquisa apresenta uma proposta de intervenção para os cursos pré-vestibulares, bem como para os professores:

- ❖ Serviço obrigatório de OP nos cursinhos;
- ❖ Formação dos educadores para auxiliá-los no trabalho com a escolha profissional de seus futuros alunos, devido ao grau de influência que exercem nesse processo;
- ❖ Disponibilidade de tempo do professor para discutir sobre a escolha profissional em sala de aula;
- ❖ Propiciar aos alunos visitas de profissionais nos cursinhos (informação profissional);
- ❖ Semana de profissões;
- ❖ Promover um espaço para que o professor conte aos seus alunos a história de sua escolha, a sua trajetória profissional de forma a ilustrar aos alunos as dificuldades vivenciadas por ele no momento da sua escolha – possibilidade de identificação com o profissional.

Esta proposta objetiva instrumentalizar os principais personagens dos cursos pré-vestibulares pela inserção da Orientação Profissional na grade curricular e na formação dos educadores. Acredita-se que os alunos mais decididos, com mais certezas nas escolhas, estabelecem objetivos e metas, têm vontade de aprender e estudar; portanto, apresentam confiança e segurança e obtêm, como consequência, a aprovação no vestibular e a realização pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Revista Caderno de Pesquisas**. São Paulo, n. 77, p. 53-61, maio, 1991.

ANTUNES, R. **Sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2003.

BACCHETTO, J. G. **Cursinhos pré-vestibulares alternativos no Município de São Paulo (1991-2000):** A luta de igualdade no acesso ao ensino superior. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-USP, 2003.

BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. **Caderno CEDES**. São Paulo, v.19, n.44, p.19-32, Abr., 1998.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: Uma revisão. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 189-217.

BRENNER, C. **Noções básicas de psicanálise:** introdução à psicologia psicanalítica. 3. ed, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

BIANCHETTI, L. **Angústia no vestibular:** indicações para pais e professores. Passo Fundo, RS: Ediupf, 1996.

BUENO, F. S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Coord.). **Educação: caminho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

CRUZ, N. O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p: 51-66.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p: 67-80.

GUIMARÃES, S. **Como se faz a indústria do vestibular**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1984.

HAMBURGUER, E. W. **Seletividade social e o vestibular**. In: **Seminários vestibular hoje: coletânea de textos**. Brasília: MEC, set. 1987. p. 153-159.

HARNIK, S. Má escolha é maior causa de evasão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/publicacoes>>. Acesso em 25 jan. 2006.

KRAWULSKI, E. A orientação profissional e o significado do trabalho. **Revista da Brasileira de Orientação Profissional**. Porto Alegre, RS, v. 2, n. 1, p. 5-19, 1998.

KOLOGY, H. **Poesia elogio do poeta**. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/poesia/rkamilta.html>>. Acesso em 24 fev. 2006

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

LASSANCE, M. C.; SPARTA, M. A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Porto Alegre, RS, v. 4, n. 1/2, p. 13-19, 2003.

LEITE, D. M. Educação e relações interpessoais. In: PATTO, M. H. S. **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: T.A Queiroz, 1983.

LEVENFUS, R. S. O ato de escolher. In: LEVENFUS, R. S. (cols.). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. Principais temas abordados por jovens centrados na escolha profissional. In: LEVENFUS, R.; SOARES, D. H. P. **Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002. p. 61-78.

LIMA, H. I.; FRANÇA, F. A. S. O acesso ao ensino superior no Brasil: resgatando a história do vestibular (1925-1961). **Educação Brasileira**. Brasília: v. 24, n. 48 e 49, p. 125-150, jan/dez, 2002.

LISBOA, M. D. Orientação profissional e mundo do trabalho: Reflexões sobre uma nova proposta frente a um novo cenário. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. **Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

LISBOA, M. D.; MAURO, D. Conscientização para as questões da escolha da profissão: Uma abordagem integrada. In: LUCCHIARI, D. H. P. S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo, SP: Summus, 1993. p. 96-106.

LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. São Paulo: Summus, 2000.

LUCCHIARI, D. H. P. S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo, SP: Summus, 1993.

LUNA, I. N. Identidade profissional: prazer e sofrimento no mundo do trabalho. **Psicologia Revista São Paulo**. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-51, maio/2001.

MARTINS, H. H. T. S. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação. **Tempo Social: Revista Sociológica USP**. São Paulo. v. 13, n. 2, p. 61-87, nov. 2001.

MARX, K. O processo de trabalho e processo de produzir mais valia. In: _____. **O capital**. Liv. 1, v. 1, cap. V. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MELO-SILVA, L. L.; LASSANCE, M. C. P.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Porto Alegre, RS, v. 5, n. 2, p. 31-52, 2004.

OLIVE, A. C. Histórico da educação superior no Brasil. In: SOARES, M. S. A. (Org.). **A educação superior no Brasil**. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002. p.31-106.

PIMENTA, S.G. **Orientação vocacional e decisão**: Um estudo crítico da situação no Brasil. 2 ed. São Paulo, SP: Loyola, 1981.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

REVERBEL, O. **Teatro na sala de aula**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

RIBEIRO NETO, A. O vestibular ao longo do tempo: implicações e implicâncias. In: **Seminários vestibular hoje: coletânea de textos**. Brasília: MEC, set. 1987. p. 17-27.

RIBEIRO, S. C. A visão de professores e alunos das IES hoje. In: **Seminários vestibular hoje: coletânea de textos**. Brasília: MEC, set. 1987. p. 29-40.

SANTOS, W. Ainda o vestibular. **Revista de Estudos Universitários** – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, v. 14, n. 1, p. 76-82, dez, 1988.

SARRIERA, J. C. (Org). **Desafios do mundo do trabalho**: orientação, inserção e mudanças. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo, SP: Summus, 2002.

SOARES, D. H. P. **O que é a escolha profissional**. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).

SOARES-LUCCHIARI, D. H. **Choix professionnel: Projet des parents & projet des adolescents**. Tese de Doutorado da Universidade Louis Pasteur – Strasbourg, França, 1996.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. O ideal de ego e o projeto de futuro profissional dos adolescentes. In: LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997a.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. Uma abordagem genealógica a partir do geneprofissiograma e do teste dos três personagens. In: LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997b.

SOARES, D. H. P; SESTREN, G.; EHLKE, S. B. A influência da percepção dos jovens sobre o mercado de trabalho na escolha profissional. **Revista Contrapontos**. ano 2, n. 5, p. 251-263, maio/ago.2002.

SZYMANSKI, H. **Entrevista reflexiva**: Um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. **Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação**. PUC-SP. São Paulo, SP, n. 10/11, p. 193-215, 1. e 2. sem. 2000.

TORRES, M .L. C. **Orientação profissional clínica**: uma interlocução com conceitos psicanalíticos. Belo Horizonte, BH: Autêntica, 2001.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **A universidade brasileira**. Disponível em: <http://www.unb.br/lef/brasilemquestao/noticias_universidades>. Acesso em: 23 jan. 2006.

VALORE, L. A. Orientação profissional em grupo na escola pública: direções possíveis, desafios necessários. In: LEVENFUS, R.; SOARES, D. H. P. **Orientação vocacional ocupacional**: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 8. ed. São Paulo, SP: Pioneira, 1994.

WHITAKER, D. **Escolha da carreira e globalização**. 11. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

ZANELLA, A. V.; DA ROS, S. Z. Constituição do sujeito, socialização/apropriação do conhecimento e formação em serviço. **Revista de Ciências Humanas**. UFSC. Florianópolis, SC, edição especial temática, p. 53-69, 2000.

APÊNDICE A

A ROTEIRO DE ENTREVISTA

Sujeito (nome fictício) _____
Local da entrevista: _____
Data: ____/____/2005

Dados pessoais:

Sexo:

Idade:

Estado civil:

Naturalidade:

Formação escolar: Graduação/Pós-Graduação (Especialização, Mestrado, Doutorado):

Tempo de atuação na área de docência em cursinhos:

Disciplina ministrada:

Cursos pré-vestibulares que atua:

Quantidade de cidades que trabalha:

Quantidade de horas semanais de trabalho:

Roteiro

- 1) O que você entende por escolha profissional de seu aluno?
- 2) Você acha que ocupa algum "lugar" na escolha profissional de seu aluno? Qual?
- 3) Existe uma situação de algum aluno em cujo processo de escolha você tenha participado?
Você poderia relatá-lo?
- 4) Você percebe alguma dificuldade do aluno em escolher uma profissão? Qual?
- 5) Em sala de aula, você trabalha essa dificuldade? Como?
- 6) Você participa na escolha do aluno? De que forma?
- 7) Você acha que exerce influência sobre seus alunos?
- 8) Os alunos perguntam sobre a sua escolha profissional? O que você fala para eles?

- 9) Na sua opinião, o curso pré-vestibular auxilia o aluno na escolha profissional? De que maneira?
- 10) Qual é a sua compreensão sobre Orientação Profissional? E qual a sua opinião sobre este trabalho?
- 11) Se uma pessoa chegasse até você e falasse que está em dúvida sobre a opção de procurar um emprego ou de prestar vestibular, o que você responderia?
- 12) Relate um caso em que você teve “sucesso” e “fracasso” em relação à participação na escolha profissional de seu aluno.
- 13) Você teria mais alguma coisa que julga importante e ainda não foi relatado?

APÊNDICE B

B PERFIL RESUMIDO DOS CURSINHOS

- 1) Histórico
- 2) Ano de início
- 3) Número de alunos matriculados
- 4) Horários de aulas e períodos
- 5) Número de professores
- 6) Critério de seleção dos professores
- 7) Perfil do aluno
- 8) Atividades oferecidas
- 9) Aulas diferenciadas
- 10) Filiais (cidades)

APÊNDICE C

C CARTA DE INFORMAÇÕES AOS SUJEITOS DA PESQUISA

Maringá, junho de 2005.

Prezado(a) Professor(a)

A pesquisa "Professores de Cursos Pré-Vestibulares e Escolha Profissional de seus alunos" tem o objetivo de investigar a compreensão dos professores de cursos pré-vestibulares sobre a escolha profissional de seus (suas) alunos(as). O resultado apurado será utilizado na dissertação de mestrado desta pesquisadora junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Dulce Helena Penna Soares.

Ressalto que os procedimentos metodológicos obedecem aos preceitos éticos implicados na pesquisa com seres humanos, conforme as resoluções do Conselho Nacional de Saúde, 196/96 e do Conselho Federal de Psicologia 16/2000, que incluem sigilo quanto a identidade do participante, liberdade de adesão voluntária ao estudo e garantia da utilização dos dados para fins específicos desse estudo.

Esteja certo de que você poderá, em qualquer momento da pesquisa, desistir de participar sem qualquer constrangimento.

Agradeço sua colaboração e fica estabelecido o compromisso de notificação do andamento e dos resultados desta pesquisa.

Atenciosamente,

Contatos:

Patrícia Freitas (patriciaf@bol.com.br)

Fones: (44) 225-2050 e/ou (44) 9962-4021

APÊNDICE D

D TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

EU _____
sujeito da pesquisa, após a leitura da Carta de Informação ao Sujeito da Pesquisa, ciente dos serviços e procedimentos aos quais a pesquisa "Professores de Cursos Pré-Vestibulares e Escolha Profissional de seus alunos" está submetida, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo o CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO para participar da pesquisa proposta.

Fica claro que como sujeito da pesquisa ou o representante legal podem a qualquer momento retirar o CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo da referida pesquisa e ficando ciente de que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada e respeitado pelo sigilo profissional.

Maringá, _____ de _____ de 2004.

Assinatura: _____

E-mail:

Fone: